

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO**

VAGNER ANDRÉ MORAIS PINTO

**GÊNERO E VIVÊNCIA COTIDIANA NA INSTITUIÇÃO DO ESPAÇO DA
PRODUÇÃO CIENTÍFICA GEOGRÁFICA PARANAENSE**

**PONTA GROSSA
2017**

VAGNER ANDRÉ MORAIS PINTO

**GÊNERO E VIVÊNCIA COTIDIANA NA INSTITUIÇÃO DO ESPAÇO DA
PRODUÇÃO CIENTÍFICA GEOGRÁFICA PARANAENSE**

Dissertação apresentada para a obtenção do título de mestre na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Programa de Pós-Graduação em Geografia, curso de Mestrado em Gestão do Território.

Orientadora: Prof^a Dr^a Joseli Maria Silva.

**PONTA GROSSA
2017**

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

P659 Pinto, Vagner André Moraes
 Gênero e vivência cotidiana na
 instituição do espaço da produção
 científica geográfica paranaense/ Vagner
 André Moraes Pinto. Ponta Grossa, 2017.
 141f.

 Dissertação (Mestrado em Gestão do
 Território - Área de Concentração: Gestão
 do Território: Sociedade e Natureza),
 Universidade Estadual de Ponta Grossa.
 Orientadora: Prof^a Dr^a Joseli Maria
 Silva.

 1.Gênero. 2.Espaço acadêmico.
 3.Produção científica. I.Silva, Joseli
 Maria. II. Universidade Estadual de Ponta
 Grossa. Mestrado em Gestão do Território.
 III. T.

CDD: 001.42

TERMO DE APROVAÇÃO

VAGNER ANDRÉ MORAIS PINTO

**“GÊNERO E VIVÊNCIA COTIDIANA NA INSTITUIÇÃO DO ESPAÇO DA
PRODUÇÃO CIENTÍFICA GEOGRÁFICA PARANAENSE”**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:



Orientador: Profª Drª Joseli Maria Silva - UEPG



Profª Drª Cláudia Luisa Zeferino Pires - UFRGS



Prof. Dr. Alides Baptista Chimin Junior - UNICENTRO

Ponta Grossa, 24 de março de 2017.

Ao meu pai Angelo (*in memoriam*), que nunca
poupou esforços para a minha formação,
conservando sempre o otimismo no sorriso, a
humildade no olhar e a coragem no coração.

AGRADECIMENTOS

À minha família, sobretudo minha mãe Oraci, pelo zelo infindável.

À minha namorada Juliane, companheira de aventuras e no compartilhamento das alegrias e tristezas da vida.

Às professoras e professores que dispuseram uma valiosa fatia de seu tempo na contribuição deste trabalho.

Às(os) colegas de labor no Grupo de Estudos Territoriais (GETE), pela rica vivência.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de bolsas de pesquisa no período de 24 meses.

Ao Prof. Edson, pelo auxílio metodológico.

À Prof.^a Adriana, pela apreciação do Relatório de Qualificação que resultou em críticas e sugestões salutaras.

Ao Prof. Marcio, pelas constantes e fundamentais discussões no desenvolvimento da pesquisa.

À Prof.^a Joseli, profunda gratidão pela parceria amiga e pelo diálogo sempre irreverente, construtivo e humano.

RESUMO

PINTO, Vagner André Moraes. **Gênero e vivência cotidiana na instituição do espaço da produção científica geográfica paranaense**. 2017. 141f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) - Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2017.

Esta pesquisa possui por finalidade compreender como o gênero compõe o perfil de produção científica geográfica nos espaços acadêmicos de IES públicas paranaenses. Utilizaram-se diferentes procedimentos metodológicos a fim de conferir inteligibilidade ao fenômeno estudado. Primeiramente, foi organizado um banco de dados de artigos científicos de 90 periódicos *on-line* da área geográfica, classificados pelo *Sistema Qualis* da CAPES em todos os estratos classificatórios do triênio 2013-2015. Outro levantamento realizado sobre docentes e sua produção intelectual ocorreu através das plataformas digitais *Lattes*, *Sucupira* e *Google Scholar*, bem como nos sites dos Programas de Pós-graduação em Geografia no Paraná. Por fim, foram realizados questionamentos adaptados do modelo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para a Pesquisa Piloto de Uso do Tempo e complementado por questões abertas. Foram entrevistados(as) 20 pesquisadores(as) (dez mulheres e dez homens) vinculados(as) ao quadro permanente dos Programas de Pós-Graduação em Geografia no estado do Paraná, sendo que tais entrevistas sistematizadas a partir de metodologia proposta por Silva e Silva (2016). A pesquisa permite afirmar que há uma diferença de produtividade entre mulheres e homens na produção científica do Paraná. As mulheres representam 41,13% do total de artigos produzidos no período de 1983 a 2013. Além disso, as mulheres publicam de modo escasso em revistas com melhor qualificação segundo critérios *Qualis*. Elas representam apenas 15,25% das publicações classificadas como A1 e 36,03% como A2. A mulher com maior produtividade ocupa o sétimo lugar entre os(as) pesquisadores(as) com maior número de artigos publicados. O impacto das teorias masculinas é marcante, com os homens correspondendo a 3 dos(as) 4 cientistas com maior índice de citações no campo geográfico. Portanto a estrutura da produção científica possui um componente de gênero. Contudo, os(as) docentes pesquisadores(as), de forma majoritária, não concordam que o gênero seja um elemento que influencie sua produção acadêmica e, ademais, julgam o espaço acadêmico como neutro e universalmente igualitário. Entretanto, como a produção científica é um produto que demanda tempo de trabalho e, nas últimas décadas, este tem permeado o espaço privado, há um impacto na produção feminina que tem demandas sociais generificadas no espaço doméstico que se diferenciam dos homens. Deste modo, a imaginação geográfica dicotômica entre o espaço acadêmico e o doméstico mascara os elementos de gênero que fazem parte das condições de produção científica.

Palavras-chave: Gênero. Espaço acadêmico. Produção científica.

ABSTRACT

PINTO, Vagner André Moraes. **Gender and daily life in the institution of the space of geographical scientific production in Paraná State.** 2017. 141f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) - Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2017.

The aim of this research is to comprehend how gender sets the geographical scientific production profile in the academics spaces from Paraná State. Sundry methodological procedures were used aiming to confer intelligibility to the studied phenomenon. At first, it was organized a database of scientific articles from 90 online journals of the geographical area, classified by the *Qualis* System of CAPES in all the qualifiers strata of the 2013-2015 triennium. Another survey was carried about teachers and their intellectual production through of the digital platforms *Lattes*, *Sucupira*, *Google Scholar* and sites of the Graduate Programs in Geography from Paraná State. Finally, were made questions adapted from the model of the Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) for the Pesquisa Piloto de Uso do Tempo and complemented by open questions. Were interviewed twenty researchers (ten women and ten men) in the Graduate Programs in Geography from Paraná State, and these interviews were systematized using a methodology proposed by Silva & Silva (2016). This research makes it possible to affirm that there is a difference of productivity between women and men in the scientific production of Paraná. Women represents 41.13% of the total published articles in the period from 1983 to 2013. Besides, women publishes little quantity in magazines with better qualification according to *Qualis* criteria. They represent only 15.25% of the scientific publications classified as A1 and 36.03% as A2. The woman with the highest productivity occupies only ranks seventh among the researchers with the highest number of articles published. The impact of male theories is strong, with men corresponding to 3 of the 4 scientists with the highest citation index in the geographic field. Therefore, the structure of scientific production has a gender component. However, the majority of teachers do not agree that gender is an element that influences their academic production and they consider academic space as a neuter and universally egalitarian. Although, as scientific production is a product with time demand for work, in the last decades, this has permeated the private space, there is an impact on the feminine production in consequence of social gendered demands in the domestic space, which differs from men's experience. Thus, the dichotomist geographical imagination between the academic space and the domestic space masks the elements of gender that set the conditions of scientific production.

Keywords: Gender. Academic space. Scientific production.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	8
CAPÍTULO 1 - GÊNERO, PRODUÇÃO CIENTÍFICA E ESPAÇO ACADÊMICO	16
1.1 PRODUÇÃO CIENTÍFICA, ESPAÇO ACADÊMICO E A GEOPOLÍTICA DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO	16
1.2 GÊNERO, PODER E PRODUÇÃO CIENTÍFICA.....	23
1.3 ESPAÇO ACADÊMICO E PRODUÇÃO CIENTÍFICA GEOGRÁFICA NO BRASIL E NO PARANÁ.....	35
CAPÍTULO 2 - GÊNERO E PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA GEOGRAFIA PRODUZIDA NAS INSTITUIÇÕES PARANAENSES	49
2.1 PERFIS DE HOMENS E MULHERES NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA GEOGRÁFICA NAS IES DO PARANÁ	49
2.2 O COTIDIANO, A PRODUÇÃO CIENTÍFICA ENTRE DOCENTES E AS IMPLICAÇÕES DE GÊNERO	63
CAPÍTULO 3 – GÊNERO E ESPAÇO ACADÊMICO: UM DESAFIO PARA A JUSTIÇA SOCIAL NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA	76
3.1 GÊNERO, SUJEITOS PRODUTORES DA CIÊNCIA E A COMPLEXIDADE DA INSTITUIÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO ACADÊMICO	76
3.1.1 O discurso feminino sobre o gênero na produção científica e os conflitos na percepção da dicotomia entre espaço acadêmico e doméstico.....	82
3.1.2 O discurso masculino sobre o gênero na produção científica e a harmonia na percepção da dicotomia entre espaço acadêmico e doméstico	93
3.2 PERSPECTIVA GEOGRÁFICA E ESPAÇO ACADÊMICO	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS.....	119
APÊNDICE A - Periódicos com dados coletados e seus percentuais de endogenia	127
APÊNDICE B – Capturas de tela das consultas do índice-h dos(as) pesquisadores(as) de Geografia em IES públicas paranaenses no período 1974-2013	131

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para o desenvolvimento deste trabalho dissertativo possuímos por fio condutor a questão central: como o gênero compõe o perfil de produção científica geográfica dos docentes pesquisadores nos espaços acadêmicos das Instituições de Ensino Superior Públicas no estado do Paraná? Tal questionamento advém de mudanças relativamente recentes nas condições de trabalho docente nestes centros de pesquisa e seus reflexos na produção intelectual. Também diz respeito à vivência generificada dos sujeitos produtores deste tipo de conhecimento, bem como se relaciona, fundamentalmente, às implicações espaciais inerentes à esta conjuntura.

O início da trajetória da presente pesquisa reporta ao contexto do Grupo de Estudos Territoriais (GETE/UEPG), a partir do desenvolvimento de minhas atividades relacionadas ao programa de iniciação científica realizadas sob a orientação da Prof.^a Joseli Maria Silva e co-orientação de Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar. No decorrer do processo de levantar dados de artigos oriundos de periódicos *on-line* gerenciados e avaliados na área Geográfica, classificados pelo sistema Qualis-CAPES, pude perceber, paulatinamente, as inúmeras possibilidades de estudo decorrentes de uma simples correlação envolvendo algumas das variáveis consideradas para o levantamento junto ao banco de dados (como sexo dos(as) autores(as), procedência institucional destes(as) e tema dos artigos, por exemplo). Frente a estas possibilidades, entender como as relações de gênero influenciavam a produção científica geográfica brasileira, em específico nas revistas classificadas enquanto menos qualificadas, referia-se aos objetivos iniciais naquele período de minha trajetória científica.

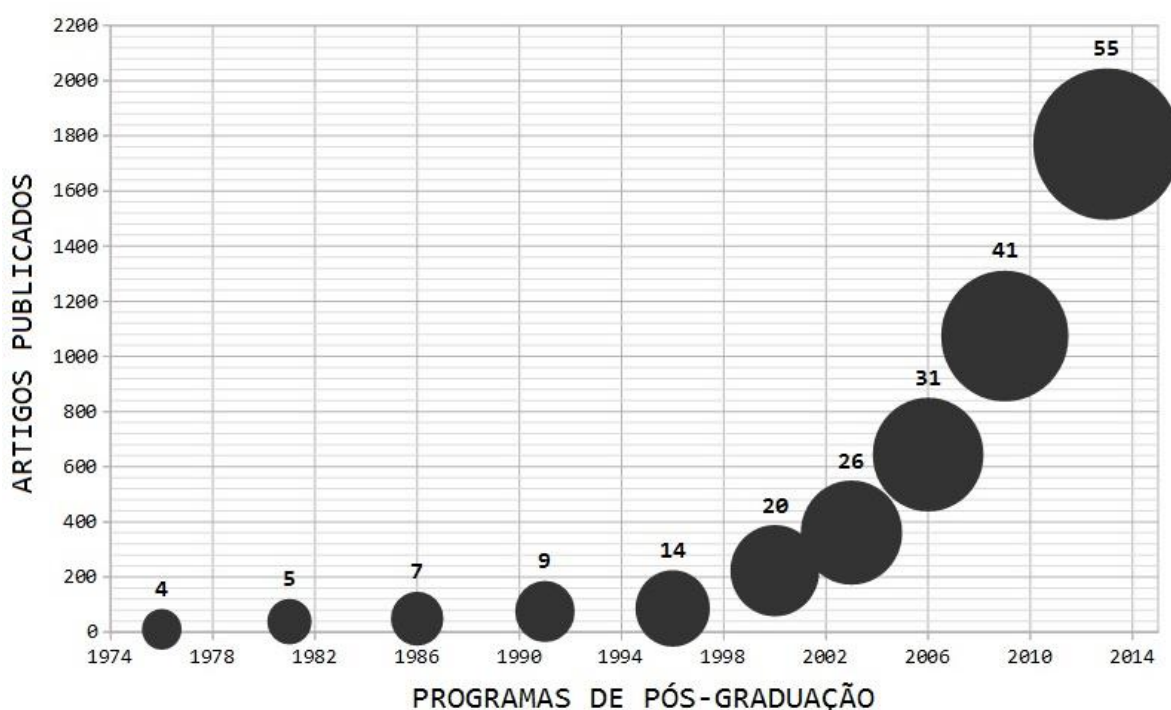
Na sequência, em meu trabalho monográfico, problematizando o gênero enquanto componente da produção científica no espaço acadêmico da UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa), analisei o discurso de seis casais heterossexuais de pesquisadores em regime de dedicação exclusiva na instituição. Sendo constatada, através das disparidades discursivas encontradas, a influência dos papéis atribuídos a homens e mulheres em distintas espacialidades e a respectiva interferência destes no contexto das publicações científicas.

Desta feita, para a investigação no curso de mestrado tive a curiosidade em ampliar a escala de estudo para o âmbito estadual a fim de verificar semelhanças e diferenças do fenômeno, uma vez que, “[...] quando o tamanho muda, as coisas

mudam com o tamanho, é saber como elas mudam, quais os novos conteúdos nas novas dimensões. Esta é, afinal, uma problemática geográfica essencial” (CASTRO, 1995, p. 137). Ademais, a escolha de instituições públicas paranaenses tomadas enquanto recorte espacial do presente estudo decorre do fato de estarem localizados no estado do Paraná significativo número de programas de pós-graduação em Geografia; são sete ao todo, mesma quantidade de cursos presente em estados considerados protagonistas no cenário nacional: São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Igualmente foi considerada a diversidade da análise possibilitada no estado em função das distintas temporalidades de criação destes cursos, bem como as diretrizes neles atuantes que são de caráter tanto estadual quanto federal.

O enfoque dado ao espaço acadêmico das pós-graduações em Geografia, enquanto elemento de análise para o entendimento da produção científica na área é justificado pela correlação entre o aumento destes cursos e a quantidade de artigos publicados em periódicos geográficos no país (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Artigos publicados em periódicos e Programas de Pós-Graduação em Geografia no Brasil



Fonte: Plataforma Sucupira e banco de dados do GETE.
Organização própria.

Do questionamento central, descrito anteriormente, derivam três sub-questões interrelacionadas entre si a fim de conferir suporte e inteligibilidade ao

intento geral desta pesquisa. A seguir são descritos os sub-questionamentos bem como a operacionalização realizada para construir as respostas necessárias.

A primeira sub-questão visa estabelecer qual é o perfil de produção científica entre homens e mulheres no campo da Geografia no Paraná. Para tanto, trabalhou-se com um universo de 1483 artigos de 80 periódicos *on-line* de Geografia abarcando o período de 1983-2013 e avaliados pelo Qualis-CAPES no triênio 2013-2015, cuja primeira autoria é de pesquisadores vinculados a instituições de ensino paranaenses nos estratos A1, A2, B1, B2, B3, B4 e B5. Para analisar o contexto nacional, a investigação contemplou um total de 13.990 artigos de 90 periódicos, no período de 1974-2013. Os dados destas publicações foram organizados em um banco de dados pelo Grupo de Estudos Territoriais (GETE-UEPG) por meio do software livre *Libre Office Base* sob as variáveis: nome, volume, data e *qualis* da revista, título, temática, palavras-chave dos artigos e sexo e instituição dos autores destes¹.

Neste intento de estabelecer a representatividade e perfil da produção científica geográfica nas IES públicas paranaenses havíamos, em princípio, optado por uma análise pautada majoritariamente no banco de dados organizado pelo GETE a partir de periódicos da área disponíveis *on-line*. Contudo, percebemos que os resultados provenientes deste, em termos de quantidade e do *Qualis* de artigos publicados por cada docente, não compreendiam um aspecto importante dentro do âmbito acadêmico: o impacto das publicações na comunidade científica. Neste sentido, buscamos o uso da extensão para navegadores da internet *Scholar H-Index Calculator* que possibilitava realizar uma varredura na *Web* a respeito das produções intelectuais e das citações destas entre os(as) pesquisadores(as). O resultado desta operação consiste no estabelecimento de alguns índices, dentre eles o de nosso interesse para análise foi o *índice-h*. Este indicador foi proposto pelo físico Jorge Hirsch, em 2005, para mensurar concomitantemente a produtividade e o impacto do trabalho de um pesquisador (MARQUES, 2013). A contabilidade de um *índice-h* com valor 10, por exemplo, corresponde, basicamente, a ter dez publicações que foram citadas pelo menos dez vezes cada uma². A fim de garantir a precisão dos dados foram retiradas as publicações feitas por cientistas homônimos e não constantes nos

1 A listagem dos periódicos utilizados e suas respectivas notas no *Qualis* constam no Apêndice 1 desta dissertação.

2 As capturas de tela referentes ao *índice-h* de cada pesquisador(a) constam no Apêndice 2.

currículos dos(as) pesquisadores(as) de interesse. Consideremos também entrevistar pesquisadores(as) que não constavam entre os(as) mais produtivos(as) no levantamento realizado na nossa base de dados, visto que entendemos como necessário a fim de aumentar a amostragem do estudo, pois dos(as) 19 professores(as) contatados(as) apenas dez nos concederam entrevista. Também foi efetuado levantamento direto na plataforma *on-line* Sucupira, gerenciada pelo governo federal e alimentada pelos próprios programas de pós-graduação, visando apurar a quantidade de docentes e discentes nos cursos *stricto sensu* de Geografia no Paraná em termos de gênero.

A segunda sub-questão interroga como o exercício dos papéis masculinos e femininos incide na organização do tempo na produção científica de artigos acadêmicos. Foram realizados questionamentos, similares aos utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para a Pesquisa Piloto de Uso do Tempo (2009), em 20 pesquisadores(as) (dez mulheres e dez homens) vinculados(as) ao quadro permanente dos programas de pós-graduação em Geografia no estado do Paraná. O procedimento metodológico demandava o levantamento das atividades cotidianas realizadas por cada pesquisador(a) durante uma semana hipotética dividida entre dias letivos (segunda à sexta-feira) e fins de semana (sábado e domingo). Para a análise dos dados estabelecemos as seguintes categorias: *Atividade produtiva docente*: atividades de docência e de pesquisa realizadas na universidade e em outros espaços como a residência, por exemplo; *Lazer*: atividades de entretenimento, como assistir TV e passear; *Cuidado pessoal*: higiene pessoal, alimentação e prática de atividades físicas; *Reprodução familiar*: atividades domésticas de limpeza e organização da casa, preparo de refeições e cuidado de outros membros da família, por exemplo; e *Ócio*: tempo destinado para o repouso.

Na terceira sub-questão, visando entender como as espacialidades implicam e articulam as relações entre gênero e o processo de produção científica, foram realizadas entrevistas junto aos mesmos pesquisadores(as) relatado(as). Sendo-lhes direcionadas duas questões abertas: 1) *Achas que teu gênero interfere na tua produção científica?* e 2) *Considerando as implicações da esfera familiar, o que ela representa dentro da sua profissão?* O material transcrito oriundo das entrevistas foi trabalhado a partir de uma série de operações por meio de softwares livres, como proposto por Silva e Silva (2016). Em princípio, os fragmentos textuais foram

refinados com o intento de obter termos com significação pertinente (via softwares *LibreOffice* e *Open Refine*); os quais posteriormente foram vinculados entre si compondo redes de palavras (via *Gephi*); sendo, por fim, categorizadas em módulos semânticos (via *RQDA*).

Nesta pesquisa, estabelecemos justificativas através de dois eixos de abordagem. O primeiro, diz respeito à sua importância social. Nas últimas décadas o Brasil experimentou um modelo de crescimento econômico com relativa inclusão social que o colocou enquanto um país de classe social média, mas ainda caracterizado por estruturais desigualdades de gênero e também de raça. Mesmo com importantes avanços na busca por uma maior equidade social, como a criação da Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM) em 2003 com status ministerial, atualmente o país ocupa apenas a 85ª posição no ranking de desenvolvimento humano e desigualdade de gênero produzido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), vinculado à Organização das Nações Unidas (ONU). Este órgão global, inclusive, definiu a igualdade de gênero como um dos seus objetivos desenvolvimentistas para este milênio, assim como criou em 2010 a Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres, visando apoiar organismos intergovernamentais e seus Estados-membros com ações políticas, técnicas e financeiras para este fim (ONU MULHERES, 2016).

No âmbito científico, o Programa “Para Mulheres na Ciência”, promovido desde 2006 pela empresa L’Oréal Brasil em parceria com a UNESCO e a Academia Brasileira de Ciências, é um exemplo da demanda por reconsiderações sociais no meio acadêmico. O programa concede anualmente premiações como bolsas-auxílio para o desenvolvimento de investigações de jovens investigadoras em diversas áreas do conhecimento, sendo contempladas desde então 68 cientistas promissoras (PARA MULHERES NA CIÊNCIA, 2016).

Apesar de a sociedade aprovar os avanços da participação feminina na política, na economia e na educação, entre outros, ao mesmo tempo demonstra repugnância e resistência a tal processo, visto que se criaram representações sociais hegemônicas de grupos que não admitem estes avanços, como discute Silva (2009) embasada em Sorj (2005). Enquanto campo de saber/poder, a ciência geográfica também se encontra influenciada pela pressão estatal por produtividade e por relações generificadas entre os sujeitos que a (re)produzem (CESAR, 2015). No campo da produção do conhecimento científico, altamente estratégico nos dias de

hoje, o entendimento do quão relevante é o gênero em tal contexto mostra-se pertinente para a discussão de políticas que promovam uma maior equidade entre homens e mulheres.

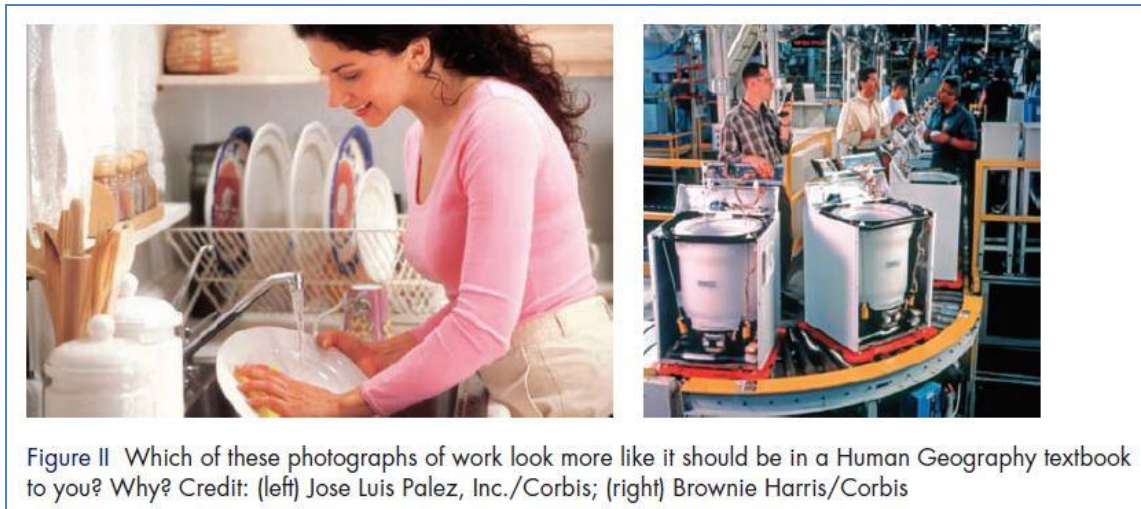
O segundo eixo argumentativo está baseado na contribuição teórica para o campo da Geografia brasileira. A presente proposta de pesquisa justifica-se pela escassa produção de trabalhos científicos que envolvam questionamentos sobre espaço e gênero, conforme aponta Silva (2009). A produção de reflexões acerca da categoria gênero na Geografia, iniciada em países anglófonos algumas décadas atrás, mostra-se relativamente recente e pouco desenvolvida no Brasil, apesar de suas promissoras potencialidades (ORNAT, 2014). Conforme levantamento efetuado por Cesar (2015), dos 13.990 artigos de 90 periódicos geográficos *on-line* analisados, apenas 167 (1,2%) tratavam de investigações abordando a categoria de gênero. Assim, esta proposição investigativa visa contribuir com a expansão desta perspectiva científica ainda incipiente no país, além de construir reflexões que não compartilhem do tradicional androcentrismo do saber geográfico:

Se ha definido la geografía como la disciplina que estudia, por una parte, la relación entre la sociedad y el medio incluyendo en este concepto lo que entendemos hoy por medio ambiente, (tradicionalmente se había consagrado la expresión sexista “relación hombre-medio”); y por otra parte, la geografía estudia también la localización de los fenómenos en el espacio y sus consecuencias. Pero hasta hace poco la geografía analizaba la sociedad y el medio como un conjunto neutro, asexuado y homogéneo. Es decir, se interpretaba el mundo desde una visión masculina y se tenían en cuenta tan sólo las experiencias de los hombres³ (GARCÍA-RAMON, 2008, p. 26).

Neste sentido, nos alinhamos com as proposições de Cloke *et al* (2014) que afirmam que a diversidade de abordagens e os questionamentos derivados seriam elementos de fortalecimento do âmbito científico geográfico, sobretudo daquele preocupado com as relações entre sociedade e espaço. Os autores também questionam a existência de dados tipo de convenções utilizadas para definir um estudo como sendo, ou não, de caráter geográfico; conforme o ilustram na Figura 1.

3 Geografia foi definida como uma disciplina que estuda, por um lado, a relação entre a sociedade e o ambiente, incluindo neste conceito o que queremos dizer hoje por meio ambiente (tradicionalmente dedicado à expressão sexista "relação homem-meio"); e por outro lado, geografia também estuda a localização dos fenômenos no espaço e as suas consequências. Mas até recentemente a geografia analisava a sociedade e o meio como um conjunto neutro, assexuado e homogêneo. Ou seja, se interpretava o mundo de uma visão masculina e se tinha em conta tão somente as experiências dos homens.

Figura 1 - Quais destas fotografias sobre trabalho deveriam estar em um livro de Geografia Humana para você? Por quê?



Fonte: reproduzido de Cloke *et al* (2014).

A consideração de que a vivência e o contato de múltiplas espacialidades e acontecimentos através do movimento das(os) agentes são produzidas e reproduzidas tanto no espaço público quanto no privado, conforme argumentam Rose (1993) e Massey (2008), possibilitaria a compreensão da realidade espacial sem a criação de dicotomias e binômios acerca dos fenômenos (PRZYBYSZ, 2011). Neste sentido, esta proposição de pesquisa se vinculada a uma perspectiva que vise considerar não meramente o espaço dito público, ampla e tradicionalmente considerado na disciplina geográfica, mas também problematizar o espaço dito privado na análise espacial, uma vez que é neste âmbito que são realizadas significativa parcela das atividades de trabalho produtivo docente e de reprodução familiar, por exemplo (PINTO, 2014; CARRASCO, 2001).

A presente dissertação é composta por três capítulos que respondem aos questionamentos evidenciados no início desta introdução. O primeiro capítulo explora a base teórica que sustenta a pesquisa. Abordamos a perspectiva de que ciência é um campo discursivo de saber, composto por relações de poder, produzido na ação cotidiana de sujeitos sociais em determinadas condições materiais e simbólicas de recursos econômicos, sociais e culturais. Portanto, é nesse capítulo que se estrutura a ideia de espaço acadêmico, abordando os sujeitos concretos de produção de conhecimento, cientistas corporificados, com a categoria gênero enquanto estruturante das relações de poder na academia. São consideradas também as condições materiais de cursos de pós-graduação em Geografia, os fatores de avaliação e distribuição de prestígio, como ainda a criação

e a circulação do conhecimento científico geográfico por meio de periódicos científicos.

No segundo capítulo, ainda tomando como referência a ideia de ciência produzida cotidianamente por sujeitos concretos como explicitado anteriormente, é investigado o perfil dos produtores de conhecimento geográfico nas instituições paranaenses, explorando os lugares sociais que lhes são exigidos pela estrutura social ocidental de gênero e a forma como estas pessoas organizam seu tempo cotidiano.

No terceiro capítulo, por fim, é evidenciado como o gênero é um elemento marcante da organização do espaço acadêmico, refletindo em diferentes formas de produção do conhecimento científico.

CAPÍTULO 1 - GÊNERO, PRODUÇÃO CIENTÍFICA E ESPAÇO ACADÊMICO

Este capítulo tem como objetivo evidenciar as escolhas teóricas que sustentam a presente dissertação de mestrado. A perspectiva adotada é de que a ciência é uma criação humana, resultante de um determinado espaço-tempo social e cujo desenvolvimento ocorreu de forma aliada ao processo de organização do mundo ocidental capitalista. Nesse sentido, tratamos a ideia de ciência enquanto prática humana, contextualizada em determinada conjuntura social, política, econômica e cultural; não a sendo, portanto, reificada, mas fruto de um dinâmico processo de relações humanas. A partir deste elemento relacional humano, é de fundamental importância compreender os sujeitos produtores de conhecimento, cientistas, bem como o espaço acadêmico vivenciado pelo grupo de pessoas em questão. É neste objetivo de humanizar a produção científica que o gênero e o espaço acadêmico são aqui discutidos e o recorte espacial do Paraná é tomado como importante referência, já que o estado congrega significativa diversidade e quantidade de cursos de pós-graduação em Geografia.

Na primeira seção a produção do conhecimento científico é evidenciada em suas relações de poder e distribuição de domínio entre diversas espacialidades, confrontos e tensionamentos envolvendo supremacias e periferias de saber. Ainda pautando a ideia de conhecimento como criação humana, o gênero é uma categoria componente das relações de poder que organizam a produção do saber na segunda seção. Na terceira e última seção são exploradas as condições materiais de produção do conhecimento no Paraná, analisando a organização dos cursos de pós-graduação em instituições acadêmicas que estão diferentemente posicionadas no contexto nacional.

1.1 PRODUÇÃO CIENTÍFICA, ESPAÇO ACADÊMICO E A GEOPOLÍTICA DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO

O tipo de conhecimento que comumente designamos como científico refere-se a um saber cuja emergência remonta ao contexto de efervescência cultural, econômica e política do Ocidente europeu nos séculos XVI e XVII. As progressivas demandas, sobretudo técnicas, necessárias aos interesses das sociedades mercantis e exploradoras da época compuseram um intenso processo de retroalimentação com os artefatos científicos, que se mostravam cada vez mais

convenientes e potentes em fornecer um novo ordenamento de mundo. O paradigma explicativo outrora pautado na tradição teológica e mística foi paulatinamente contraposto pelo ideal científico moderno, fundado na comprovação empírica sistemática e leis gerais decorrentes do exercício racional. Segundo Jacob (1988), a ciência no mundo ocidental disputou espaço político, social e econômico com o conhecimento religioso e, embora não tenha havido uma ruptura completa nos pressupostos de busca da verdade, a ciência passou a ser entendida como sinônimo de saber e poder por sua capacidade de construir articulações proveitosas entre a economia capitalista e a ascendente classe burguesa.

Apesar de seu despontar em específicas circunstâncias espaço-temporais no mundo europeu ocidental, o conhecimento científico foi considerado passível de universalizar o pensamento humano e prover desenvolvimento econômico, sobretudo, ao restante do globo. Sousa Santos (1988) descreve algumas características desta pretensão:

Sendo um modelo global, a nova racionalidade científica é também um modelo totalitário, na medida em que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas [...] Em primeiro lugar, conhecer significa quantificar. O rigor científico afere-se pelo rigor das medições. As qualidades intrínsecas do objeto são, por assim dizer, desqualificadas e em seu lugar passam a imperar as quantidades em que eventualmente se podem traduzir. O que não é quantificável é cientificamente irrelevante. Em segundo lugar, o método científico assenta na redução da complexidade⁴. O mundo é complicado e a mente humana não o pode compreender completamente. Conhecer significa dividir e classificar para depois poder determinar relações sistemáticas entre o que se separou. (SOUSA SANTOS, 1988, p. 48-50).

Este princípio de quantificação e de certa taxonomia das coisas com intento de obter um conhecimento aparentemente objetivo e universal também é questionado por autores como Fourez (1995), que pensa a produção científica como um conhecimento intrinsecamente vinculado a uma dada cultura e, por conseguinte, decorrente de uma maneira particular de ver o mundo.

4 O significado deste termo reporta à “[...] um conjunto, tomado como um todo mais ou menos coerente, cujos componentes funcionam entre si em numerosas relações de interdependência ou de subordinação, de apreensão muitas vezes difícil pelo intelecto e que geralmente apresentam diversos aspectos” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 776).

Para tomar consciência da importância dessa cultura científica partilhada, basta tentar ler uma obra 'científica' do século XVI: logo se estará persuadido de que é necessária uma cultura comum para que a universalidade do discurso científico seja operacional. E, aliás, basta aprender uma ciência (ou seja, aculturar-se, familiarizar-se com essa abordagem do mundo) para poder compreender as práticas dessa disciplina em todas as partes do mundo. Mas, se se convive o tempo suficiente com os nativos de determinada cultura, acaba-se compreendendo também a sua visão de mundo (FOUREZ, 1995, p. 161).

Neste sentido, Mignolo (2004) nos alerta que a íntima relação da ciência moderna com a lógica de colonização europeia de lugares além-mar se mostrou, e ainda se mostra, extremamente nociva aos saberes dos povos “descobertos”. Uma vez que a partir do referido princípio de universalidade científica os tipos de conhecimento não alinhados com este paradigma foram considerados inválidos (capacidade explicativa duvidosa) e atrasados (muitos níveis abaixo do parâmetro desejado). Acerca do propósito cientificista de emitir arbítrios sobre os demais tipos de conhecimento, Demo (1985, p. 74-75) estabelece três dimensões de valoração gnosiológica. Seriam de considerável ‘aceitação’ no meio acadêmico a arte, a estética, a utopia, bem como os atributos qualitativos das investigações. Ao passo que despertariam ‘suspeita’ a parapsicologia, ficção científica, ufologia, homeopatia e estudos teológicos. E, por fim, a astrologia, alquimia, magia, superstição, religião, o mito, a anarquia e a liberdade criativa consistiriam em dimensões que deveriam ser ‘abjuradas’.

Considerável parte desta violência epistêmica refere-se à linguagem, aos códigos utilizados para garantir a inteligibilidade das ideias em dada comunicação. A supressão dos dialetos dos sujeitos colonizados também se mostra espacialmente estratégica neste contexto, pois “[...] a 'ciência' (conhecimento e sabedoria) não pode ser separada da língua; as línguas não são meros fenômenos 'culturais' em que os povos encontram a sua 'identidade', são também o lugar em que o conhecimento está inscrito” (MIGNOLO, p. 669, 2004).

Reflexões consonantes são feitas por Massey (2008) cuja proposição de imaginar o espaço geográfico enquanto uma esfera de possibilidade de múltiplas existências contesta, por exemplo, a perspectiva deste enquanto uma superfície contínua, como sendo algo dado e como plano de fundo para histórias e geografias unívocas da humanidade, a citar as conquistas espanholas na América sobre os povos pré-colombianos. Neste caso, “a simples possibilidade de qualquer reconhecimento da multiplicidade e heterogeneidade em si mesmas depende de um

reconhecimento da espacialidade” (MASSEY, 2008, p. 31). Em termos mais contemporâneos, a crítica dirige-se com maior especificidade ao mundo globalizado visto que “[...] a imaginação da globalização como uma sequência histórica não reconhece a coexistência simultânea de outras histórias com características que sejam distintas (o que não implica estarem desconectadas) e futuros que, potencialmente, também possam sê-lo” (MASSEY, 2008, p. 31).

Elemento que também compõe este contexto é autoafirmação científica tendo por substrato as demais formas de entendimento humano, de discursar sobre si apontando para outrem, conforme afirma Castro-Gómez (2005, p. 169): “A modernidade é uma máquina geradora de alteridades que, em nome da razão e do humanismo, exclui de seu imaginário a hibridez, a multiplicidade, a ambiguidade e a contingência das formas de vida concretas”. Deste modo, para que haja uma socialização do conhecimento e uma consequente superação do totalitarismo epistêmico é necessária à superação do paradigma da modernidade-colonialidade, uma vez que a tradição nunca existiu sem a modernidade porque a modernidade a inventou, assim como a ciência necessitou inventar o mito para justificar a si própria (MIGNOLO, 2004).

A compreensão científica ancorada em um método inflexível é igualmente questionada por Feyerabend (1977) que defende um viés epistemológico “anarquista”. O qual é sintetizado pelo princípio “tudo vale”, que, apesar do amplo relativismo sugerido, é pautado pela possibilidade de escolha ponderada pela ciência, sem desconsiderar a intrínseca presença de meandros “impuros” nesta.

É pessoa de alguma solidez espiritual (*não se apaixona pelo primeiro trovador ideológico que lhe cruze o caminho*) e que, portanto, está apta a *escolher conscientemente* a tarefa que lhe pareça mais atraente, em vez de deixar-se dominar por ela. Preparando-se para essa escolha, a pessoa estudará as ideologias mais importantes em termos de *fenômenos históricos*, estudará a ciência como fenômeno histórico e não como o único e sensato meio de enfrentar um problema. Estudará a ciência a par de outros contos de fadas, tais como os mitos de sociedades ‘primitivas’, de sorte a contar com as informações necessárias para chegar a uma decisão livre [...] Somente *após* esse processo de endurecimento será ele chamado a pronunciar-se em face das questões racionalismo- irracionalismo, ciência-mito, ciência-religião e outras questões semelhantes. A decisão que tome em prol da ciência — admitindo que a tome — será muito mais ‘racional’ do que é, hoje, qualquer decisão em favor da ciência (FEYERABEND, 1977, p. 465, grifo do autor).

Ao passo que Targino (2010) questiona a aparente delimitação entre produção intelectual, o produzido (publicado) por seres portadores de inteligência e

inclinados por ‘coisas’ do espírito; produção científica, contribuições aos conhecimentos específicos consolidados em áreas de ciência e tecnologia (C&T); e produção acadêmica, o material publicado no âmbito das instituições de ensino superior (IES) por integrantes destas. Segundo a autora, a produção científica é essencialmente um tipo de produção intelectual, o que, por conseguinte, espelharia o entendimento básico sobre ciência e comunidade científica, considerado fundamental na mensuração do processo desenvolvimentista das nações. Devendo-se tal associação ao fato de que o trabalho intelectual foi considerado por muitos séculos enquanto algo sobre-humano. Sendo apenas a partir de pensadores como Marx e Gramsci que a capacidade de raciocinar foi tida enquanto capacidade própria dos(as) humanos(as), sendo, portanto, todas as pessoas intelectuais, mesmo que nem todos(as) a exerçam enquanto função específica na sociedade (TARGINO, 2010).

Faz-se necessário, então, considerar que o fazer científico é permeado por elementos complexos, paradoxalmente ao que propõe seu intento básico de simplificar a realidade, dada a inegável inseparabilidade deste ao contexto espacial, histórico e socioeconômico. A realização de tal tomada de consciência é argumentada por Morin (2005), em que apesar da elucidação e enriquecimento promovidos pela ciência, aumentam os problemas decorrentes dos efeitos deste tipo de conhecimento na sociedade, seja pela sua produção, apropriação e possibilidades terríveis de uso que chegam a ameaçar a sobrevivência da humanidade. Sendo necessário extinguir o maniqueísmo de que só existe uma ciência ‘boa’ e outra ‘má’ e sim “[...] há que, desde a partida, dispor de pensamento capaz de conceber e de compreender a ambivalência, isto é, a complexidade intrínseca que se encontra no cerne da ciência” (MORIN, 2005, p. 16).

Neste sentido, Bourdieu (2004) busca compreender um dado tipo de produção cultural (ciência, literatura, etc.) escapando à suposição da existência de certa partenogênese (engendramento próprio, sem intervenção do contexto social), bem como enquanto derivada de uma relação direta entre o texto, em si, e o contexto, externo. O autor parte de uma hipótese que

[...] consiste em supor que, entre esses dois polos, muito distanciados, entre os quais se supõe, um pouco imprudentemente, que a ligação possa se fazer, existe um universo intermediário que chamo o campo literário, artístico, jurídico ou científico, isto é, o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a

literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas [...] A noção de campo está aí para designar este espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de suas próprias leis (BOURDIEU, 2004, p. 20).

Uma das manifestações mais visíveis do que seria a autonomia de um campo consistiria na capacidade de retraduzir de um modo próprio as pressões ou demandas externas. De como, por exemplo, uma catástrofe natural ou a decisão de um parlamento impactam num dado campo e qual o potencial deste em refratar estes acontecimentos (BOURDIEU, 2004).

Com vistas de estabelecer uma discussão acerca do que é possível se depreender por Geografia numa proposição teórica de dada problemática de pesquisa, Escolar (1996) argumenta que é comum serem utilizados neste campo 'pseudoconceitos de base consensual' muitas vezes derivados de outros campos de estudo que dificultariam a sua validação como campo autônomo. Por exemplo, o espaço seria visto como metáfora coisificada da espacialidade e não substanciado como objeto distinto, assim como também o seria a Natureza, uma coisificação derivada do adjetivo naturalidade. Dado isto e para tanto são colocadas, duas condições básicas e de necessária articulação entre si nesta busca pela autonomia do campo geográfico: uma epistemológica, baseada nos critérios que os pretéritos e os atuais estudiosos legitimam como 'geográficas'; e outra contextual, ligada às contribuições decorrentes de respostas de problemáticas na circunscrição de fatos objetivos nas comunidades em questão.

Tais condições necessárias apresentadas por Escolar (1996) se encontram relacionadas ao que Bourdieu (2004) designa como capital científico, forma de poder fundamental neste campo, de ocorrência sob duas espécies. Uma seria de caráter institucional e institucionalizado, vinculado à ocupação de cargos importantes na hierarquia acadêmica, como a direção de laboratórios, departamentos, comitês e comissões de avaliação de pesquisas, bem como acesso privilegiado aos contratos, créditos, postos (meios de produção) e poder de escolha e direcionamento de carreiras (reprodução). Ao passo que o outro tipo de capital científico é relativamente independente frente ao anterior, caracterizado por certo prestígio pessoal, derivado quase que exclusivamente do reconhecimento demonstrado pelos pares acadêmicos, ou pelo menos pela fração mais consagrada destes, pelas contribuições consideradas importantes ao campo científico. Também é fortemente vinculada a este contexto a noção de credibilidade científica, visto que ela facilitaria

a síntese das noções econômicas com as noções epistemológicas, ligando uma rede de conceitos tais como credenciais, credo, crível, prestação de contas, fornecendo uma visão homogênea de fatos diferentes, embaralhando as divisões arbitrárias entre fatores econômicos, epistemológicos e sociológicos (LATOUR; WOLGAAR, 1997).

Deste modo, a legitimação de uma dada produção científica é resultado de discussões intensas entre sujeitos com distintas possibilidades de ação e de credibilidade em produzir o efeito almejado no âmbito acadêmico. Por exemplo, o êxito de um artigo científico, desde o seu aceite para publicação à obtenção de um elevado número de citações, depende, entre outros aspectos “do número de atores na área, do caráter inédito do que está em jogo, da personalidade e da filiação institucional dos autores, das apostas e do estilo do artigo” (LATOUR; WOLGAAR, 1997, p. 268). Ademais, este embate intelectual “tem e mantém suas regras de jogo: o respeito aos dados, por um lado; a obediência a critérios de coerência, por outro” (MORIN, 2005, p. 24).

Contudo, as regras deste tipo de jogo estão elas próprias constantemente postas em jogo. O campo científico é um lugar de litígios tanto em sua representação como em sua realidade. Dentro dos limites das posições e disposições dos agentes sociais envolvidos, estes traçam estratégias orientadas para a conservação ou para a transformação da estrutura vigente com vistas de manter ou alçar pontos mais vantajosos na arena de debates (BOURDIEU, 2004). Neste seguimento, a regra do jogo para Latour e Wolgaar (1997) seria caracterizada por

[...] avaliar o custo dos investimentos com relação à sua capacidade de produzir efeitos de retorno. O jogo não é jogado segundo regras éticas que podem ser vistas através de uma análise superficial [...] A atividade científica não trata da “natureza”, ela é uma luta renhida para construir a realidade. O laboratório é o local de trabalho e o conjunto das forças produtivas que torna essa construção possível. Cada vez que um enunciado é estabilizado, ele é reintroduzido no laboratório (sob a forma de máquina, de inscritor, de saber, de rotina, de pré-requisitos, de dedução, de programa etc.), e aí é utilizado para aumentar a diferença entre diversos enunciados (LATOUR; WOLGAAR, 1997, p. 277-278).

Neste seguimento, por mais que o conhecimento científico seja um ‘código estrito’, direcionado para o ‘como’ das coisas e do mundo, seu método e validação passa por processos sociais fundamentais para a constituição de equipes confiáveis, alianças sociopolíticas, subsídios para aquisição de equipamentos, concessões,

bem como permissões para a realização de certas investigações. Desta feita, a produção científica aparece como um processo feito por e para humanos e diretamente vinculada às demais esferas da sociedade (FOUREZ, 1995), mas que é diferenciada pelo modo como dialoga com a realidade empírica e de suas demandas por questionamentos sobre sua estrutura ideológica e sociocultural (MORIN, 2005).

O espaço acadêmico, portanto, é compreendido como relacional, em constante transformação e constituído por relações de poder específicas que envolvem disputas entre sujeitos de múltiplas escalas na conquista de objetos materiais (infraestrutura institucional, tecnológica, financeira) e simbólicos (conceitos, tradição epistemológica, legitimação de teorias), articulados em variadas escalas. Tal perspectiva geográfica da constituição da produção científica, aqui denominada de 'espaço acadêmico' baseia-se, portanto, nas ideias de Massey (2008) que imagina a política na concepção de um espaço negociado por sujeitos em constante relação e não simplesmente um produto. Mas as negociações são realizadas com base em regras específicas do campo, conforme argumenta Bourdieu (2004). O espaço acadêmico, embora articulado com relações sociais de variadas escalas, se faz de relações que são específicas de determinada cultura acadêmica.

Assim, a produção científica constitui um campo específico conformado através de um jogo dinâmico no qual negociações e tensionamentos são constantes, sendo impossível o desvincular das conjunturas espaciais e temporais nas quais é realizado. Do mesmo modo é necessário considerar na definição de espaço acadêmico que os sujeitos que constituem o campo científico estão em relações de poder, disputando objetos materiais e simbólicos e possuem vantagens e desvantagens neste processo. Entre as diferenças de condições, podemos enumerar a racialidade, a classe e o gênero. Como nesta pesquisa o enfoque investigativo é pautado na relação entre homens e mulheres na produção científica, na seção seguinte trazemos a discussão da perspectiva da constituição das diferenças de gênero.

1.2 GÊNERO, PODER E PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Em meados do século XVIII, no princípio da Revolução Científica, as mulheres tinham considerável participação em áreas vinculadas à Astronomia, por exemplo, e possuíam saberes diversos a respeito de farmacologia natural, cuidados de enfermos e temas relativos à gestação humana (AQUINO, 2006). Entretanto, com

o desenvolvimento do modo de produção capitalista, décadas depois, ocorreu sistemática separação entre os espaços tidos enquanto privado e público com fins de aumento produtivo, interferindo significativamente na organização da produção científica e tecnológica e na profissionalização dos cientistas em sistemas formais de ensino (SCHIENBINGER, 2001). Desta feita, o acesso às escolas e universidades tornou-se difícil para as mulheres, tendo estas que assumir o cuidado da casa e dos filhos.

Esta modalidade de se fazer ciência adquiriu legitimidade se sustentando em estereótipos de longa data que associavam características de racionalidade⁵, competitividade, independência e objetividade⁶ aos homens e, por conseguinte, de irracionalidade, passividade, dependência, ternura, emotividade e subjetividade às mulheres. Outro elemento derivado é a

[...] atitude de objetividade diante de uma natureza considerada como passiva [que] pode também ser relacionada com as maneiras de perceber a relação homem-mulher [...] para se libertar, a ciência moderna lutou contra uma concepção animista da natureza, em que a 'feiticeira' tem um lugar importante. A feiticeira simboliza uma relação com 'a natureza que é também temível e dotada de poder'. Ela se comunica com a Natureza 'de maneira não racional, mas eficaz (FOUREZ, 1995, p. 160).

As implicações destas concepções fizeram com que características tidas enquanto femininas não fossem valorizadas para o desenvolvimento de uma carreira científica, visto que as qualidades desejáveis para se fazer ciência seriam encontradas principalmente nos homens. Dados campos científicos ainda buscariam identificar essas supostas diferenças nas habilidades cognitivas entre os pares humanos por meio de estudos de condicionamento genético e hormonal e de estruturas cerebrais, uma vez que a pretensa justificativa das desigualdades entre homens e mulheres estaria associada à presença de padrões típicos e rígidos em cada sexo (GARCIA; SEDEÑO, 2002).

Conforme argumenta Laqueur (2001), em diferentes épocas, os discursos falocêntricos se fizeram presentes a partir de representações a respeito das genitálias humanas - o pênis tomado enquanto símbolo de virilidade, de calor e

5 Entendemos o vocábulo 'racionalidade' a partir das seguintes definições: "[...] 2. Capacidade de exercer a própria razão. 3. Propensão para encarar fatos e ideias de um ponto de vista puramente racional" (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2373).

6 Idem: "1. Qualidade, caráter ou condição do que é objetivo. 2. Qualidade do que dá, ou pretende dar, uma representação fiel de um objeto. 3. Qualidade do que é imparcial [...] 6. Realidade exterior ou dessemelhante ao sujeito (o intelecto cognitivo humano), passível de por ele ser conhecida ou transformada" (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2041).

externalidade em contraponto com a fragilidade, frieza e obscuridade da vagina - e incrementaram um discurso secular que definia como homens e mulheres deveriam se portar devido a estas características anatômicas. “O espírito e o útero da mulher são interpretados como áreas equivalentes para o princípio ativo do macho; sua pessoa está sob o governo e a instrução racional do marido pela mesma razão que seu ventre está sob o domínio do esperma dele” (LAQUEUR, 2011, p. 72-73). Mesmo no século XVIII, com novos estudos que demonstravam não existir um sexo único com edições ‘superiores’ e ‘inferiores’ (como era difundido desde a Antiguidade), mas sim duas composições corpóreas distintas tanto em estrutura quanto em função, não fizeram com que as argumentações de uma suposta superioridade masculina desaparecessem, e sim com que fossem reformuladas sob uma nova perspectiva e necessidade política.

Nos tempos do movimento Iluminista, no qual as mulheres paulatinamente instituem, mesmo que timidamente, nos grandes salões da época um espaço público e autêntico de frequência, evidencia-se a concepção de Laqueur (2001, p. 245) de que “dois sexos incomensuráveis são resultado de práticas discursivas, mas só se tornam possíveis dentro de realidades sociais às quais essas práticas dão sentido”. O autor também discute a teoria do Contrato Social, de Jean-Jacques Rousseau, filósofo francês (1712-1778), que, apesar de articulada sob certa neutralidade natural e racional, aglutina elementos sociais que acabam por excluir sistematicamente as mulheres justamente pelas diferenças ‘naturais’ previstas no modelo de incomensurabilidade dos sexos. As mulheres seriam seres totalmente ligados ao parto, à amamentação, ao bebê e com grandes diferenças morais em relação ao homem. Rousseau, inclusive, escreveu um livro específico (*Emílio ou Da Educação*) argumentando a necessidade de uma educação diferenciada entre homens e mulheres visto que

Cultivar nas mulheres as qualidades do homem, e negligenciar as que lhes são peculiares, é pois visivelmente trabalhar contra elas. As expertas o vêem demasiado bem para serem ludibriadas; tentando usurpar nossas vantagens, não abandonam as suas; mas acontece que, não podendo jogar com umas e outras, porque são incompatíveis, ficam abaixo de suas possibilidades sem alcançar as nossas, e perdem metade de seu valor (ROUSSEAU, 1995, p. 431-432).

Algumas décadas depois, a teoria darwiniana estabelecia que a diferenciação sexual sucedeu-se a partir da seleção natural, que considerava como

inerente e necessária a bravura nos machos e a modéstia nas fêmeas para o êxito reprodutivo da espécie (LAQUEUR, 2011). As explicações pautadas no determinismo biológico adquiriam mais respaldo, bem como o positivismo e as quantificações prosperavam, sendo imprescindíveis para a ciência da segunda metade do século XIX. Gould (2003) relata os experimentos de Paulo Broca, estudioso que obteve destaque neste período realizando medições de cérebros humanos, após a autopsia destes, na busca insana por determinar a inteligência a partir de critérios “objetivos”. Frente aos menores valores de massa e volume encontrados nos cérebros de mulheres em relação aos dos homens, Broca teria afirmado:

Poderíamos perguntar se o pequeno tamanho do cérebro feminino não depende exclusivamente do menor tamanho do corpo da mulher [...] Mas não devemos esquecer que as mulheres são, em média, um pouco menos inteligentes que os homens, uma diferença que não devemos exacerbar mas que, não obstante, é real. Portanto, é nos permitido supor que o tamanho relativamente pequeno do cérebro feminino depende em parte de sua inferioridade física e em parte de sua inferioridade intelectual (BROCA, 1861, p. 61 *apud*. GOULD, 2003, p. 99).

É também em meados do século XIX, dado o aumento de inventariações e descobertas ao redor do globo, que ocorre a modificação de várias práticas discursivas em sistemas hegemônicos do direito, religião, medicina, arte, antropologia, pornografia e literatura de viagem, dentre outros (FOUCAULT, 1988; ORNAT, 2008). Neste contexto, surge em países como a Inglaterra, França e Estados Unidos o que é designada como a primeira onda do movimento feminista, com mulheres lutando por igualdade de direitos civis, políticos e educativos, outrora reservados somente aos homens (NARVAZ; KOLLER, 2006).

A segunda onda do movimento feminista ressurgiu nos anos 60 e 70, com força na França e nos Estados Unidos. As feministas americanas, em sua maioria, denunciavam a opressão masculina e buscavam a igualdade, ao passo que as francesas reivindicavam a valorização da diferença entre homens e mulheres, dando visibilidade às especificidades da experiência feminina. Neste período o movimento feminista também ressalta além do aspecto político, questões epistemológicas (NARVAZ; KOLLER, 2006). A citar a proposição conceitual para o termo gênero a partir da obra *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir. Este, segundo Beauvoir (1967), é dado enquanto um devir construído a partir das relações sociais nas quais são atribuídos, desde a infância, papéis socialmente aceitáveis para mulheres e

homens, sem considerar a presença de uma sexualidade inata. As possibilidades de compreensão advindas desta categoria possuem um caráter explicativo mais abrangente e metodologicamente variado. Deste modo

[...] a noção de gênero nega a construção universal das diferenças sexuais e implica a análise temporal e espacial na configuração das relações sociais, envolvendo uma perspectiva relacional, já que as mulheres são concebidas na sua relação com os homens (SILVA, 2009, p. 35).

Nos anos 80, o advento da crítica pós-moderna da ciência e do paradigma da incerteza do conhecimento influenciam o desenvolvimento da terceira onda do movimento feminista, cuja proposta tem por enfoque a alteridade e a diversidade das produções discursivas e da subjetividade, considera outras categorias como a raça, classe e instrução, como reivindicam os feminismos negros, por exemplo. Convém salientar que as diferentes propostas e características de cada fase do movimento feminista não são passíveis de serem tomadas enquanto um processo linear, uma vez que estas sempre, e ainda na contemporaneidade, coexistem (NARVAZ; KOLLER, 2006).

Após analisar um considerável volume de estudos e discussões acerca da categoria de gênero, Scott (1995) o aborda enquanto uma categoria de análise útil, contudo, também, necessária de ser revista no que tocaria ao seu caráter binário e fixo. “Ao insistir sempre nas diferenças fixadas as/os feministas reforçam o tipo de pensamento que desejam combater. Ainda que insistam na reavaliação da categoria do “feminino” eles não examinam a oposição binária em si” (SCOTT, 1995, p. 84). A autora define o gênero a partir de duas proposições complementares e integradas: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 84).

Da primeira proposição da autora depreende-se um vínculo com o aspecto identitário dos sujeitos, ou melhor, com o aspecto identificável destes. Neste sentido, Louro (1997) entende o gênero (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) como constituinte da identidade, enquanto fazendo parte do sujeito. Assim como as diferentes instituições e práticas sociais seriam constituintes e constitutivas pelos gêneros, dado a inerente presença de relações sociais nestas. Deste modo busca-se compreender que “[...] a justiça, a igreja, as práticas educativas ou de governo, a política, etc. são atravessadas pelos gêneros: essas

instâncias, práticas ou espaços sociais são ‘generificados’ — produzem-se, ou ‘engendram-se’, a partir das relações de gênero” (LOURO, 1997, p. 24-25). Ao passo que também é aludida a necessidade de reflexões sobre gênero não circunscritas apenas ao âmbito privado-doméstico, conforme Scott (1995):

Temos necessidade de uma visão mais ampla que inclua não somente o parentesco, mas também (especialmente para as complexas sociedades modernas) o mercado de trabalho (um mercado de trabalho sexualmente segregado faz parte do mesmo processo de construção de gênero), a educação (as instituições de educação somente masculinas, não mistas, ou de coeducação fazem parte do mesmo processo), o sistema político (o sufrágio universal masculino faz parte do processo de construção do gênero) [...] O gênero é construído através do parentesco, mas não exclusivamente; ele é construído igualmente na economia e na organização política, que, pelo menos em nossa sociedade, atuam atualmente de maneira amplamente independente do parentesco (SCOTT, 1995, p. 87).

Na segunda proposição de Scott (1995), associando relações de gênero e relações de poder, vincula-se a compreensão de que mulheres e homens constituem, por meio de diferentes práticas sociais, negociações que resultam em avanços, recuos, revoltas, consentimentos, alianças, entre outros. Sendo que

[...] uma interessante representação dessas práticas seja imaginá-las como semelhantes a jogos em que os participantes estão sempre em atividade, em vez de reduzi-las, todas, a um esquema mais ou menos fixo em que um dos contendores é por antecipação e para sempre, o vencedor (LOURO, 1997, p. 39).

Tal concepção de relações de poder é consonante com a abordagem de Foucault (1995) que imagina estas enquanto interações múltiplas e fluídas entre sujeitos, no qual coexistiram a resistência, reforços, inversões e correlações de força. Para tanto, o autor aborda dois elementos fundamentais em sua compreensão de poder: a conduta e a liberdade. A conduta é entendida tanto como o ato de conduzir os outros, segundo mecanismo mais ou menos estritos de coerção, como enquanto o tipo de comportamento em dado âmbito de possibilidades. Sendo que o exercício do poder se daria apenas sobre sujeitos livres “[...] entendendo-se por isso sujeitos individuais e coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer” (FOUCAULT, 1995, p. 244).

Neste sentido, as relações de poder envolvem em sua trama uma complexidade de interesses e ações e/ou condutas desejáveis em certas

conjunturas. O gênero, enquanto categoria que é também é faceta identitária de sujeitos e estabelecido em grande parte pela diferença e nem tanto pela semelhança entre sujeitos, estaria presente significativamente em alguns espaços disciplinadores (forjadores de condutas). Neste aspecto, o conceito *habitus* utilizado por Bourdieu (2002) para designar disposições e ações de indivíduos adquiridas no transcurso do tempo em dadas estruturas sociais, seja de modo corpóreo, cultural e simbólico é muito pertinente. Carvalho (2010) relaciona esta conceituação ao gênero:

Os *habitus* de gênero resultam do trabalho pedagógico psicossomático de nomeação, inculcação e incorporação através de variadas e constantes estratégias de diferenciação de meninas e meninos, implícitas e explícitas nas práticas de vários agentes e instituições – família, igreja, escola, meios de comunicação, Estado (CARVALHO, 2010, p. 242, grifo do autor).

Ao passo que para Louro (1997) as imbricações entre gênero e poder seriam mais amplas, visto que considera um maior quadro de possibilidades de ação entre homens e mulheres, e próximas, compreendo um processo retroalimentativo entre estas relações.

Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que *instituem* gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas *apropriadas* (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder (LOURO, 1997, p. 41, grifo do autor).

Alinhadas às concepções desconstrucionistas em relação ao gênero e suas características pautadas na dualidade homem-mulher que despontaram nos anos 90, as proposições de Judith Butler são das mais pertinentes. Butler (1999) questiona a pretensa estabilidade e a associação identitária associadas ao termo “mulher” e o vincula às distintas interseccionalidades:

Si una “es” una mujer, es evidente que eso no es todo lo que una es; el concepto no es exhaustivo, no porque una “persona” con un género predeterminado sobrepase los atributos específicos de su género, sino porque el género no siempre se constituye de forma coherente o consistente en contextos históricos distintos, y porque se entrecruza con modalidades raciales, de clase, étnicas sexuales y regionales de identidades discursivamente constituidas. Así, es imposible separar el “género” de las intersecciones políticas y culturales en las que constantemente se produce y se mantiene (BUTLER, 2007, p. 49).⁷

7 Se alguém “é” uma mulher, é claro que isso não é tudo o que se é; o conceito não é completo, não porque uma “pessoa” com um gênero predeterminado excede os atributos específicos de gênero, mas porque o sexo não é sempre constituído de modo coerente ou de forma consistente

A noção de sexo também é questionada, uma vez que para a autora ele é um elemento dado enquanto pré-discursivo (anterior à cultura) adquirindo, assim, status de natural. Deste modo, visa-se assegurar a estabilidade interna do sistema binário de sexo e, por conseguinte, a necessária coerência entre sexo, gênero e desejo. Desta feita, para Butler (2007) o gênero pode ser entendido como “[...] la estilización repetida del cuerpo, una sucesión de acciones repetidas - dentro de un marco regulador muy estricto - que se inmoviliza con el tiempo para crear la apariencia de sustancia, de una especie natural de ser” (p. 98)⁸. Tal naturalização destas performances humanas acaba por direcionar e, de certo modo, legitimar os papéis de gênero socialmente construídos.

Desta feita, o componente de gênero na investigação geográfica se faz importante para o entendimento do próprio fazer científico nesta área, visto que ele possibilita compreender que a organização social e territorial abarca diferenças significativas entre mulheres e homens, ao passo que as relações entre ambos “são um elemento estruturador importante da sociedade, não devendo ser entendido apenas nas vertentes da privacidade, da intimidade ou da afetividade” (ANDRÉ, 1990, p. 4).

Um marco relacionado com o incremento de reflexões envolvendo ações de homens e mulheres neste meio é associado à publicação do artigo “On Not Excluding Half of the Human in Human Geography”, no periódico *The Professional Geographer*, de autoria de Janice Monk e Susan Hanson em 1982. Outro nome importante neste meio, McDowell (1992), relata o isolamento delegado às produções de geografias feministas sobre assuntos diversos, a citar as relações de gênero enquanto elemento de organização social e como estratégia de manutenção de características masculinas na Geografia, conforme aponta Silva (2009). A autora também discute, a partir de Rose (1993), que o conhecimento geográfico se encontra masculinizado tanto em termos de escolhas metodológicas como nos perfis de eventos de debate e divulgação científica. É relatada também a necessidade das

em diferentes contextos históricos, e porque se cruza com modalidades raciais, de classe, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Assim, é impossível separar o “gênero” das interseções políticas e culturais em que constantemente se produz e se mantém.

8 [...] a repetida estilização do corpo, uma sucessão de ações repetidas - dentro de um quadro regulamentar muito rigoroso - que é imobilizado com o tempo para criar a aparência de substância, de uma espécie natural de ser.

mulheres adotarem posturas associadas ao modelo clássico masculino de prática científica pautada na objetividade e racionalidade a fim de terem possibilidade de sucesso acadêmico.

Neste seguimento, García e Sedeño (2002) argumentam a existência de duas formas de discriminação relacionadas ao gênero na produção científica: uma territorial e outra hierárquica. Na primeira, seriam delegadas às mulheres atividades relacionadas ao compêndio de dados quantitativos e taxonomia, visto que são consideradas mais adequadas a estas pelo cuidado e minúcia exigidos. A segunda consiste em manter cientistas brilhantes em níveis inferiores no meio acadêmico, impedindo a ascensão destas. Tal processo é derivado de mecanismos muito sutis que excluem as mulheres das redes informais de comunicação, fundamentais para o desenvolvimento de conceitos e publicações, tal como demonstrou Silva *et al* (2009) no contexto do campo geográfico brasileiro. Neste aspecto:

Mesmo em circunstâncias como a avaliação de artigos submetidos à publicação, na qual se preserva o anonimato de ambas as partes, cabe perguntar: isso evitaria o sexismo? As comunidades científicas especializadas geralmente são pequenas e várias informações incluídas nos artigos, tais como local de realização, referências mais citadas, entre outras, fornecem pistas a respeito da procedência do artigo. Além disso, temas e questões de interesse das mulheres podem ser menosprezados ou incompreendidos, com evidente prejuízo para quem os formula. Porém, ainda mais passíveis de preconceito são os mecanismos de seleção de integrantes de comitês, palestrantes de congressos e membros de bancas, nos quais um alto grau de subjetividade está envolvido e certamente as concepções de gênero exercem influência (AQUINO, 2006, p. 18-9).

Nos países desenvolvidos e menos desenvolvidos a proporção de mulheres pesquisadoras é menor quando comparada a dos países semi-industrializados ou recentemente industrializados⁹. A explicação derivaria do fato de que a industrialização se fez no momento em que a participação social e

9 A Organização das Nações Unidas (ONU) utiliza três critérios para avaliar o desenvolvimento dos países: a) renda, via Produto Interno Bruto (PIB) *per capita*; b) recursos humanos, por meio de índices como expectativa de vida, matrículas no sistema de ensino, consumo de calorias *per capita*; c) diversificação econômica, pela distribuição de força de trabalho nos setores econômicos, exportações, consumo de energia comercial, entre outros. Disponível em: <<http://www.cinu.org.mx/temas/desarrollo/dessocial/ldc/paisesmadel.htm>>. Acesso em 15/09/2016. Segundo Firkowski (1990) os países recentemente industrializados seriam caracterizados, basicamente, por possuírem força de trabalho disciplinada e barata, recursos naturais abundantes, governo favorável ao capital estrangeiro e indústria focada em processar produtos primários. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/viewFile/9901/8711>>. Acesso em 15/09/2016.

econômica das mulheres já era mais aceita pela sociedade, o que possibilitou um maior percentual de ingresso no meio científico. Contudo, de um modo geral, o aumento da participação da mulher neste setor não acompanhou posição similar à presente nos postos de relevância e reconhecimento equivalente em outras áreas (ICHIKAWA *et al*, 2004).

Nos Estados Unidos existem estatísticas há algumas décadas sobre a participação das mulheres na ciência que constatam segregação hierárquica, o número de mulheres é menor ao passo que aumenta o poder e prestígio; segregação territorial, as mulheres concentram-se nas áreas consideradas mais brandas e menos valorizadas; assim como a segregação institucional, elas dificilmente são contratadas como professoras de universidades de elite. Observou-se também que homens são mais exitosos em campos tidos enquanto feminilizados, como Enfermagem, do que as mulheres em campos mais masculinizados, como Física e Engenharia (SCHIENBINGER, 2001).

Pierro (2013) destaca dados importantes oriundos de um estudo realizado pelo Projeto Eigenfactor da Universidade de Washington que analisou cerca de 2 milhões de artigos, de 1.765 áreas e subáreas do conhecimento, abrangendo o período entre os anos 1665 e 2011. Destaca-se o fato da participação feminina como autoria principal dos artigos ter crescido significativamente nos últimos anos, chegando a 27, 2% do total no período 1990-2011. Os temas de pesquisa que tendem a ter uma maior participação das mulheres são educação, sociologia e família. O predomínio feminino ocorre quando são abordados assuntos como: divisão do trabalho doméstico (68,4% do total), literatura do século XIX (65,5%), aborto (63,6%) e usos da linguagem (59,8%). Ao passo que os campos do conhecimento com menor participação das mulheres na publicação de artigos são matemática (6,6%), filosofia (9,4%) e metodologia econômica (4%).

Pujol *et al* (2012) ao tomar por análise o contexto da Geografia nas universidades espanholas afirma que a escassa presença das mulheres neste meio resulta de fatores culturais e sociológicos, bem como ao fato da disciplina se encontrar tradicionalmente vinculada às habilidades reconhecidamente masculinas (melhor orientação espacial e maior força física facilitando a exploração de novas terras). Ainda segundo as autoras, o menor contingente de mulheres na carreira acadêmica relaciona-se à priorização da família, sobretudo na fase reprodutiva, assim como

a outros factores relacionados con la diversidad de valores (ambición masculina/cooperación femenina); el tipo de responsabilidades que asumen dentro de los departamentos en relación a los cargos de gestión (los hombres ocuparían los cargos que suponen más poder y las mujeres los de menor prestigio, aunque de mayor dedicación); los modelos de carrera investigadora e, incluso, de cómo es entendida la ciencia o la investigación. La mayoría de catedráticas declaran que han tenido que hacer un esfuerzo extraordinario para llegar a serlo y sobretodo pagar un alto precio a nivel personal, al cual no suelen referirse los catedráticos (PUJOL *et al*, 2012, p. 333-334).¹⁰

A ausência das mulheres na ciência diria respeito à predominância de uma dada ideologia que continuaria sustentando a objetividade, a neutralidade e a racionalidade da ciência assim como a existência de poucas mulheres (e homens) para escrever acerca das imbricações entre gênero e ciência. O processo de distanciamento das mulheres para com a ciência enquanto atividade sistematizada teria início no processo de socialização, com o direcionamento para atividades consideradas femininas e constrangimentos na escolha entre família, maternidade e carreira (COSTA, 2006).

Contudo, Schienbinger (2001) argumenta que não faria sentido equacionar o ingresso de mulheres a fim de modificar estruturalmente a ciência e supor que traços ditos femininos fundamentariam um novíssimo tipo de ciência:

A hipótese de que as mulheres podem fazer ciência diferentemente permanece apenas isto - uma hipótese que precisa ser testada. (O mesmo vale para sua antítese - de que as mulheres não fazem ciência diferentemente). Não é óbvio que o gênero tenha uma influência mais forte sobre a ciência do que outras divisões políticas e culturais na sociedade norte-americana, tais como classe ou etnia. Para testar tal ideia, seria preciso observar os tipos de perspectivas que podem ter sido trazidos à ciência por mulheres afro-americanas, hispânicas, asiático americanas, americanas nativas e latinas (e assim por diante), de antecedentes de classe alta, média e baixa, para não mencionar diferenças regionais e outras diferenças culturais [...] Eu argumentaria que as muitas tentativas de aumentar o número de mulheres na ciência através de programas nacionais e universitários que se concentram exclusivamente em mulheres, ao invés de em instituições e ideologias, não têm êxito porque se baseiam em entendimentos insuficientes dos processos envolvidos. O que é necessário

10 [...] outros factores relacionados com a diversidade de valores (ambição masculina / cooperação feminina); o tipo de responsabilidades que assumem dentro dos departamentos em relação aos cargos de gestão (os homens ocupariam os cargos que supõem mais poder e as mulheres os de menor prestígio, embora de maior dedicação); os modelos de carreira científica e, incluído, como é entendida a ciência ou a investigação. A maioria das catedráticas declarou ter tido que fazer um esforço extraordinário para chegar a sê-lo e, sobretudo pagar um alto preço a nível pessoal, o qual não abrange apenas os catedráticos.

é um entendimento crítico de gênero, de como ele funciona na ciência e na sociedade (SCHIENBINGER, 2001, p. 37-39).

Ao passo que para Bourdieu (2002), mesmo em um contexto de maior ingresso das mulheres no meio científico, as disparidades em relação aos homens persistem de um modo simbólico:

As mudanças visíveis de condições ocultam, de fato, a permanência nas posições relativas à igualização de oportunidades de acesso e índices de representação não deve mascarar as desigualdades que persistem na distribuição entre os diferentes níveis escolares e, simultaneamente, entre as carreiras possíveis[...] E é sabido que o mesmo princípio de divisão é ainda aplicado, dentro de cada disciplina, atribuindo aos homens o mais nobre, o mais sintético, o mais teórico e às mulheres o mais analítico, o mais prático, o menos prestigioso (BOURDIEU, 2002, p. 102).

Aquino (2006) propõe três dimensões de análise para a abordagem do tema gênero e ciência. A primeira consideraria o ingresso e o grau de participação das mulheres nos vários campos disciplinares. O intento de mapear e monitorar as tendências históricas demanda o acesso a diferentes bases de dados estatísticos, dispersos em inúmeras instituições e agências de fomento, geralmente não especificadas por sexo. A outra dimensão diz respeito às transformações culturais ocorridas no meio científico, nas relações de gênero, nos espaços de produção e divulgação do conhecimento, o que demandaria a realização de estudos socioantropológicos, ainda escassos no país. E a terceira dimensão abarcaria o próprio conteúdo dos conhecimentos produzidos, requerendo análises complexas de caráter, histórico, sociológico e epistemológico. Partindo-se do fato de que tanto as mulheres, como as questões e valores denominados femininos foram excluídos da ciência, pode-se afirmar que esta “não é neutra em relação às questões de gênero – as desigualdades de gênero foram incorporadas à estrutura e à produção do conhecimento, (re)produzidas e representadas” (CARVALHO, 2010, p. 245).

Entretanto se faz necessário atentar e denunciar argumentações infundadas realizadas sobre a temática ciência e sexo-gênero que beiram o absurdo, conforme o criticam os físicos Sokal e Bricmont (2010) a respeito do trecho em que a teórica feminista Luce Irigaray sugere a existência de um teor androcêntrico em uma renomada fórmula do físico Albert Einstein:

É $E=mc^2$ uma equação sexuada? Talvez seja. Consideremos a hipótese afirmativa, na medida em que privilegia a velocidade da luz em comparação

com outras velocidades que nos são vitalmente necessárias. O que parece indicar a possível natureza sexuada da equação não é precisamente o seu uso em armas nucleares, mas sim o fato de ter privilegiado o mais rápido (IRIGARAY, 1987, p. 100 *apud*. SOKAL; BRICMONT, 2010).

Os autores afirmam que a supracitada equação foi testada com alto grau de precisão e que não haveria fundamento válido algum na substituição da velocidade da luz por outras “que nos são vitalmente necessárias” nesta relação. Assim, apesar de lhes parecer que a influência de fatores culturais, ideológicos e sexuais sobre os pressupostos científicos possa constituir um importante mote de pesquisa, Irigaray em nada contribuiria para esta discussão dada a sua “compreensão superficial dos assuntos tratados” (SOKAL; BRICMONT, 2010, p.112).

Desta feita, o gênero é uma importante categoria de análise para o entendimento dos meandros do conhecimento científico, visto que implica neste em termos de longa data e permeia os contextos de produção e valoração do âmbito acadêmico, altamente estratégico na atualidade. A citar, por exemplo, a investigação de Cesar (2015) a respeito das relações de gênero no campo científico geográfico brasileiro. Após analisar elementos estruturais e legais e comparar quantidade e valoração atribuída a artigos produzidos por homens e mulheres no âmbito acadêmico em questão, a autora evidenciou significativa supremacia masculina. O percentual de artigos publicados em primeira autoria por homens respondia por 60% do total de artigos levantados.

Na sequência do texto teremos por enfoque justamente a estruturação do espaço de produção científica no qual este trabalho aborda: o campo geográfico brasileiro e paranaense.

1.3 ESPAÇO ACADÊMICO E PRODUÇÃO CIENTÍFICA GEOGRÁFICA NO BRASIL E NO PARANÁ

A produção científica pode ser entendida pelo viés geográfico e para tanto propusemos a ideia do espaço acadêmico como sendo constituído de relações de poder entre diferentes sujeitos situados no campo científico, em permanente processo de transformação que envolvem disputas materiais e simbólicas em variadas escalas a partir de regras específicas. Um dos produtos materiais da atividade acadêmica é a produção de artigos científicos que acabam se transformando em proposições teóricas que forjam poder simbólico pela legitimação

das teorias em um processo de citação nas pesquisas produzidas em determinadas áreas. Esse processo de produção e legitimação teórica por meio das pesquisas e seus registros escritos que são artigos científicos, dissertações e teses tem sido base para criar uma metodologia de hierarquização nos processos de avaliação de desempenho dos pesquisadores brasileiros que, na imensa maioria, são componentes de Programas de Pós-graduação. Assim, a estrutura e os sujeitos componentes dos Programas de Pós-graduação em Geografia são importantes para compreender a massa de produtos científicos que são gerados e entram em circulação na constituição do espaço acadêmico.

As regras, contudo, mudam com o tempo e constituem diferentes configurações dos espaços acadêmicos, atrelados às instâncias econômicas, políticas e culturais. O desenvolvimento da produção científica no Brasil remonta ao início dos anos 30, quando se institui a investigação científica enquanto um dos fins do ensino universitário através do decreto nº 19.851 de abril de 1931, concebido pelo então ministro da Educação e Saúde Pública, Francisco Campos. É quase à mesma época, também, a criação dos primeiros cursos de graduação em geografia¹¹, da origem da geografia oficial do IBGE¹² e da primeira divisão regional de planejamento institucional e territorial do país¹³ (SANT'ANNA NETO, 2014).

A Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, hoje a atual Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), foi criada em 1951, no início do segundo governo de Getúlio Vargas, com o objetivo de "assegurar a existência de pessoal especializado em quantidade e qualidade suficientes para atender às necessidades dos empreendimentos públicos e privados que visam ao desenvolvimento do país" (CRUZ, 2012, p. 1). Bem como tinha vistas de promover maior consistência e organização à política de pesquisa no interior das universidades, e demais instituições de nível superior. Todavia, é apenas na década seguinte por meio do parecer do Conselho Federal de Educação nº 977/65 e Reforma universitária de 1968, ampliando as atribuições e meios

11 Universidade de São Paulo (1934) e Universidade do Distrito Federal (1936), atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

12 Em 26 de janeiro de 1938 o Decreto-Lei nº 218 cria o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a partir do Instituto Nacional de Estatística (INE).

13 Em 1942 entrou em vigor a nova Divisão Regional do Brasil, agregando as unidades federativas em cinco regiões: Norte, Nordeste, Leste, Sul e Centro-Oeste.

orçamentários da CAPES, que regulamentações da pós-graduação começam a ganhar corpo.

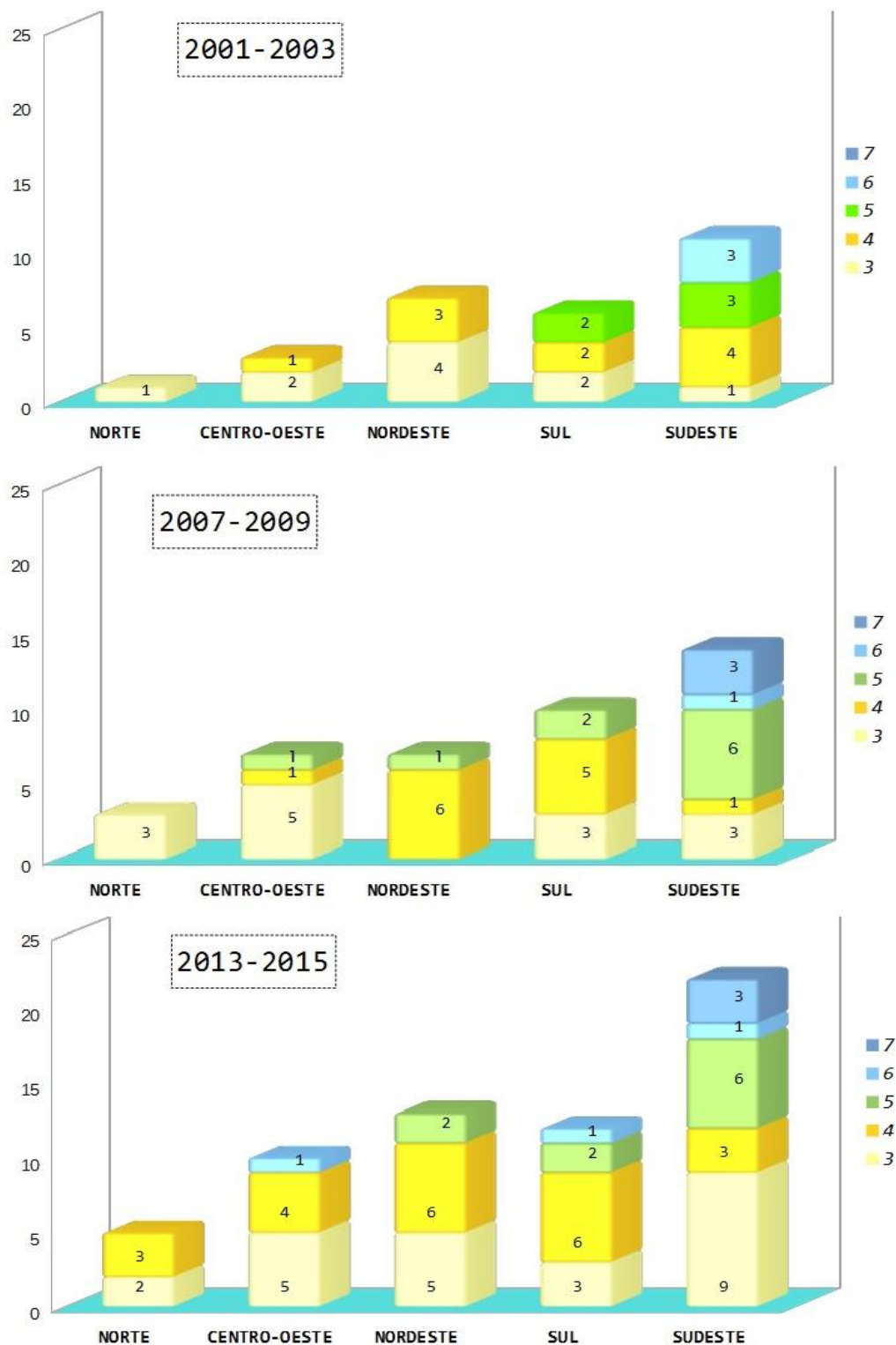
Muito embora a legislação já concedesse título de doutor e livre docência a pesquisadores eméritos que submetiam seus trabalhos publicamente a uma defesa de tese, os cursos de mestrado e doutorado nas universidades brasileiras só se desenvolveriam [...] em pleno regime militar que, contraditoriamente, daria ênfase a pós-graduação (SANT'ANNA NETO, 2014, p. 11).

A partir desta conjuntura nascem os primeiros cursos de pós-graduação na Universidade de São Paulo (USP), sendo inaugurais no campo geográfico os dois programas, Geografia Física e Geografia Humana, criados em 1971, ambos ofertando cursos de mestrado e doutorado. Na mesma década ainda seriam criados os Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ – 1972), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE – 1976) e o da Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro (UNESP/RC - 1977), todos estes, contudo, oferecendo apenas o curso de mestrado (SANT'ANNA NETO, 2014). Nesse princípio, conforme relatam Silva e Dantas (2005), estes programas dependiam do intercâmbio com universidades estrangeiras para compor o quadro docente, com significativo número de professores que obtiveram título de doutorado em países como a França.

A implementação de novos cursos na área apresenta relativo aumento nas décadas seguintes, com uma dinâmica mais frequente de debates e reivindicações entre os pesquisadores, expressa em 1993 com a fundação da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE). Este progressivo aumento e demanda de programas *stricto sensu* adquire maior respaldo com a obtenção de licença de afastamento para a realização de cursos de pós-graduação, liberando docentes de suas atividades departamentais, de aula e pesquisa. Bem como, é atrelada a isto a política de concessão de bolsas por agências de fomento (SILVA; DANTAS, 2005). Sendo que a partir dos anos 2000 acontece uma intensificação deste processo derivado de maiores investimentos governamentais visando aumentar a mão-de-obra qualificada (majoritariamente mestres e doutores) e mitigar assimetrias regionais (distribuir mais cursos no interior do país) (SANT'ANNA NETO, 2014). Paralelamente a este processo, também ocorrem maiores exigências por produção científica pelo corpo docente dos programas de pós-graduação e o estabelecimento de estratificações de qualidade destes cursos. No Gráfico 2

podemos visualizar o expressivo aumento dos referidos programas e os respectivos conceitos destes nas cinco regiões brasileiras, a partir do período inicial de avaliações trienais realizadas pela CAPES.

Gráfico 2 - Programas de Pós-Graduação em Geografia no Brasil – por período, região e conceito Capes



Fonte: Sant'Anna Neto (2014).
Organização própria.

O Sistema de Avaliação da Pós-Graduação, vinculado à CAPES, foi implementado nos anos 70, em um período cujo interesse era o de promover uma competição entre os diferentes programas e universidades, visto que não era possível fornecer recursos financeiros expressivos dada a ampliação destes no território nacional. O processo avaliativo que confere o status de recomendado pela CAPES é baseado numa escala de notas entre 3, conferida para programas de funcionamento precário ou recém-criados, e 7, a nota máxima, atribuída a programas considerados de excelência e com um relativo nível de internacionalização (SANT'ANNA NETO, 2014).

É evidente a relação da distribuição dos programas por nota e região com a história econômica e social do país, com primazia dos estados do Sudeste, sobretudo São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Assim como se refere à longevidade e tradição dos centros de pesquisa destes locais, critério tido enquanto muito pertinente para a CAPES.

Todos os programas criados antes de 2000 apresentam nota igual ou superior a 4 e, a grande maioria dos programas nota 3, tem menos de 10 anos de existência. Ou seja, ainda não alcançaram maturidade intelectual, pois, em geral são formados por jovens doutores, mas que apresentam forte tendência de melhoria da avaliação com o tempo. Assim, como o sistema nacional de pós-graduação cresceu fortemente na última década, o número de programas nota 3 e 4 são amplamente majoritários, porém, significando mais a juventude do programa e dos docentes, do que necessariamente a qualidade intelectual existente (SANT'ANNA NETO, 2014, p. 19).

Resumidamente, o Sistema de Avaliação da Capes também acompanha: 1) a produção na formação de doutores; 2) O desempenho na formação de mestres; e 3) desempenho na produção intelectual. A produção e o desempenho na formação de doutores e mestres seriam mensurados por meio de indicadores de publicação que medem a quantidade, o impacto das publicações e indicadores de citação, que medem a abundância e o impacto das vinculações ou relações entre publicações, a fim de verificar o desempenho na produção intelectual. Na academia não existe consenso e tampouco unanimidade acerca da necessidade de avaliação da pesquisa como processo contínuo. Tais critérios únicos e unitários para avaliar programas e produções tão distintos geram controvérsias. Há também quem pretenda que os atuais critérios sejam mais flexíveis, mas há também os que

desejam justamente o contrário, que os critérios sejam ainda mais rigorosos (SAORIM; GARCIA, 2010):

O vigente sistema de avaliação da Capes, merece atenção, pois, sem o compromisso, apoio e a ratificação dos docentes envolvidos no processo de avaliação, todo critério se apresenta frágil e insuficiente para medir a evolução da qualidade da produção científica. Os docentes desejam e sustentam, a cada avaliação, o seu aprimoramento constante. Muitos consideram que há uma excessiva quantidade de dados coletados pelo sistema de avaliação da Capes, em detrimento de se aprimorar e definir alguns indicadores que permitam uma avaliação mais qualitativa dos programas e cursos (SAORIM; GARCIA, 2010, p. 60).

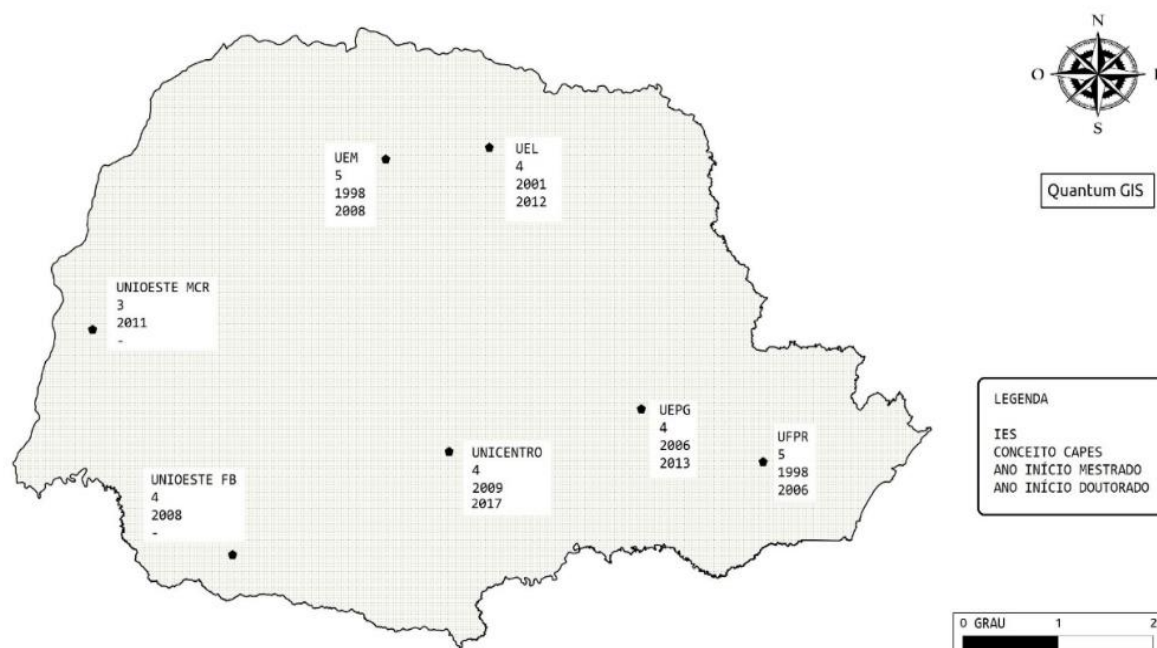
Cruz (2012) aponta as dificuldades de se estabelecer uma avaliação profunda e coerente dado o crescimento exponencial da pós-graduação brasileira nas últimas décadas. O resultado foi a valorização do quantitativo e a disseminação do produtivismo no meio acadêmico como melhor demonstração de qualidade. Luiz (2006) realiza proposições no sentido de ir além da dualidade qualidade-quantidade, uma vez que reconhece a necessidade de complementariedade de ambas, ao passo que propõe a utilização de um sistema híbrido, mesmo que eventualmente tenda para um ou outro aspecto, visto que poderia contribuir significativamente para soluções de problemas neste meio devido a sua capacidade de adaptar-se a diversas áreas de conhecimento.

Na atualidade, a área de Geografia conta com 62 cursos de pós-graduação distribuídos pelo território nacional, dos quais 25 são cursos de mestrado acadêmico, 4 de mestrado profissional e 33 referem-se a programas consolidados, ofertando mestrado e doutorado. Sendo o Amapá e o Acre unidades da federação ainda sem a presença da pós-graduação neste campo. Ao passo que em estados como São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul ocorrem à criação de novos cursos concomitantemente a consolidação dos já existentes (DANTAS, 2016). Neste contexto, o caso paranaense mostra-se emblemático uma vez que apresenta um elevado número de cursos (sete ao todo), relativamente bem distribuídos pelo território do estado e de criação em distintas temporalidades.

Assim como no contexto nacional, os cursos mais antigos apresentam melhor qualificação segundo a CAPES e mostram-se mais consolidados. Os programas de pós-graduação em geografia pioneiros no Paraná, na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Universidade Estadual de Maringá (UEM), surgem no

fim dos anos 90. Contudo é apenas na década seguinte que passam a ofertar o curso de doutorado; mesmo período em que são criados a maioria das pós-graduações na área geográfica no restante do estado, reordenando e repartindo as crescentes demandas profissionais nas diferentes regiões do estado (UEL 2016; UNIOESTE, 2016) e com o intento de verticalizar os cursos de graduação (UNICENTRO, 2016), por exemplo (Cartograma 1).

Cartograma 1 - Distribuição espacial dos Programas De Pós-Graduação em Geografia no estado do Paraná



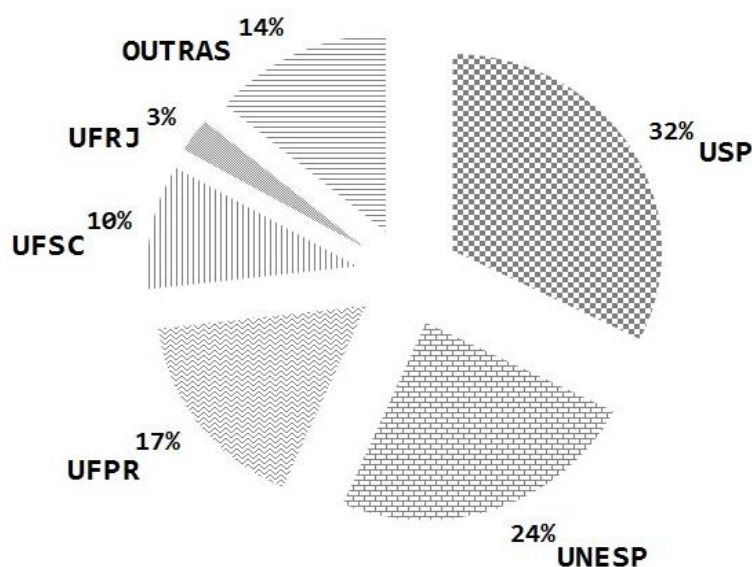
Fonte: sites dos programas de pós-graduação.
Organização própria.

Entretanto, mesmo com a recente difusão destes cursos no Paraná e no restante do território nacional, a formação do corpo docente dos referidos programas mostra-se concentrada nos centros de pesquisa tradicionais. Conforme dados levantados por Sant'Anna Neto (2014), no ano de 2012 quase metade (46%) do total de professores de pós-graduação em geografia no país havia obtido seus títulos de doutorado pela Universidade de São Paulo (USP); e 26% foram titulados em algum dos dois campi (Rio Claro e Presidente Prudente) da Universidade Estadual Paulista (UNESP).

No tocante ao professorado dos cursos situados no território paranaense os percentuais são semelhantes na atualidade, praticamente um em cada três docentes doutorou-se também na USP, bem como 24% o fizeram na UNESP. Ao passo que 16% obtiveram titulação no curso mais antigo do estado, na Universidade Federal do

Paraná (UFPR), e 10% no próximo e ainda mais longo ofertado pela Universidade Federal de Santa Catarina¹⁴ (UFSC). A formação acadêmica dos professores da pós-graduação paranaense é majoritariamente proveniente de São Paulo. Neste sentido, conforme abordam Silva *et al* (2013) dadas temáticas de pesquisa podem ser valorizadas, ou não, em decorrência dos parâmetros teórico-metodológicos adotados em cada centro de pesquisa, sendo comum a influência de universidades mais antigas na constituição de paradigmas de funcionamento sobre instituições mais recentes (Gráfico 3).

Gráfico 3 - IES de doutoramento do corpo docente dos Programas de Pós-Graduação em Geografia no Paraná



Fonte: plataformas Sucupira e Lattes.
Organização própria.

Além do 'onde' a produção científica geográfica acontece e é valorada, o 'como' também é um elemento fundamental para o entendimento da estruturação desta conjuntura. Neste sentido, concomitantemente ao aumento da quantidade de programas de pós-graduação em Geografia no país também ocorreu significativo acréscimo dos veículos de divulgação da produção científica na área. Além dos convencionais livros e eventos, os periódicos científicos (principalmente em sítios eletrônicos), apresentaram crescimento constante em uso e pertinência, decorrentes em grande parte das facilidades de disponibilidade ao acesso aberto *on-line* possibilitadas após as Declarações de Budapeste, Berlim e Bethesda em 2002 e

¹⁴ Passou a ofertar o curso de Doutorado em Geografia no ano de 1999.

2003 (SCIELO, 2014). Este novo panorama da produção científica foi esboçado por Suertegaray (2007):

No que se refere à produção e os veículos de divulgação da pesquisa geográfica cabe dizer que a área valoriza três veículos na difusão do conhecimento geográfico, os periódicos, os anais de eventos e os livros. Estes são significativamente importantes para a área das humanidades e se revelam fundamentais na divulgação do conhecimento geográfico. A cada ano a produção se amplia. Os livros, os periódicos e os anais sendo instrumentos de divulgação do conhecimento, para a agência avaliadora necessitam ser qualificados. A grande dificuldade é qualificar exatamente os livros. Estes instrumentos de difusão também se revelam diferenciados para o conjunto dos programas. Há aqueles que privilegiam as publicações em periódicos, outros em anais de eventos e outros priorizam a publicação em livros. Destaca-se, ainda, a produção mais atual de revistas eletrônicas. Esta ampliação de revistas nessa modalidade poderá indicar para um futuro em curto prazo uma mudança do perfil de difusão do conhecimento geográfico. Há, nessa produção uma possibilidade de canalização do produto geográfico para a divulgação em forma de periódicos (SUERTEGARAY, 2007, p. 15).

Os periódicos científicos *on-line* são avaliados pelo sistema Qualis-CAPES, que consiste em uma série de procedimentos de estratificação da produção intelectual dos programas de pós-graduação. Segundo Bastos (2014), a aferição da qualidade dessa produção é realizada de forma indireta, visto que o conteúdo dos artigos e de outros tipos de produção é avaliado a partir da análise da qualidade dos veículos de divulgação, ou seja, dos próprios periódicos científicos. A avaliação é atualizada a cada triênio, sendo definidos oito estratos, em ordem decrescente de valor: A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C, sendo este último de caráter nulo. Ainda conforme explica o autor, a classificação de um periódico em cada um desses estratos baseia-se em alguns princípios como o seu fator de impacto na comunidade científica¹⁵, sendo que:

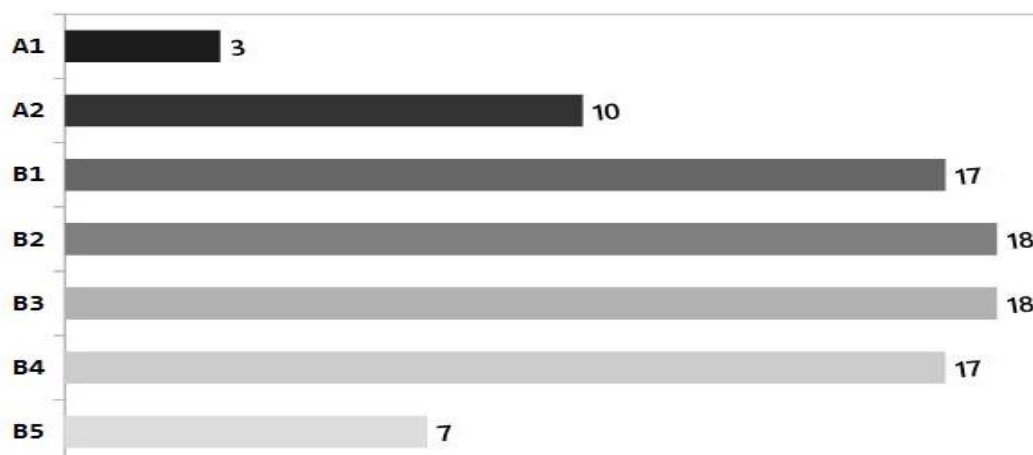
- O número de periódicos A1, que é o estrato superior da escala, deve ser inferior ao de A2;
- A soma de A1+A2 deve corresponder a, no máximo, 26% dos periódicos em que a área publicou artigos no triênio anterior;
- A1+A2+B1 não pode ultrapassar 50% de todos os periódicos do triênio

15 Um dos principais parâmetros utilizados é o já relatado *índice-h*, calculado a partir das publicações mais citadas de cada cientista. Similar a este índice é o *i-10*, utilizado para expressar a quantidade de publicações com pelo menos dez citações cada.

anterior.

Esta proposição classificatória hierárquica resulta em um formato piramidal e dificultoso quanto à promoção de periódicos com qualidade emergente (Gráfico 4).

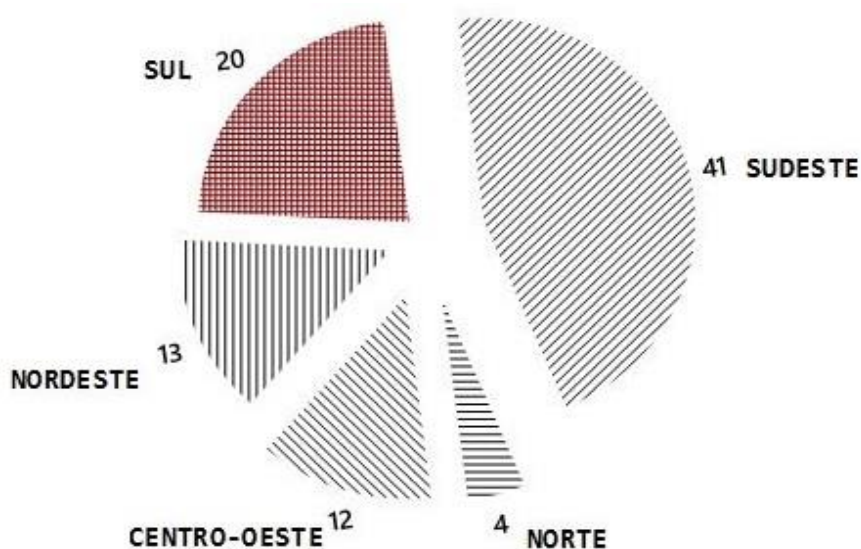
Gráfico 4 - Periódicos disponíveis *on-line* na área de Geografia avaliados pelo Qualis Capes – quantidade por estrato



Fonte: banco de dados do GETE.
Organização própria.

Por estarem diretamente vinculadas com os programas de pós-graduação a concentração e a circulação imediata dos periódicos científicos são análogas à localização dos cursos *stricto sensu*. Assim o é no caso das revistas geográficas, das quais quase metade têm seus processos editoriais situados na região Sudeste (Gráfico 5).

Gráfico 5 - Periódicos disponíveis *on-line* na área de Geografia avaliados pelo Qualis Capes – quantidade por região



Fonte: banco de dados do GETE.
Organização própria.

No que tange ao contexto do estado do Paraná o quadro de periódicos da área é similar ao nacional. Atualmente são onze revistas *on-line* ativas vinculadas à todos os programas de pós-graduação em Geografia (Quadro 1).

Quadro 1 - Periódicos disponíveis *on-line* na área de Geografia avaliados pelo Qualis Capes no Paraná – por IES, Ano e estrato

PERIÓDICO	IES	ANO de CRIAÇÃO	QUALIS
Ra'e ga	UFPR	1997	A2
Boletim de Geografia	UEM	2002	B1
Geografia	UEL	1983	B2
Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero	UEPG	2010	B2
Terr@ Plural	UEPG	2007	B2
Geografar	UFPR	2006	B2
Faz Ciência	UNIOESTE-FB	1997	B3
Espaço Plural	UNIOESTE-MCR	2003	B3
Ambiência	UNICENTRO	2005	B3
Geoingá	UEM	2009	B4
Perspectiva Geográfica	UNIOESTE-MCR	2005	B5

Fonte: banco de dados do GETE.
Organização própria.

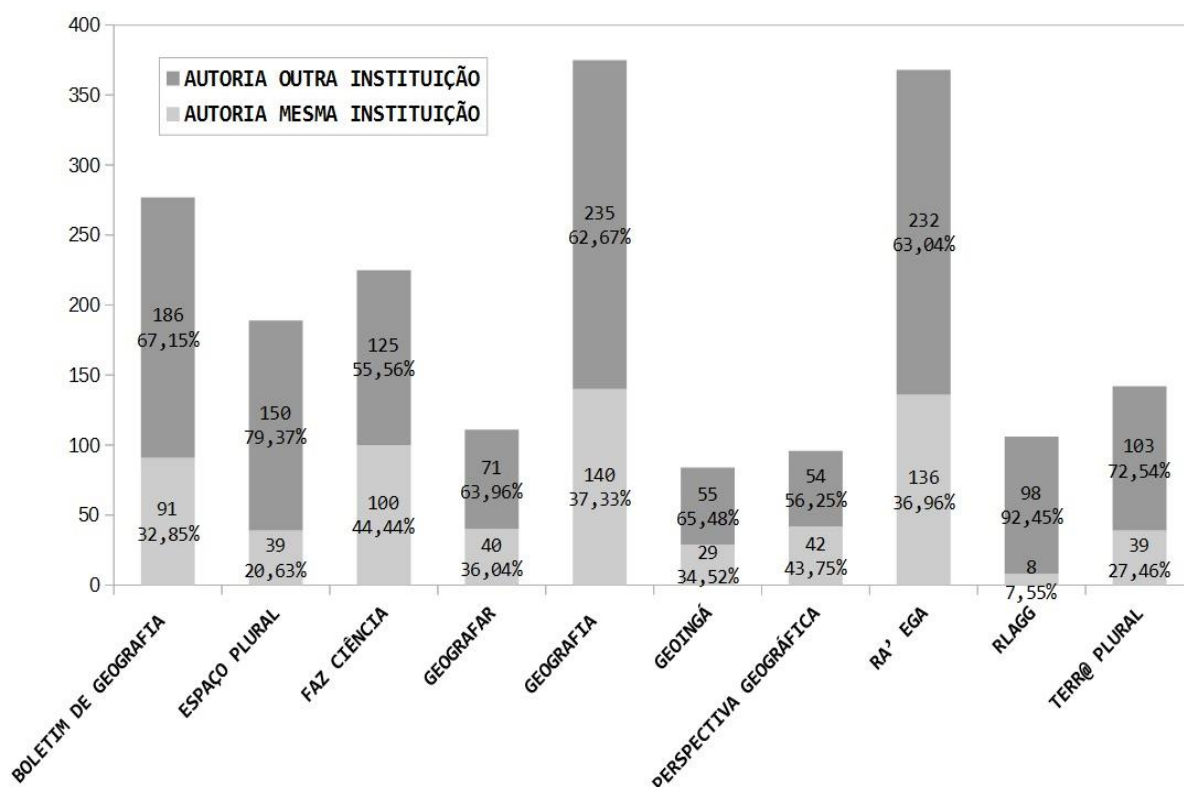
Assim como sucede com os cursos de pós-graduação, os periódicos científicos de Geografia no Paraná apresentam distintas temporalidades e conceitos de qualificação. Contudo, não há uma relação direta de longevidade com a qualidade atribuída às revistas. Um dos aspectos avaliados nos periódicos científicos pela CAPES refere-se à endogenia do corpo editorial e científico, uma vez que a proximidade dos pares acadêmicos poderia comprometer a imparcialidade da análise do texto submetido (DANTAS, 2015). No Gráfico 6 estão representados os percentuais relativos aos artigos de autoria de pesquisadores vinculados à mesma instituição do periódico e autoria com procedência institucional externa.

De um modo geral, as revistas geográficas paranaenses contêm um significativo número de artigos endógenos, de autoria proveniente da mesma instituição do periódico, com índice superior a 30%, em média¹⁶. A Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero (RLAGG), por sua proposição de amplitude

¹⁶ Em decorrência de trabalharmos com uma lista de periódicos referente à um período no qual ainda não considerávamos o periódico *Ambiência* enquanto de caráter majoritariamente geográfico, não constam neste trabalho dados oriundo do conjunto de publicações da referida revista.

espacial do debate científico, destoa deste quadro, contendo o maior índice de publicações oriundas de contextos externos no Paraná e um dos maiores no Brasil¹⁷.

Gráfico 6 - Endogenia e exogenia da autoria de artigos em periódicos Geográficos de instituições paranaenses

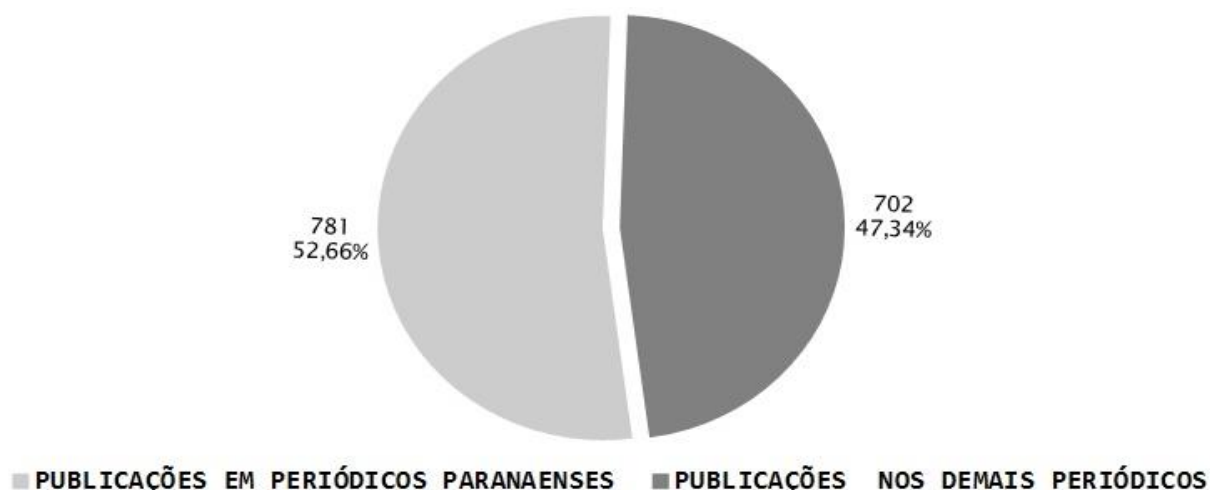


Fonte: banco de dados do GETE.
Organização própria.

Outro interessante aspecto da produção científica geográfica estruturada no território paranaense reporta aos espaços acadêmicos onde pesquisadores vinculados aos centros de pesquisa do estado publicam seus trabalhos. Neste sentido, a maioria dos artigos da área produzidos no Paraná circula nos dez periódicos estabelecidos dentro das fronteiras do próprio estado (Gráfico 7).

17 A listagem com o percentual de endogenia dos periódicos geográficos em todo o país consta no Apêndice 1. Não foram calculados os percentuais de endogenia nas revistas vinculadas à organizações suprauniversitárias e com pouco volume de artigos.

Gráfico 7 - Artigos publicados em periódicos geográficos por docentes de instituições paranaenses – percentual de trabalhos no estado do Paraná e em outras Unidades da Federação



Fonte: banco de dados do GETE.

Organização própria.

Deste modo, a produção científica geográfica paranaense é relativamente restrita espacialmente. Assim como no âmbito nacional são evidentes alguns traços de centralização ao Sudeste tanto na formação quanto na divulgação científica tida enquanto qualificada; apesar do recente processo de interiorização dos programas de pós-graduação na referida área, conforme abordou Cesar (2015) ao analisar o campo geográfico brasileiro. Ainda para a autora, a organização espacial potencializa dadas discussões teóricas e metodológicas, uma vez que a proximidade espacial entre pesquisadores poderia promover reflexões inovadoras, sobretudo em espaços acadêmicos considerados 'periféricos'. Contudo estas formulações científicas teriam dificuldades em atingir relevância em escalas mais amplas, por conseguinte valoradas como mais importantes, dada sua produção em localidades marginais.

Com relação aos artigos publicados em periódicos vinculados à IES de outros estados, a Universidade Estadual Paulista (UNESP) é a que publicou a maior quantidade: 75 (10,7% do total). Na sequência estão a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) com 66 artigos (9,4%); Universidade Federal do Amazonas, 53 (7,5%); Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), 45 (6,4%); e Universidade Federal de Goiás (UFG), com 34 publicações (4,8%). É evidente, assim, a pulverização da produção científica geográfica paranaense em âmbitos de pesquisa que estão, em sua maioria, distantes do eixo São Paulo-Rio de Janeiro, que tradicionalmente possui maior prestígio e difusão no território brasileiro.

Este capítulo explorou o espaço acadêmico em sua inerente complexidade, permeado por interesses inúmeros em um entrecruzar de relações humanas em distintas escalas. Assim como abordamos a produção científica enquanto artefato decorrente de dinâmico jogo, no qual, negociações e tensionamentos são constantes por parte de sujeitos que o fazem sempre posicionados, sendo impossível desvincular das conjunturas espaciais e temporais nas quais é realizado. Neste sentido, também problematizamos o gênero enquanto importante categoria de análise para o entendimento do conhecimento científico, dadas as evidentes implicações das relações generificadas nos contextos de produção e valoração do âmbito acadêmico. Por fim, tratamos de elementos referentes à estruturação, qualificação e representatividade da produção científica geográfica no Brasil e no Paraná, fundamentais para o entendimento do espaço acadêmico em questão neste trabalho.

CAPÍTULO 2 - GÊNERO E PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA GEOGRAFIA PRODUZIDA NAS INSTITUIÇÕES PARANAENSES

Como argumentado no capítulo anterior, o espaço acadêmico é instituído na relação entre sujeitos que são diferentemente posicionados nas relações de poder. O poder é algo relacional, não existe em si mesmo ou é algo que se obtém, conforme argumenta Foucault (1995). A sociedade possui estruturas de poder baseados em vários eixos, sendo que um deles é o eixo da hierarquia de gênero, como já discutido anteriormente. Por essa razão, é preciso considerar a forma como os sujeitos em diferentes posições de gênero estão instituindo o espaço acadêmico.

Para tanto, este capítulo traz o perfil dos produtores de conhecimento científico geográfico nas IES públicas estruturadas no estado do Paraná, partindo da concepção de ciência enquanto discurso produzido em circunstâncias culturais específicas e negociado entre humanos a partir de relações de poder, sendo o gênero importante componente analítico neste contexto. Enquanto a primeira seção se dedica a compreender a produção acadêmica e a influência teórica dos sujeitos que instituem o espaço acadêmico, a segunda seção traz a concepção de como essas pessoas vivem cotidianamente. Com base no uso do tempo que as pessoas gastam para a realização das atividades diárias, os argumentos que são desenvolvidos nesse capítulo sustentam a ideia de que o espaço acadêmico não se faz apenas do uso do tempo gasto na estrutura material do espaço das universidades, mas também das casas das pessoas. Assim, o espaço acadêmico não pode ser analisado de forma dicotômica, mas relacional ao espaço doméstico.

2.1 PERFIS DE HOMENS E MULHERES NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA GEOGRÁFICA NAS IES DO PARANÁ

A crise no regime de acumulação do modo de produção capitalista ocorrida no início da década de 1970 demandou reestruturações em diversos ramos produtivos em escala global, a citar estratégias de flexibilização de prestações de serviços e fragmentações espaciais na cadeia produtiva com o objetivo de economizar custos como mão-de-obra e matéria-prima. Não o foi diferente no contexto da educação superior, na qual foi introduzida uma lógica mercantilista com vistas de maximizar o exercício docente nas instituições com o acúmulo de atividades pedagógicas, investigativas e também administrativas. No Brasil, tornam-

se mais evidentes as consequências destas reordenações apenas nos anos 90 por meio de profundos processos de privatização e a instauração de um viés mercadológico no ensino, suprimindo as características da universidade de espaço privilegiado para a formação humana e produção de conhecimentos proveitosos para sociedade (MANCEBO, 2010). Bem como, de um modo mais amplo

a implementação das reformas neoliberais dos anos 1990 não afetou somente aspectos objetivos das relações entre docentes, seus empregadores e protocolos de trabalho. Implicou um processo de redistribuição do poder social que acarretou modificações no próprio modo como cada grupo social se auto-representa, se pensa e configura seu destino social no trabalho e na própria sociedade (MANCEBO, 2010, p. 81).

Neste contexto, as atribuições delegadas aos(as) pesquisadores(as) aumentaram significativamente nos últimos anos com a adoção de metas de produtividade necessárias para a ascensão na carreira e cada vez mais pautadas em parâmetros quantitativos: número de artigos publicados, de *papers* redigidos, de livros ou capítulos escritos ou compilados, de trabalhos apresentados em congressos e similares, quantidade de palestras proferidas, de bancas avaliadas, de orientações de alunos em diversos níveis de investigação, entre outros. Bem como o arbítrio pretensamente qualitativo de agências de financiamento, sobretudo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na avaliação de periódicos científicos e programas de pós-graduação é fortemente ancorado nos aspectos numéricos supracitados (TARGINO, 2010). Tais políticas fundadas no quantitativismo resultariam em significativo decréscimo das publicações científicas.

Interessante observar que as experiências que tenho realizado no plano microeditorial, especialmente como editora de uma das principais publicações no cenário da produção científica educacional do país, levam-me às mesmas constatações e inquietações: há hoje, no mundo acadêmico, um grande desperdício de recursos humanos, materiais e financeiros, forçado por uma política canhestra que busca estimular a produtividade. O contato cotidiano com as demandas inerentes à gestão de um periódico científico me permite afirmar que há uma proliferação de artigos de qualidade sofrível sendo produzidos em escala quase industrial (REGO, 2014, p. 33).

Criada com o intento de fomentar e gerenciar os programas de pós-graduação no país, a CAPES passou a realizar avaliações sistemáticas destes cursos no princípio dos anos 2000, mesmo período em que foi iniciado o processo de expansão dos mesmos pelo território brasileiro. Conforme comunica a Portaria nº

13, de 01 de abril de 2002 em seu Artigo 2º, a CAPES autoriza, reconhece e renova o reconhecimento de cursos de pós-graduação *stricto sensu* com base no parecer do Conselho Nacional de Educação nos termos normativos de funcionamento destes presentes na Resolução CNE/CES Nº 1, de 3 de abril de 2001 (CAPES, 2002).

O núcleo de docentes é um dos requisitos gerais para a recomendação (nota 3, no mínimo) dos programas de pós-graduação pela CAPES, recaindo sobre este a responsabilidade pela “[...] **garantia da regularidade e qualidade das atividades de ensino, pesquisa e orientação**, considerados o regime de dedicação ao programa, número e produtividade de seus integrantes e as áreas de concentração e o número de alunos previstos para o curso” (CAPES, 2003, p. 2, grifo do autor). Um(a) docente para o devido enquadramento na categoria de permanente deverá fundamentalmente: a) desenvolver atividades de ensino na pós-graduação e/ou graduação; b) participar de projetos de pesquisa do Programa de Pós-Graduação (PPG); c) orientar alunos(as) de mestrado ou doutorado do PPG, estando devidamente credenciado(a) como orientador(a) pelo(a) mesmo(a) (CAPES, 2014). Compete a cada colegiado de curso definir os parâmetros de produção científica para a continuidade do credenciamento docente no quadro permanente. No caso do PPG em Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), por exemplo, consta no Artigo 17º de seu Regimento Interno que é necessária

produção intelectual compatível com as demandas da pós-graduação, compreendida como um dos seguintes tipos de publicação **média por ano**: 1 (um) artigo em revista (padrão Qualis e/ou indexada da área de Geografia ou afins); ou 1 (um) capítulo de livro; ou 1 (um) livro (texto integral) (UFPR, 2012, p. 5, grifo do autor).

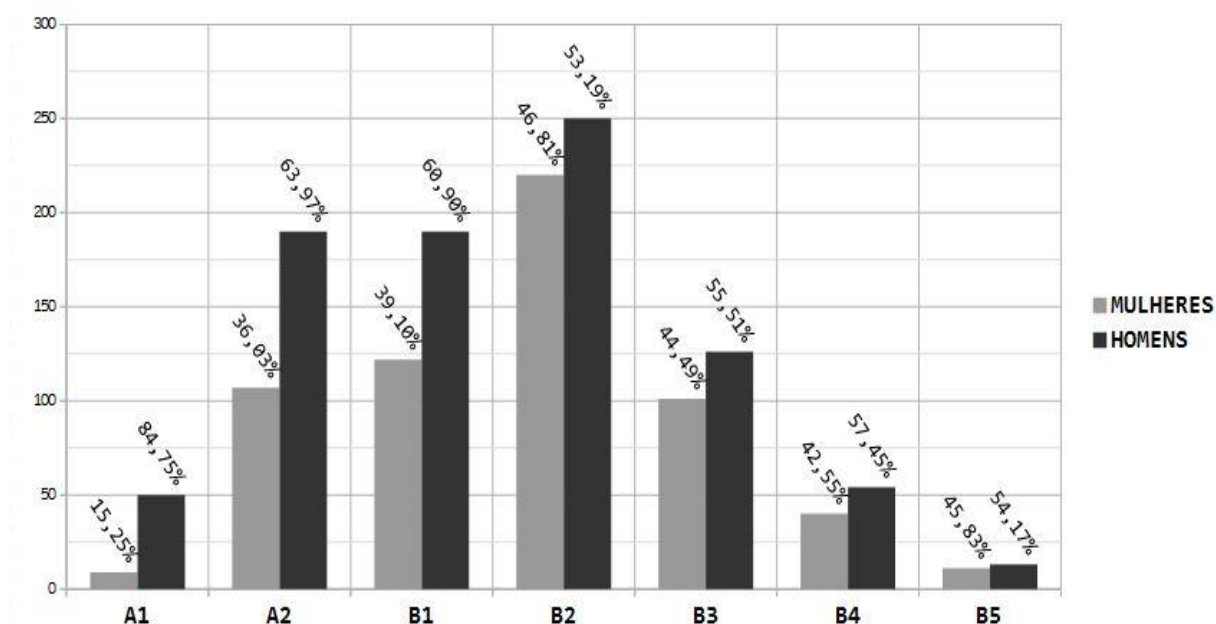
A avaliação da CAPES gera controvérsias, em vez de avaliar as dificuldades, potencialidades e a relevância das pesquisas para a instituição e região, os resultados consistem em planilhas de indicadores de produção dos(as) docentes avaliados(as) com enfoque, sobretudo, em periódicos melhores qualificados (MANCIBO, 2010). Estas exigências implicam mulheres e homens de modos distintos, uma vez que a vida acadêmica extrapola o recinto da universidade e ainda conserva muitos aspectos androcêntricos e tensionamentos evidentes entre os atores que instituem este campo, conforme discutimos no capítulo anterior.

Enquanto campo de saber/poder, a ciência geográfica também é influenciada pela pressão estatal por produtividade e por relações generificadas

entre os sujeitos que a (re)produzem (CESAR, 2015). Neste sentido, visando compreender o perfil de produção científica geográfica entre docentes, mulheres e homens, de IES públicas paranaenses, o Gráfico 8 aborda a quantidade de artigos em primeira autoria destes(as) pesquisadores(as), em um universo analisado composto de 1483 artigos em 80 periódicos *on-line* de Geografia, abarcando o período 1983-2013 e avaliados pelo Qualis-CAPES no triênio 2013-2015.

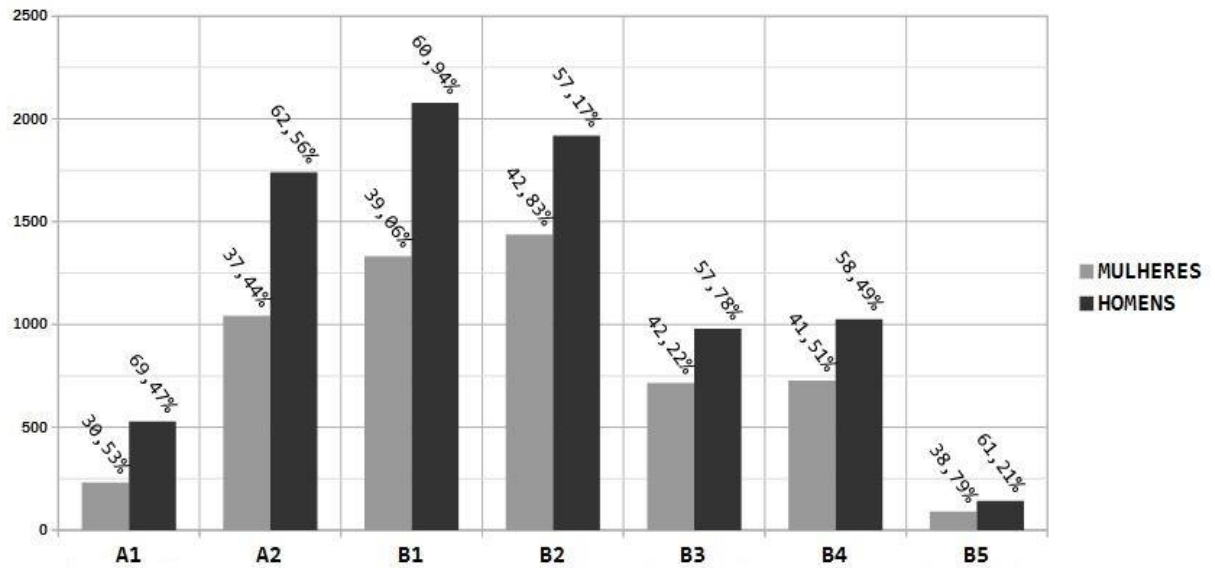
A maior quantidade de publicações pelos homens ocorre em todos os estratos qualificatórios, sendo ainda mais ampla naqueles considerados melhores qualificados. É um panorama similar ao existente no contexto nacional, conforme ilustra o Gráfico 9, abarcando dados oriundos de 13.990 artigos em 90 periódicos geográficos, também avaliados pelo Qualis-CAPES no triênio 2013-2015, período 1974-2013.

Gráfico 8 - Artigos publicados em primeira autoria de pesquisadores de IES públicas paranaenses em periódicos Geográficos – por gênero e estrato



Fonte: banco de dados do GETE.
Organização própria.

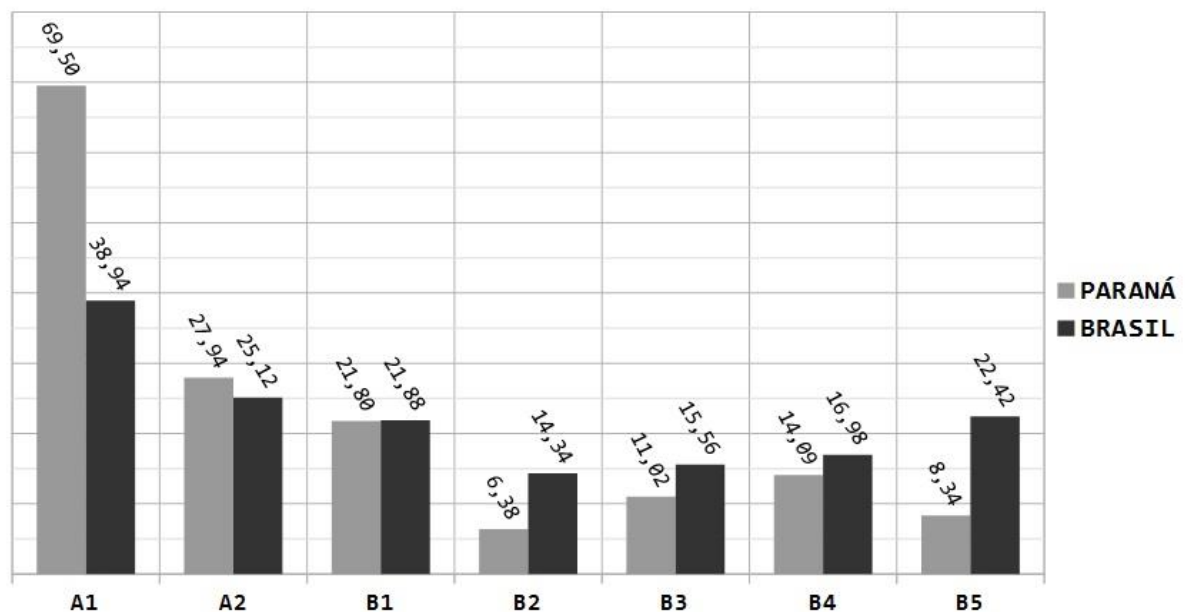
Gráfico 9 - Artigos em primeira autoria em periódicos Geográficos no Brasil – por gênero e estrato



Fonte: banco de dados do GETE.
Organização própria.

No Gráfico 10 é comparada a diferença (*gap*) da quantidade de publicações entre homens e mulheres de artigos geográficos em termos percentuais no Paraná e no Brasil. É nítida a oscilação nos percentuais, com o significativo predomínio masculino no âmbito acadêmico paranaense diminuindo em relação aos dados nacionais na medida em que são considerados os estratos menos qualificados.

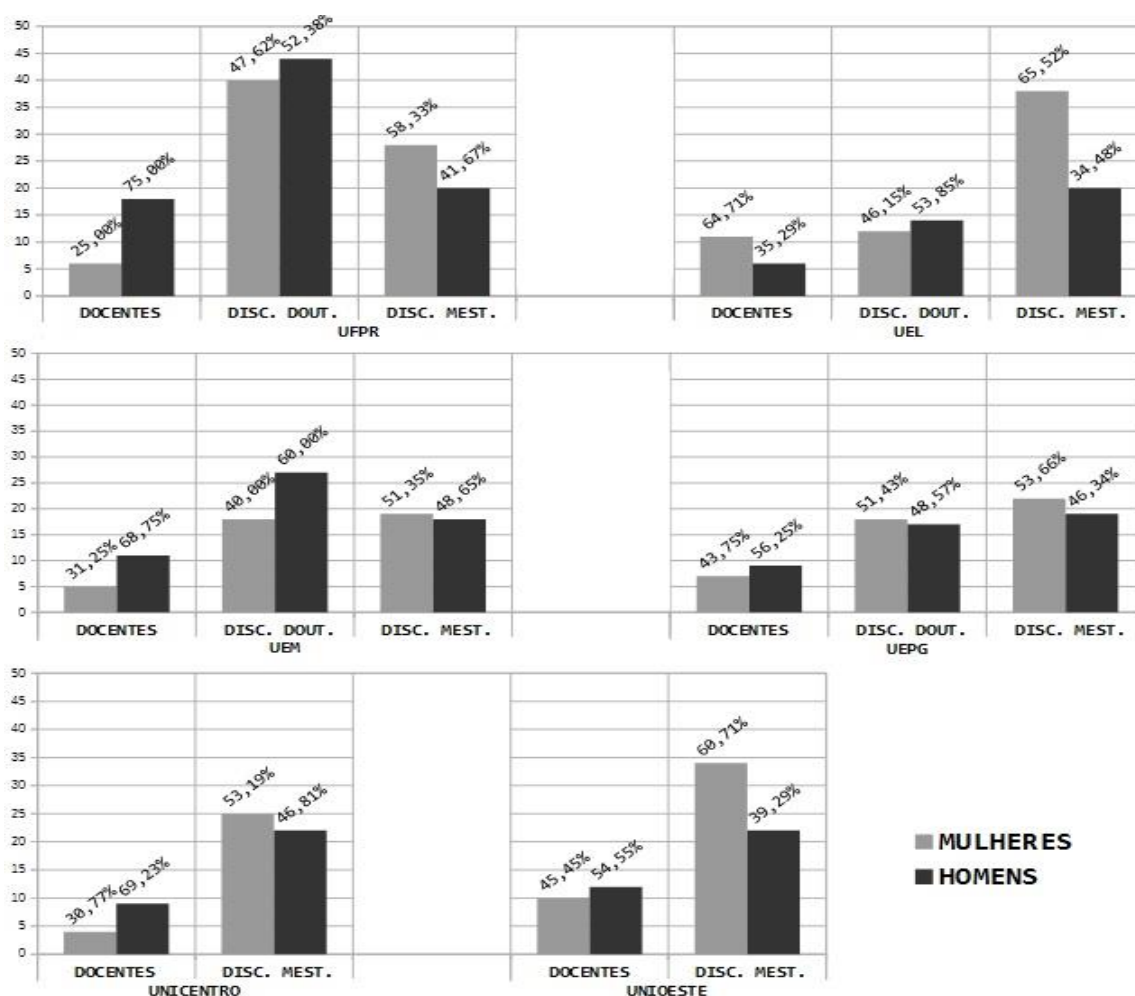
Gráfico 10 - Diferença de quantidade de artigos geográficos publicados entre homens e mulheres no Paraná e no Brasil



Fonte: banco de dados do GETE.
Organização própria.

É possível estabelecer uma correlação do grande volume de artigos publicados por pesquisadores homens no estrato A1 no Paraná com a composição majoritariamente masculina (75%, ver Gráfico 11) do corpo docente do mais antigo e numeroso em componentes PPG em Geografia do estado, na UFPR. Dos 26 artigos publicados em revistas A1 por docentes desta instituição apenas 4 foram publicados por mulheres. Também cabe destacar que o menor percentual de diferença de produção de artigos geográficos entre homens e mulheres no contexto paranaense ocorre no estrato B2 (6,38%), no qual está classificada a revista *Geografia*, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), cujo PPG em Geografia possui o corpo docente mais feminino no estado (64,71%). O periódico *Geografia* é publicado desde 1983 e acumula considerável acervo de artigos, sendo que destes 185 foram publicados por mulheres e 183 por homens, valores que contribuem para a reduzida disparidade de publicações no referido estrato.

Gráfico 11- Docentes e discentes de pós-graduação em Geografia no Paraná – por instituição e gênero



Fonte: Plataforma Sucupira.
Organização própria.

A produção de artigos está vinculada diretamente com os recursos humanos dos programas de pós-graduação, uma vez que é em tal modalidade que a pesquisa é fomentada e desenvolvida. A menor discrepância na quantidade de artigos produzidos entre homens e mulheres nos estratos menos qualificados se relaciona com a maior participação das mulheres enquanto discentes dos cursos, cuja possibilidade inicial é de publicar em revistas menos concorridas e conceituadas. Quando se considera a produção melhor qualificada, fica evidente que o aumento da diferença de produção é análogo ao conjunto dos quadros docentes e de alunos de doutorado, majoritariamente masculinos. No âmbito nacional (Tabela 1) a situação é semelhante, onde é também influenciada pela implementação de novos cursos pelo interior do país na última década, nos quais as diferenças do contingente de homens em relação ao de mulheres é menor e em alguns casos até inversa (valores negativos), como o destacou César (2015).

Tabela 1 - Gap de representatividade de docentes e discentes de Pós-Graduação em Geografia no Brasil entre homens e mulheres – percentual por região

	NORTE	NORDESTE	CENTRO-OESTE	SUDESTE	SUL
DOCENTES	2,2	1,5	2,2	9,6	5,1
DISC. DOUTORADO	0	-0,74	0,79	8,88	1,18
DISC. MESTRADO	-0,43	0,34	0,27	-1,37	2,75

Fonte: César (2015).

Organização própria.

Os processos de reestruturação e precarização da atividade docente também impactam nas atividades de normatização e regulação de publicações científicas, na coordenação de grupos de pesquisa e nas equipes editoriais de periódicos, onde, novamente, as mulheres têm dificuldades de inserção conforme o demonstraram Silva (2009) e César (2015) ao abordarem o contexto da Geografia brasileira. O Gráfico 12, representando a quantidade de mulheres e homens na composição dos conselhos editoriais das revistas científicas geográficas estruturadas em IES públicas paranaenses, expressa conjuntura similar.

Gráfico 12 - Conselho editorial dos periódicos Geográficos de IES paranaenses – por gênero



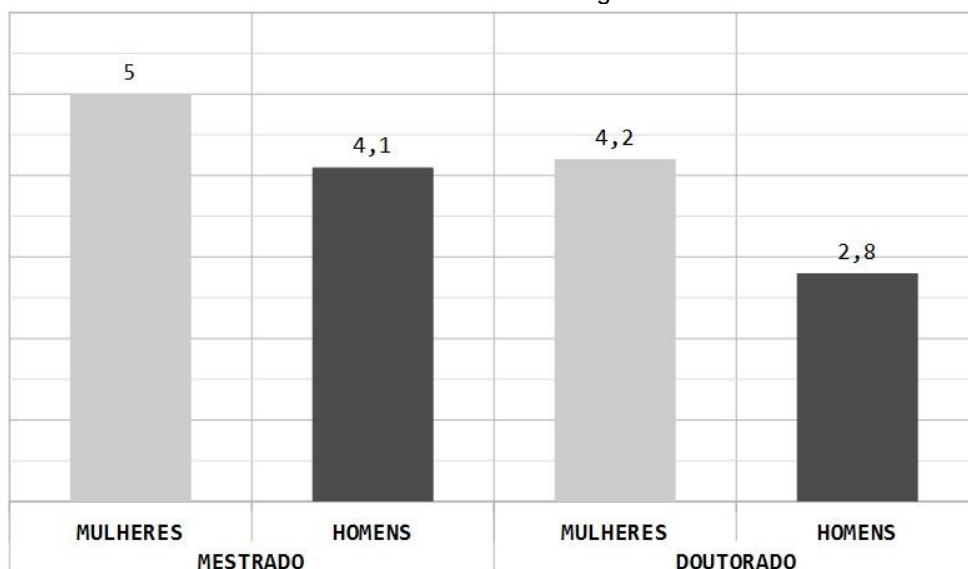
Fonte: sites dos periódicos.
Organização própria.

Outro fator a ser considerado para a compreensão das disparidades de produção científica entre os gêneros diz respeito aos empecilhos na formação e na condução da carreira acadêmica. De acordo com um amplo relatório da Comissão Europeia para Pesquisa e Inovação, com dados de mais de 30 países, a discriminação de gênero na universidade ocorre em dois níveis estreitamente ligados. O primeiro é a falta de apoio na promoção da carreira científica, que leva, muitas vezes, ao desânimo. O segundo se refere a procedimentos de avaliação e concessão de financiamentos e as posições acadêmicas, as quais não são independentes das relações de gênero na academia e na sociedade em geral. Interrupções na carreira foram relatadas por 40% das mulheres e apenas 8% dos homens em um estudo com 3.400 docentes de 70 universidades inglesas, sendo no caso das mulheres demandada por questões principalmente familiares. Do mesmo modo, a proporção de mulheres que já esteve ou se encontrava em regime de dedicação parcial no trabalho acadêmico foi o triplo do caso masculino. Assim como, um levantamento em instituições de pesquisa estadunidenses sobre desistência da carreira científica registrou que as mulheres o fizeram 28% a mais que os homens. Estes alegaram baixos salários e falta de perspectivas de promoção para tanto, ao passo que elas relataram dificuldades em equilibrar trabalho e vida pessoal e a existência de colegas não-amigáveis no ambiente laboral (EUROPEAN COMMISSION, 2012).

O período dispendido para a formação acadêmica também é um fator importante para compreender a produção intelectual. Nos últimos anos a exigência da conclusão do doutorado para concorrer à maioria dos cargos de docência em nível superior demandou a realização destas etapas em um tempo menor. Juntamente com a devida titulação são avaliadas as publicações científicas, as quais são resultantes muitas vezes de monografias, dissertações, teses e demais projetos. Interrupções na formação de um(a) pesquisador(a) terão impacto direto na competitividade do currículo, bem como na articulação da rede informal de contatos, importante para o ingresso em qualquer meio produtivo (EUROPEAN COMMISSION, 2012).

Deste modo, no Gráfico 13 estabelecemos uma comparação do intervalo médio de anos entre o término da graduação/início do mestrado e término do mestrado/início do doutorado entre 94 docentes¹⁸ de PPGs em Geografia de IES públicas paranaenses. Em ambos os casos, as mulheres demandaram um intervalo médio de tempo maior que os homens: 21,95% adicionais para o ingresso no mestrado e 50% mais duradouro antes de iniciar o doutorado.

Gráfico 13 - Intervalo médio de anos entre o término da graduação/início do mestrado e término do mestrado/ início do doutorado entre docentes de PPGs em Geografia no Paraná



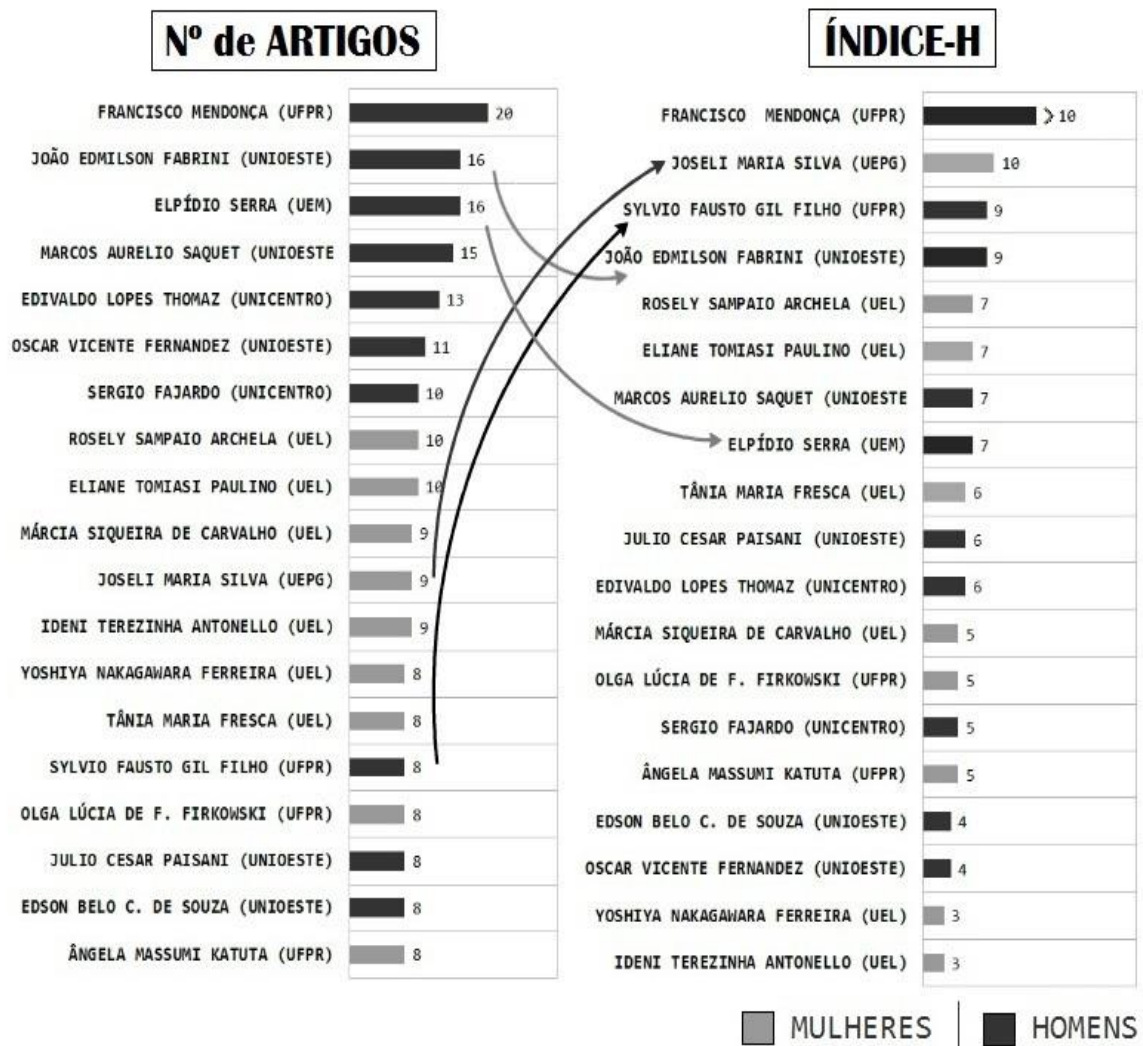
Fonte: Plataforma Lattes.
Organização própria.

Na sequência, o perfil de produção científica entre homens e mulheres no campo científico geográfico paranaense será analisado de um modo mais específico

¹⁸ Foram desconsiderados(as) os(as) que realizaram doutorado sem terem cursado mestrado anteriormente.

e menos impessoal. O Gráfico 14 aborda os(as) pesquisadores(as) deste contexto com maior quantidade de artigos publicados em primeira autoria em periódicos geográficos avaliados nos estratos de A1 a B5 do Sistema Qualis-CAPES, no período 1974-2013.

Gráfico 14 - Número de artigos e índice-h de docentes de Programas de Pós-Graduação em Geografia no Paraná



Fonte: banco de dados do GETE e Scholar H-Index Calculator.
Organização própria.

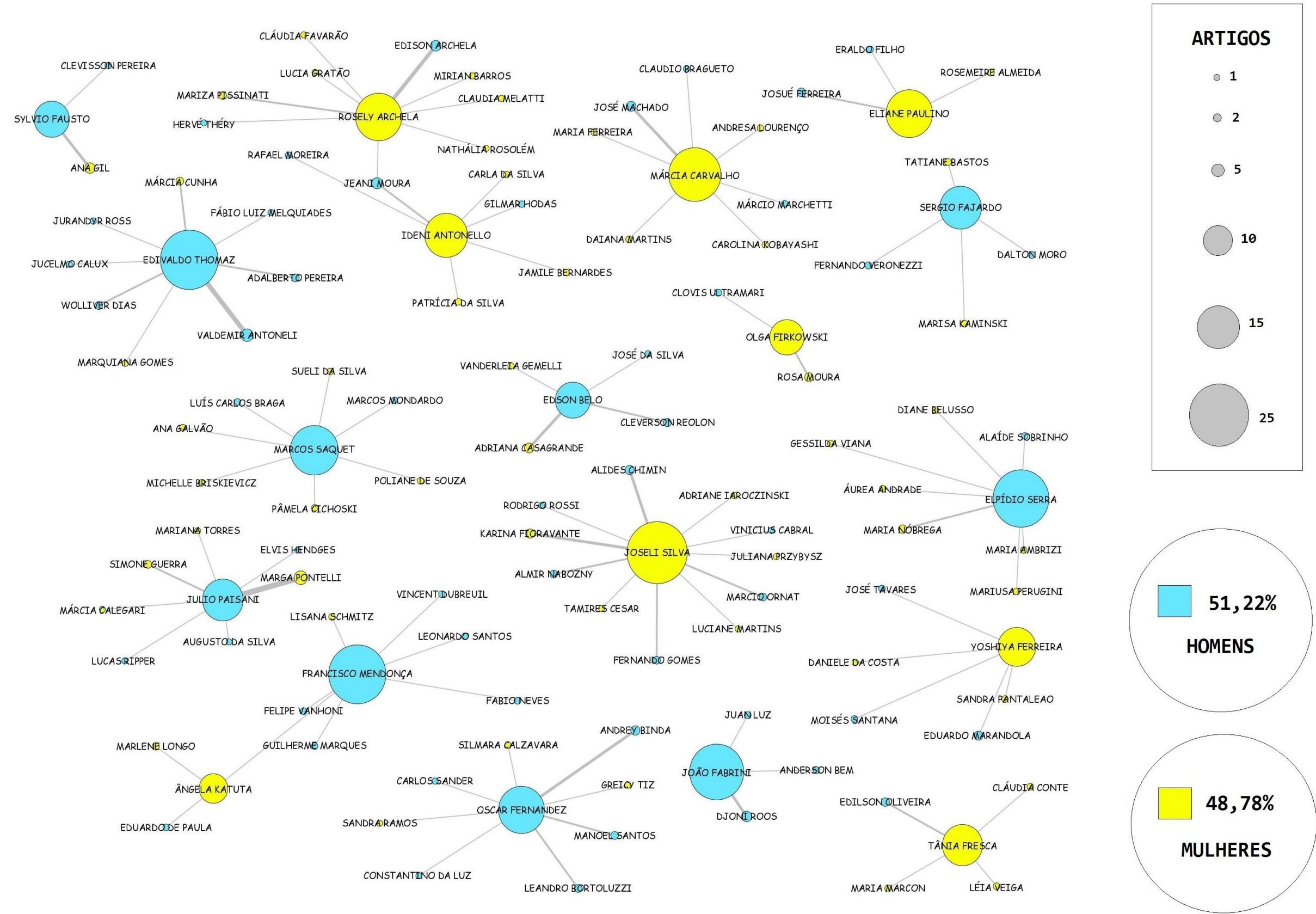
Apesar de corresponderem a 2,5% do total de autores neste recorte, estes(as) cientistas correspondem à cerca de 14% do montante de artigos. A ilustração também estabelece uma comparação com o *índice-h*, um importante parâmetro de impacto de publicações destes(as) mesmos(as) pesquisadores(as) em igual período de análise (1974-2013). Este indicador foi proposto pelo físico Jorge Hirsch que tinha por intento mensurar ao mesmo tempo a produtividade e o impacto

do trabalho de um pesquisador (MARQUES, 2013). Utilizemos para o cálculo deste índice a extensão para navegadores da internet *Scholar H-Index Calculator* que possibilitava realizar uma varredura na *Web* sobre as produções intelectuais e as citações destas entre os(as) pesquisadores(as). A fim de garantir a precisão nos dados retiramos as publicações feitas por cientistas homônimos e não constantes nos currículos dos(as) pesquisadores(as) de nosso interesse.

O índice-h reflete a variedade de referências e o tamanho de cada disciplina ou temática científica, no qual pesquisadores(as) em temáticas tradicionais e com muitas pessoas trabalhando podem não ter o mesmo impacto que cientistas de temáticas emergentes, dada a concorrência no campo (MARQUES, 2013). Por exemplo, os professores João Edmilson Fabrini e Elpídio Serra apesar de terem considerável volume de produção científica registram índices-h intermediários, visto que pesquisam assuntos ligados ao consagrado tema da Geografia Agrária. Situação inversa acontece com Joseli Maria Silva e Sylvio Fausto Gil Filho, expoentes em temáticas ainda pouco disseminadas: Geografia de Gênero e Sexualidades e Geografia e Religiosidades, respectivamente.

As publicações em coautoria também compõem o quadro explicativo para as diferenças no índice-h em relação à quantidade de artigos, pois na contabilidade deste indicador os trabalhos publicados juntos com outros(as) pesquisadores(as) é igualmente considerada. Na representação gráfica seguinte é ilustrada a rede de autoria e coautoria de artigos geográficos publicados por estes 19 docentes.

Grafo 1 - Rede de autoria e co-autoria de artigos Geográficos publicados por docentes de IES públicas paranaenses



Fonte: banco de dados do GETE.
Organização própria.

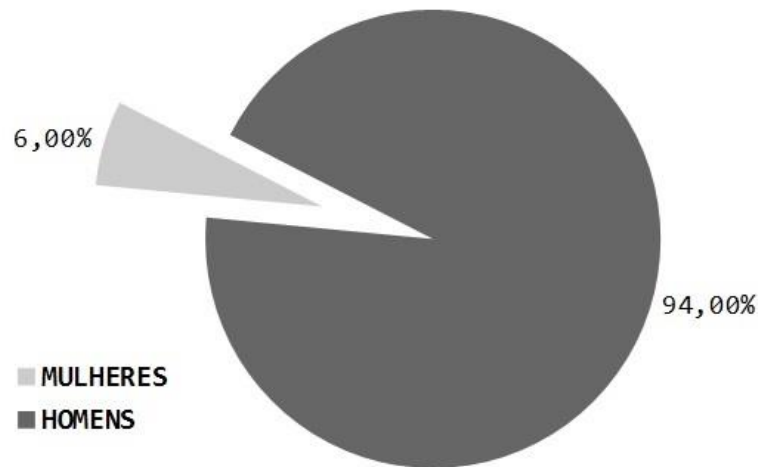
As mulheres publicam em parceria com outros(as) pesquisadores(as) em uma proporção similar aos homens, segundo indicam os percentuais de conexões na topologia da rede (48,78% e 51,22% na sequência). A maioria das parcerias para publicações dos homens o era com outros homens (28, sendo 25 com mulheres); assim como sucede o mesmo com as mulheres (25 associações com mulheres e 23 com homens).

Olinto (2011) considera que o foco no desempenho das mulheres na ciência envolve aspectos diversos. Estudos internacionais sugerem que há diferenças de produtividade em prol dos homens, mas, que essas diferenças se concentrariam na fase inicial da carreira científica. Em uma fase posterior, as mulheres passariam a demonstrar maior vigor profissional em relação à ala masculina, quando a carreira destes tende a se estabilizar e a delas adquire consistência. Arensbergen *et al* (2012) ao investigarem o contexto da produção científica no campo das ciências sociais na Holanda, apontam diminuição da diferença de produtividade entre homens e mulheres de gerações distintas. A partir de um universo analisado de 852 profissionais foi constatado que as pesquisadoras da geração mais nova (com cerca de três anos após o doutoramento) estão produzindo artigos com o mesmo volume que os homens e, obtendo, inclusive, mais citações.

Contudo, apesar da crescente participação feminina no campo geográfico ainda existem resistências e tensionamentos oriundos de controvérsias sobre posicionamentos político-ideológicos e orientações teórico-metodológicas entre os sujeitos produtores do conhecimento. Tal como salienta Silva (2009) o saber geográfico brasileiro é feito e refeito a partir de elementos organizacionais, como a produção científica e a orientação epistemológica, estando constantemente conformado na prática cotidiana e estando submetido aos sistemas legais e institucionais que normatizam e avaliam o fazer científico.

Neste sentido, é muito importante a concepção de conhecimento científico difundida nos espaços acadêmicos, pois conforme visto anteriormente, este saber institui relações de poder e jogos de interesses (FOUCAULT, 2001; BOURDIEU, 2004). Em levantamento realizado junto às ementas de disciplinas obrigatórias, como Epistemologia e Metodologia, dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* em Geografia de instituições paranaenses, foi verificada massiva presença masculina nestes documentos (Gráfico 15).

Gráfico 15 - Autoria das referências das ementas de disciplinas obrigatórias nos PPGs em Geografia no Paraná



Fonte: Sites do PPGs.
Organização própria.

Os homens correspondem a 94% da autoria dos textos que compõem as referências que embasam estas disciplinas, consistindo em um forte indicativo de que as disparidades entre homens e mulheres no campo geográfico são sustentadas por toda uma tradição androcêntrica que silencia possibilidades de inclusão das mulheres, neste âmbito:

a manutenção do caráter androcêntrico da geografia brasileira só pode ser compreendida quando se consideram as articulações entre a ocupação das posições de mando na organização acadêmica e sua correspondente estrutura discursiva. Tal estrutura é analisada pelo resgate histórico da construção do saber científico geográfico brasileiro e do poder contido em seus enunciados científicos, que tornaram certos elementos socioespaciais, a exemplo das desigualdades entre homens e mulheres, pouco visíveis e considerados de menor importância científica (SILVA, 2009, p. 73).

Desta feita, as discrepâncias na produção de artigos entre homens e mulheres na ciência geográfica estão relacionadas a elementos intrínsecos ao fazer científico convencional, no qual as mulheres foram sistematicamente afastadas e desestimuladas dos meios acadêmicos, e muitas vezes destinadas a realizar tarefas menos valorizadas e enfadonhas que serviam de subsídio para a produção de outrem. Circunstâncias decorrentes da gravidez, assim como preconceitos sobre a capacidade racional e a necessidade de uma maior competitividade também estariam relacionadas neste contexto (GONZALEZ GARCÍA E PÉREZ SEDEÑO, 2002; AQUINO, 2006; COSTA, 2006). Tal como, no caso da Geografia, os empecilhos no estabelecimento de contatos nas redes informais de gerência e

veiculação de periódicos, assim como características históricas do saber geográfico são fatores importantes para a compreensão do fenômeno (GARCIA RAMON *et al*, 2011; SILVA, 2009).

Na próxima seção discutiremos a produção científica de um modo distinto da convencionalidade dos quadros institucionais, buscando entender como a vivência cotidiana e as distintas utilizações do tempo entre homens e mulheres compõem a produção científica geográfica nos espaços acadêmicos paranaenses.

2.2 O COTIDIANO, A PRODUÇÃO CIENTÍFICA ENTRE DOCENTES E AS IMPLICAÇÕES DE GÊNERO

A emergência de conflitos culturais e questões sociais em muitos países no final da década de 1960 suscitou novas inquietações à Geografia Humana, fazendo despontar um subcampo designado Geografia Social, o qual estabeleceu como pauta de estudo a organização social ao invés do que comumente era realizado a partir da análise de comportamentos individuais. Enquanto tendência que foi acompanhada por outras ciências sociais, o Marxismo passou a ser entendido como importante elemento para o estudo de diversos fenômenos geográficos, apesar das críticas estabelecidas contra esta perspectiva por realizar poucas referências ao conceito de território (ANDRÉ, 1990).

No início dos anos 90, a questão social continuou sendo importante mote para a investigação científica, entretanto, a abordagem marxiana foi questionada dada a sua limitação às relações de classe e o anonimato conferido às estratégias do capital e aos sujeitos integrantes deste sistema, segundo argumenta André (1990):

[...] a definição de grupos na sociedade não se deve restringir àqueles que decorrem da organização do sistema produtivo. O lugar dos indivíduos no sistema de emprego não é um dado isolado, constitui uma das vertentes da situação que têm na sociedade, decorrente também da idade, do sexo, dos valores culturais, dos níveis e dos padrões de consumo, das atitudes políticas (ANDRÉ, 1990, p. 3).

Deste modo, se faziam necessárias novas categorias de abordagem a fim de conferir visibilidade e inteligibilidade para fenômenos que anteriormente eram negligenciados pelas abordagens científicas convencionais. Tal como argumenta Gomes (2013), o ponto de vista é um dispositivo espacial e posicional importante, pois nos permite visualizar dadas coisas e outras não. A posição relativa das coisas, de objetos, de pessoas dentro do que designa trama locacional consistiria em um

aspecto importante para a visibilidade, logo valorização, de certos temas de estudo. O autor utiliza o exemplo dos espaços públicos enquanto um lugar privilegiado de exposição nas sociedades democráticas, onde o atributo da visibilidade é marcante pela existência e diversidade destes espaços na vida moderna. Haveria, assim

uma geografia própria ao fenômeno da visibilidade na maneira como socialmente escolhemos lugares para mostrar ou esconder coisas, valores, comportamentos, na maneira como são mostrados e nas circunstâncias dessa exposição. Eles são exibidos em diferentes lugares e de diferentes formas, e, a partir dessa imensa variedade, criam-se leituras, interpretações e narrativas (GOMES, 2013, p. 40).

Contudo, se alguns fenômenos ganham destaque outros são negligenciados e invisibilizados no meio acadêmico. É o que ocorre na tradição do pensamento geográfico com o estudo de atividades como o trabalho doméstico, o cuidado de idosos e crianças, a economia informal e ilícita, bem como envolvendo pessoas marginalizadas por transitarem no privilegiado âmbito público, como mendigos, profissionais do sexo e deficientes físicos e mentais (CARRASCO, 2001). Este processo se relaciona com o que Gomes (2013) denomina como *regimes de visibilidade*, um conjunto de imagens extraídas do fluxo comum das atividades cotidianas que “[...] nos informam sobre o que deve ser visível, como aquilo que é visto deve ser entendido e, simultaneamente, o que não merece ser visto” (GOMES, 2013, p. 52).

Assim, a avaliação, os critérios e a legitimidade de objetos de estudos científicos, por exemplo, são perpassadas por práticas que irão privilegiar dadas temáticas, conforme ressalta Silva (2009) ao abordar a escassa presença de reflexões envolvendo gênero e sexualidades na análise geográfica:

A humanidade, na perspectiva da geografia brasileira, continua sendo tratada, predominantemente, apenas como uma polarização entre capitalistas e trabalhadores. Em geral, a sociedade e seus interesses são personificados pelos 'agentes', identificados como sujeitos masculinos ou por instituições comerciais, industriais, religiosas ou, ainda, como Estado de uma determinada escala territorial, e assim por diante, gerando um discurso que encobre interesses e identidades que são escamoteadas pelas simplificadoras máscaras institucionais (SILVA, 2009, p. 81).

O enfoque dado aos sistemas, processos e estruturas ignora todo um conjunto de atividades subalternizadas e que estão diretamente vinculadas com a manutenção deste circuito valorizado, como sucede com o trabalho doméstico, massivamente realizado por mulheres e fundamental para a formação e o

condicionamento de mão-de-obra que irá atuar, sobretudo, no espaço público (CARRASCO, 2001). Nas últimas décadas, o regime de acumulação capitalista flexível resultou em modelos de inserção profissional que possibilitaram jornadas de trabalho menos rígidas, criando, assim, oportunidades para o aumento da participação feminina nos setores produtivos e de serviços. Entretanto Carrasco (2001) argumenta que, desde então, as mulheres estão com cada vez mais dificuldades em conciliar o tempo e o trabalho, tanto na esfera pública como na privada:

En consecuencia, si tenemos en cuenta, por una parte, los procesos de flexibilización de la producción – definidos como una nueva racionalización del tiempo- y que supuestamente beneficiarían a trabajadoras y trabajadores al permitirles un mayor poder de decisión sobre su organización laboral y familiar y, por otra, los cambios experimentados por el modelo familiar y las rigideces que exigen las tareas de cuidados, la flexibilización impuesta desde la empresa está implicando una difícil ‘conciliación’ entre el tiempo de trabajo y los tiempos de las actividades públicas y de relaciones, particularmente para la población femenina que experimenta no sólo dificultades considerables para estructurar sus vidas, sino también una continua tensión y contradicción al solapar tiempos de dimensiones tan diferenciadas¹⁹ (CARRASCO, 2001, p.21-2).

Estas questões também se relacionam, fundamentalmente, com distintas concepções e valorações sobre o trabalho humano. Hirata e Zarifian (2003) discutem a noção de trabalho desenvolvida a partir do filósofo alemão Karl Marx (1818-1883) pautado na ação de potência do homem sobre a natureza, processo no qual a transforma, lhe confere formas, produz utensílios, bem como se modifica a si próprio. Para os autores esta perspectiva estabelece o trabalho enquanto assexuado, projetando o homem como sujeito universal e desconsiderando a diversidade de trocas entre os seres humanos e a natureza, bem como as mulheres neste contexto.

Outro problema consistiria na tendência de naturalizar e fixar as relações homem-natureza, colocando-as como base imutável da produção da vida humana, enquanto que as relações sociais, as condições sociais do trabalho são

19 Em consequência, se termos em conta, por uma parte, os processos de flexibilização da produção - definidos como uma nova racionalização do tempo - e que supostamente beneficiariam a trabalhadoras e trabalhadores ao permitir um maior poder de decisão sobre sua organização laboral e familiar e, por outra, as mudanças experimentadas pelo modelo familiar e a rigidez que exigem as tarefas de cuidados, a flexibilização imposta desde a empresa está implicando uma difícil ‘conciliação’ entre o tempo de trabalho e os tempos das atividades públicas e de relações, particularmente para a população feminina que experimenta não apenas dificuldades consideráveis para estruturar suas vidas, mas também uma contínua tensão e contradição ao solapar tempos de dimensões tão diferentes.

historicizadas; dificultando este tipo de abordagem sobre o trabalho, sobretudo a partir da categoria de gênero, fundamentada nas inter-relações históricas e sócioespaciais. O trabalho doméstico, neste seguimento, é entendido como antípoda da noção de trabalho convencional sobre a natureza, pautada na transformação e na objetificação, uma vez que está ligado às atividades reprodutivas no bojo da família e é fundado na disponibilidade materna e conjugal das mulheres. Sendo o labor doméstico o modo privilegiado de expressão do amor na esfera do privado (HIRATA; ZARIFIAN, 2003).

Reflexões semelhantes são realizadas por Arendt (2007) acerca da distinção e da valorização das atividades humanas em dados espaços. O trabalho voltado à garantia da subsistência e reprodução humana, nas coisas básicas e efêmeras seria de responsabilidade do designado como *Animal laborans*. Já ao dito *Homo faber* caberia produzir bens duráveis e que integrariam a cultura, ocorrendo à realização destas tarefas, tanto neste caso como no anterior, na esfera privada. O trabalho mais valorizado, o da ação em si, que não produziria coisas distintas do próprio agente, se daria no espaço público e na política dada a sua iniciativa face os outros pares humanos.

A respeito do binômio espaço público-privado são importantes quatro acepções. A primeira corresponde à assunção do modelo econômico liberal, que vinculava o Estado ao âmbito público e o mercado ao contexto privado, do qual uma nova distinção surge com a instituição da família como espaço privado por excelência. Uma segunda perspectiva concebe a esfera pública enquanto sinônimo de sociedade civil e distinta do Estado e também do mercado, mostrando-se esta, porém, fundamental para o exercício dos princípios democráticos. Nesta acepção, o âmbito privado corresponderia ao *oikos*, espaço de relações naturalmente desiguais como entre o escravo e o senhor, o pai e o filho, o homem e a mulher, entendidas assim desde a Grécia Antiga. Outra discussão entende que o ambiente público não deveria ser definido apenas através do prisma político, mas também considerar os aspectos da sociabilidade entre as pessoas, opondo-se, assim, às restrições domésticas e familiares. Por último, no final do século XIX em países anglófonos, as lutas do movimento feminista visavam demonstrar a conexão entre as relações desiguais de gênero e a construção da dicotomia associando a política ao público e a família ao privado (ABOIM, 2012).

Em termos mais contemporâneos, Przybysz (2011) efetua críticas à dicotomia público-privado partindo do contexto investigado da vivência espacial de mulheres pobres e chefes de família após processo de dissolução conjugal em Ponta Grossa-PR. A escassa e precária infraestrutura de serviços básicos públicos observada nos bairros onde estas mulheres residiam implicava diretamente no espaço privado sob gerência das mesmas, visto que lhes demandavam frequentes e longos deslocamentos até o local de trabalho, hospitais, escolas e creches. Havendo assim, uma complexidade de atividades e impactos que incidem diretamente sobre a linha divisória destes espaços (ARENDT, 2007).

Fenster (2005) critica as proposições de Lefebvre (1991) sobre o direito à cidade. Para a autora, as demandas femininas estão ausentes em discussões como esta, visto que só os espaços públicos e o trabalho masculino são considerados. A partir de um estudo que comparou discursos de mulheres habitando em Londres e em Jerusalém, chegou-se a conclusão de que mesmo no âmbito privado estas não se sentem totalmente à vontade, uma vez que se encontram subordinadas à realização dos afazeres domésticos e são ignoradas ao sugerir mudanças neste recinto. Em outra abordagem Mackenzie (1999) relata uma interessante possibilidade de inserção feminina dentro da dinâmica pública de seus bairros, por meio da aplicação dos conhecimentos adquiridos nos afazeres caseiros em uma rede de serviços que atende demandas de vizinhos e gera, assim, renda para estas mulheres.

Do mesmo modo, o trabalho e a vivência humana em seus aspectos espaciais se encontram inexoravelmente ligados aos atributos temporais na cotidianidade. O indivíduo é indivisível, conseqüentemente não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, apesar das facilidades propiciadas pelo espaço virtual e digital. A concomitante maneira de como utilizamos o tempo e nos localizamos espacialmente também é implicada diretamente pelas relações sociais que articulamos (DAVIES, 2003).

Mont'Alvão *et al* (2011) ressaltam a complexidade de situações passíveis de serem consideradas em análises temporais e espaciais, como no caso dos limites impostos ao comportamento humano – número finito de atividades possíveis de serem realizadas simultaneamente, período de vida enquanto recurso escasso; dos padrões típicos de movimento – em situações cíclicas realizadas durante o dia e a noite; e do ambiente e da capacidade de agir dos indivíduos – restringidas pelas

necessidades de alimentação e descanso em intervalos regulares. Ainda nestas considerações, Dedecca (2004) propõe a compreensão do uso do tempo pautada em pelo menos duas dimensões: uma direcionada para a reprodução econômica, associada ao trabalho remunerado e ao deslocamento para a sua realização; e outra para a reprodução familiar e social, correspondente às atividades de gerenciamento familiar, de lazer e sono. Ademais,

ambos os tempos são recorrentemente transformados pelas mudanças econômicas, sociais e culturais. A regulação de seu uso depende, na sociedade moderna, da presença das instituições políticas e culturais. Elas regulam sua duração e a articulação entre ambos. Não há naturalidade na alocação de seu uso. Portanto, as pessoas realizam a alocação de seu tempo sob constrangimento social, tendo pouca ou relativa autonomia de decisão sobre esse processo (DEDECCA, 2004, p. 1).

O autor argumenta ainda que, apesar da efetiva capacidade que o modo de produção capitalista possui em revolucionar as condições de trabalho, este ainda não dispõe de elementos que eliminem a necessidade humana de ter tempos próprios para a sua manutenção vital, fato que resulta em “uma recorrente tensão na distribuição do tempo diário entre seu uso para a produção econômica e sua utilização para reprodução social, física e mental” (DEDECCA, 2004).

Em uma significativa parcela das nações europeias e dos Estados Unidos são realizadas regularmente pesquisas sobre uso do tempo desde a década de 1960. Na América Latina o início de investigações sobre a temática remonta aos anos 90, mesmo período em que a Organização das Nações Unidas (ONU) também desenvolveu estratégias de sistematização e metodologias voltadas para questões temporais, como é o caso de sua classificação de atividades própria, a *International Classification of Activities for Time-Use Statistics* (ICATUS; CAVALCANTI *et al*, 2010). No Brasil, merece destaque o Comitê Técnico de Estudos de Gênero e Uso do Tempo, criado em 2008 sob coordenação da Secretária de Políticas Públicas para as Mulheres (SPM) do governo federal, cujo objetivo é fomentar a incorporação da categoria de gênero nas pesquisas estatísticas oficiais sobre o tema.

Nesta pesquisa, a fim de responder a subquestão “como o exercício dos papéis masculinos e femininos organizam o tempo na produção científica de artigos acadêmicos?”, realizamos questionamentos, similares aos utilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na Pesquisa Piloto de Uso do Tempo (2009), com 20 pesquisadores(as) (dez mulheres e dez homens) vinculados(as) ao

quadro permanente dos programas de pós-graduação em Geografia no estado do Paraná. Estes questionamentos consistiam em descrições sobre as atividades cotidianas realizadas por cada pesquisador(a) durante uma semana hipotética dividida em dias letivos (segunda à sexta-feira) e fins de semana (sábado e domingo). O quadro 2 apresenta algumas informações do conjunto de docentes entrevistados(as)²⁰.

Quadro 2 - Docentes entrevistados(as)

MULHERES	IDADE	SITUAÇÃO MARITAL	FILHOS(AS)	IDADE	QUALIFICAÇÃO PROFISSÃO CÔNJUGE
<i>Congorya</i>	38	SOLTEIRA	--	--	--
<i>Morma</i>	45	SOLTEIRA	--	--	--
<i>Monitora</i>	41	SOLTEIRA	--	--	--
<i>Drytforth</i>	45	CASADA	II	9 e 15	ALTA
<i>Anne-loc</i>	66	SOLTEIRA	--	--	--
<i>Garka</i>	51	CASADA	I	22	ALTA
<i>Thyni</i>	52	SEPARADA	II	24 e 25	--
<i>Ceolven</i>	47	CASADA	--	--	MÉDIA
<i>Hes</i>	48	SOLTEIRA	--	--	--
<i>Herean</i>	62	UNIÃO ESTÁVEL	I	25	ALTA
HOMENS	IDADE	SITUAÇÃO MARITAL	FILHOS(AS)	IDADE	QUALIFICAÇÃO PROFISSÃO CÔNJUGE
<i>Joric</i>	45	CASADO	I	6	MÉDIA
<i>Beorn</i>	59	CASADO	II	16 e 24	MÉDIA
<i>Aldwald</i>	32	CASADO	II	2 e 12	MÉDIA
<i>Bardcas</i>	53	CASADO	I	16	BAIXA
<i>Termond</i>	37	CASADO	II	1 e 4	MÉDIA
<i>Shatho</i>	48	CASADO	I	8	MÉDIA
<i>Chetneth</i>	44	CASADO	III	5, 14 e 16	MÉDIA
<i>Tolfer</i>	52	CASADO	I	19	ALTA
<i>Egarfred</i>	55	UNIÃO ESTÁVEL	III	5, 20 e 23	ALTA
<i>Nanton</i>	54	SEPARADO	II	8 e 22	--

Fonte: questionários de campo.
Organização própria.

O universo feminino das pessoas entrevistadas apresenta um perfil familiar, majoritariamente, com ausência de companheiro e filhos. Das 10 mulheres, 6 não possuem filhos e 6 não possuem companheiro em coabitação. Das 4 mulheres com companheiros, 3 deles possuem profissão de alto nível de qualificação. No universo masculino, por outro lado, apenas um não possui companheira em coabitação e todos possuem filhos. Além disso, apenas duas das companheiras possui profissão com mesmo nível de qualificação e remuneração que o companheiro entrevistado. Com relação ao elemento da maternidade, o mesmo quadro foi verificado com

20 Os nomes dos(as) docentes são fictícios a fim de salvaguardar suas identidades e foram gerados aleatoriamente através do site *Gerador de Nomes de Fantasia*, disponível em: <<http://www.nomesdefantasia.com/human/short/>>. Acesso em 29/07/2016. A qualificação da profissão dos cônjuges dos(as) pesquisadores(as) foi estabelecida a partir do nível de escolaridade e de especialização exigidos.

pesquisadoras de universidades europeias, nas quais se verificou que as mulheres cientistas possuem menos crianças quando comparadas com colegas homens e mulheres com outras profissões, tendo uma taxa de fertilidade substancialmente mais baixa em relação ao restante da sociedade. Além disso, se verificou que o universo masculino conseguia manter relacionamentos maritais com mais facilidade (EUROPE COMMISSION, 2012).

Este indicativo de impacto do casamento e da maternidade na atividade científica feminina é explícito em uma das respostas das docentes entrevistadas²¹: *“Pelo fato de ter muito envolvimento com atividades da universidade optei por não ter família e nem filhos, dado que me restringiriam nas mesmas”* (trecho da entrevista com Hes).

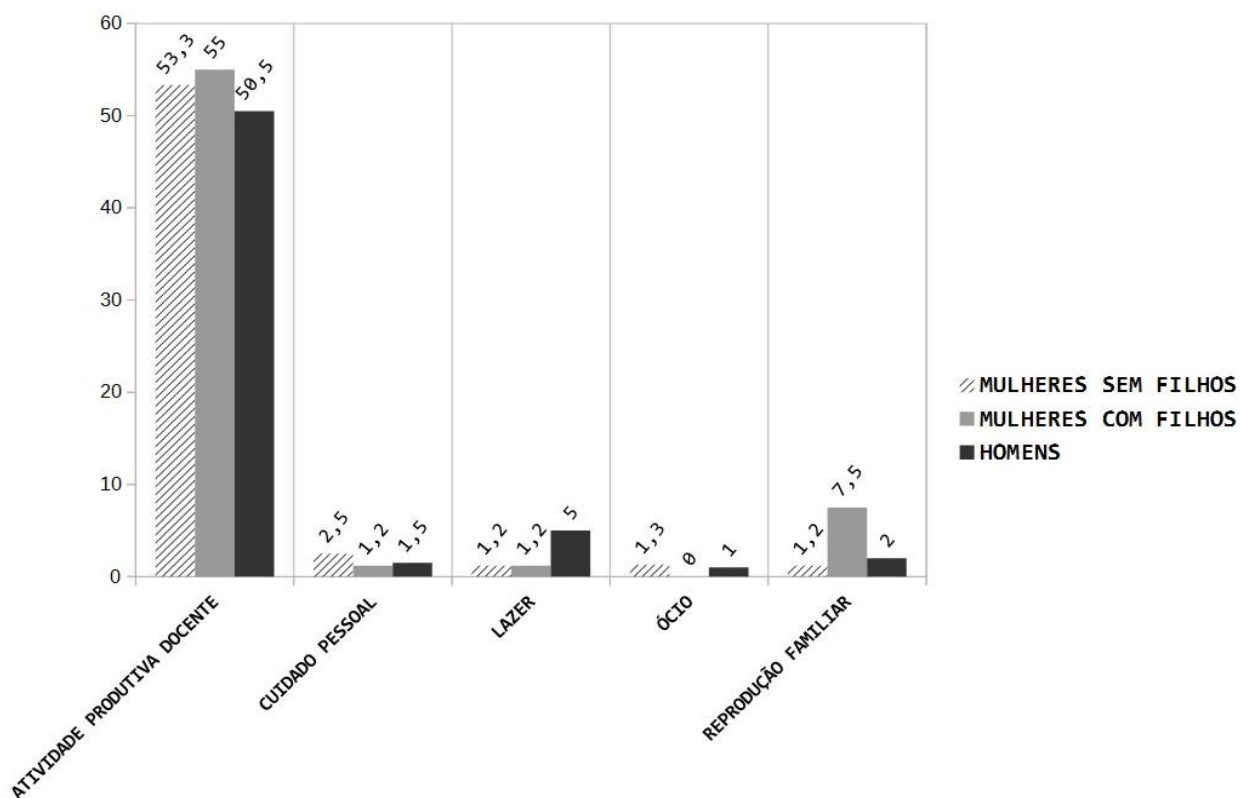
Para a análise dos dados resultantes dos questionamentos, mencionados anteriormente, estabelecemos cinco categorias de utilização do tempo:

- *Atividade produtiva docente*: atividades de docência e de pesquisa realizadas na universidade e em outros espaços como a residência, por exemplo;
- *Lazer*: atividades de entretenimento, como assistir TV e passear;
- *Cuidado pessoal*: higiene pessoal, alimentação e prática de atividades físicas;
- *Reprodução familiar*: atividades domésticas de limpeza e organização da casa, preparo de refeições e cuidado de outros membros da família, por exemplo;
- *Ócio*: tempo destinado para o repouso.

Devido às características distintas entre homens e mulheres em relação à existência de filhos, o universo feminino foi dividido em ‘mulheres com filhos’ e ‘mulheres sem filhos’. No Gráfico 16 é representada a média de horas dispendidas pelos(as) 20 docentes no período de segunda à sexta-feira. No Gráfico 17 é expressa a média de horas utilizadas nos fins de semana em cada categoria.

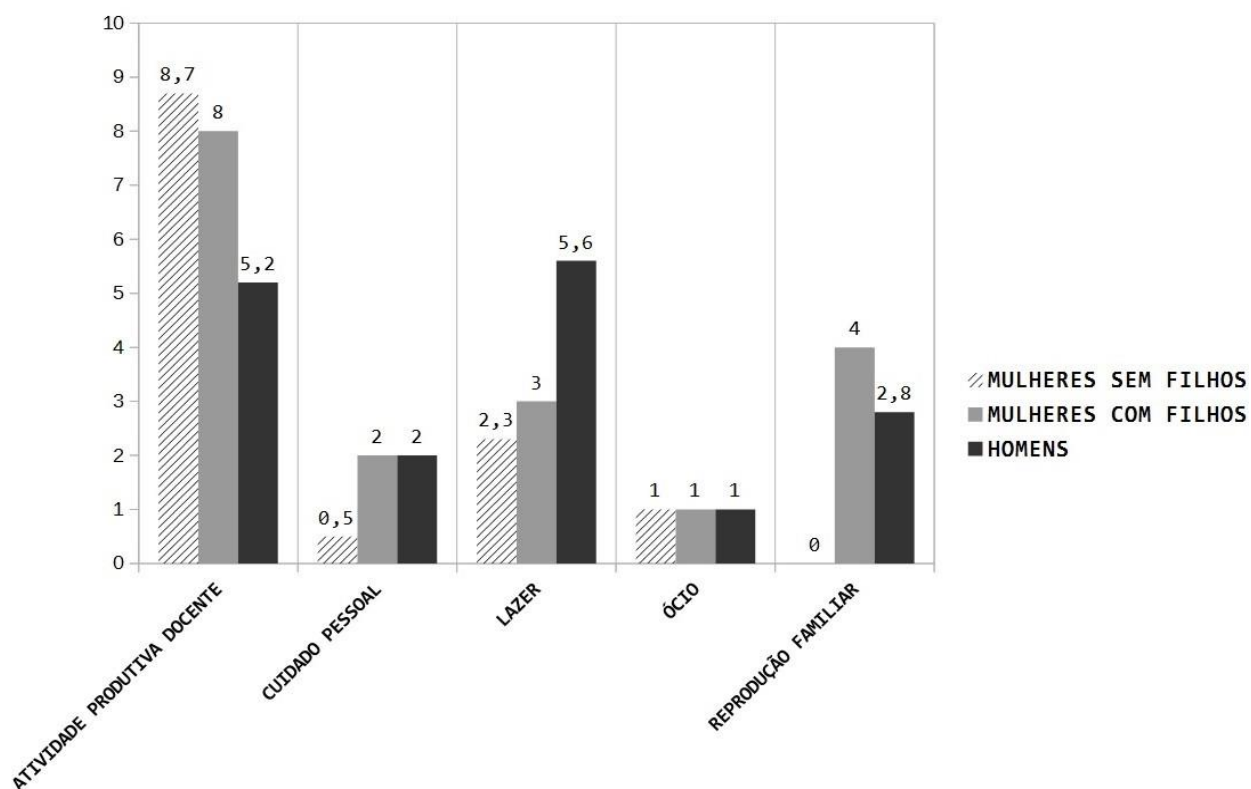
21 Trecho de resposta dada à pergunta: “considerando as implicações da esfera familiar, o que ela representa dentro da sua profissão?”. A análise completa das entrevistas concedidas pelos(as) docentes compõe o terceiro capítulo desta dissertação.

Gráfico 16 - Uso do tempo de segunda à sexta-feira – média de horas



Fonte: questionários de campo.
Organização própria.

Gráfico 17 - Uso do tempo em fins de semana – média de horas



Fonte: questionários de campo.
Organização própria.

No decorrer dos dias letivos foi relatado o dispêndio de mais horas em média na realização de atividades produtivas docentes entre as mulheres, independentemente da existência de filhos, em relação aos homens. Nos fins de semana ocorre a mesma situação, mas com duas diferenças: as mulheres sem filhos utilizam em média mais tempo no trabalho acadêmico, fato inverso ao existente em dias de semana; o tempo médio gasto pelo universo feminino com atividades produtivas docentes no final da semana é 60% maior que o período gasto pelos homens para as mesmas atividades; enquanto que nos dias letivos as mulheres utilizam cerca de 7% a mais de tempo no trabalho acadêmico que os homens. No tocante às atividades de lazer, o universo masculino utiliza mais tempo em média que as mulheres: 416% em dias letivos e mais de 200% nos fins de semana.

Do mesmo modo, é explícita a interferência da maternidade na maior demanda de tempo às mulheres na realização das atividades de reprodução familiar. São quase quatro vezes mais horas utilizadas em reprodução familiar pelas mulheres com filhos nos dias letivos e 42,8% adicionais nos fins de semana comparadas ao mesmo labor desempenhado pelos homens.

Em uma investigação similar, sobre o uso do tempo de 6 casais heterossexuais de docentes pesquisadores de diversas áreas na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), sob idênticas condições de trabalho, também foram evidenciadas disparidades na organização e dispêndio do tempo nas diversas atividades cotidianas entre os gêneros. Visando não prejudicar as atividades acadêmicas e de reprodução familiar, as mulheres tinham seu tempo de repouso reduzido e, contrariamente, o mesmo não sucedia com os homens, que gastavam menos tempo nestas atividades, sobretudo em fins de semana, e dispunham de maior disponibilidade temporal para a realização de atividades ligadas à universidade (SILVA *et al*, 2015). A mesma pesquisa constatou que a presença de filhos se configurou em um agravante nesta diferença de uso do tempo entre homens e mulheres, restringindo o desempenho acadêmico das últimas.

Assim, conforme discutido anteriormente, apesar do aumento da participação feminina nos diversos ramos produtivos nas últimas décadas, não sucedeu na mesma medida “uma transferência correspondente do tempo investido pelos homens no mercado de trabalho para a esfera privada, mantendo deste modo uma divisão sexual do trabalho com um forte viés de gênero” (SORJ *et al*, 2007, p. 574). Em pesquisa efetuada pela Fundação Perseu Abramo (2010) junto a 2.365

mulheres e 1.181 homens em 280 municípios de 25 estados, estimou-se que a jornada semanal média com atividades de reprodução familiar das brasileiras é de 29 horas e 21 minutos, enquanto os homens utilizariam apenas 8 horas e 46 minutos nos mesmos afazeres.

Badinter (2011) entende a maternidade como um fato que pode remeter à adesão, renúncia ou negociação, na qual sendo escolhida a primeira possibilidade, esta: “decorre(ria) mais amplamente do afetivo e do normativo do que da consideração racional das vantagens e dos provenientes” (p. 20). Segundo a autora a maternidade instaura e, em outros casos, aumenta a desigualdade de opções e de ações dos casais em decorrência da interrupção das atividades produtivas das mulheres. Os diferentes perfis demandados por estas mães profissionalmente, *home-centred*, *adaptive* e *work-centred*²², também consistem em um aspecto desfavorável dado a relativa homogeneidade masculina neste contexto (BADINTER, 2011).

Tensionamentos entre a família e a profissão se mostram especialmente agudas para as mulheres nos estágios iniciais da carreira acadêmica. A conclusão de um longo período necessário para a formação neste meio e as constantes exigências por produtividade e mobilidade coincidem com a fase final do período fértil e as expectativas sociais sobre o estabelecimento de uma família. Este quadro é intensificado por constrangimentos institucionais e preceitos acadêmicos implícitos pautados no estilo da disponibilidade total para a vida científica, contexto que desestimula as cientistas a se tornarem mães (EUROPE COMMISSION, 2012).

Conforme argumenta Davies (2003), as relações espaciais e as exigências temporais envolvendo o lar e o trabalho são inerentemente generificadas. O controle do tempo e do espaço, ou pelo menos a capacidade de escolher livremente como os utilizar, é substancialmente influenciado por encadeamentos entre a esfera pública e a privada e pela posição das mulheres nestes espaços. Questões corriqueiras como quem deixa as crianças na creche, quão longe é o local de trabalho da casa, quem faz as compras de mantimentos e quando as lojas estão abertas, implicam tangencialmente a vivência humana. Bem como o tempo não pode ser entendido enquanto algo absoluto e passível de ser isolado das relações humanas. Quando se discute o trabalho, por exemplo, o trabalho que não é remunerado também deve ser

22 Centrada no lar, adaptável e centrada no trabalho, respectivamente.

considerado, visto que o labor produtivo depende, imprescindivelmente, de atividades reprodutivas e que atendam às necessidades e dependências de outras pessoas, sejam elas crianças, pais, cônjuges ou chefes. Assim, o tempo, sobretudo para as mulheres, não é um recurso individual e abstrato, pois envolve um coletivo de pessoas e inúmeras relações espaciais (DAVIES, 2003).

A divisão sexual do trabalho é um modo de segmentar o trabalho humano a partir das relações de gênero, vinculada histórica e espacialmente a cada sociedade. Kergoat (2003) define dois princípios organizadores nesta forma de divisão: o de separação – existem trabalhos para homens (produção) e trabalhos para mulheres (reprodução); e o de hierarquização – trabalhos realizados por homens são mais valorizados que os desempenhados por mulheres, algo comumente observado em práticas políticas, militares e religiosas, por exemplo. Sendo que, por um lado,

esses princípios podem ser aplicados graças a um processo específico de legitimação, a ideologia naturalista, que empurra o gênero para o sexo biológico, reduz as práticas sociais a “papéis sociais” sexuados, os quais remetem ao destino natural da espécie. No sentido oposto, a teorização em termos de divisão sexual do trabalho afirma que as práticas sexuais são construções sociais, elas próprias resultado de relações sociais (KERGOAT, 2003, p. 56).

Desta feita, conforme ressalta a autora, este fenômeno no mundo do trabalho deve ser entendido através das relações sociais, dos tensionamentos que atravessam o campo social em decorrência do jogo instituído por grupos com interesses antagônicos, neste caso, o grupo social de homens e o grupo social de mulheres. Conjuntura esta que não é passível de ser reificada em si própria e confundida com a dicotomia biologizante das categorias macho e fêmea (KERGOAT, 2003).

Este capítulo, primeiramente, discutiu o perfil de produção científica entre homens e mulheres docentes de programas de pós-graduação em Geografia no Paraná a partir do contexto das normativas e demandas institucionais. Os dados evidenciaram o predomínio masculino na quantidade de publicações científicas, sobretudo nos estratos melhores qualificados pelos pares acadêmicos, bem como a maioria na composição dos conselhos editoriais, do corpo docente e na composição das referências que embasam os procedimentos didáticos e teórico-metodológicos destes cursos *stricto sensu*. Do mesmo modo, foram evidenciadas as publicações em parceria e em periódicos com maior participação em redes informais como estratégias utilizadas pelas mulheres para atender às demandas científicas por produção científica.

Na sequência, a segunda seção explorou o cotidiano e a utilização do tempo destes mesmos sujeitos produtores do conhecimento científico geográfico no Paraná. Contudo, o enfoque foi direcionado para as diferentes relações sócioespaciais e a inerente importância do atributo temporal no trabalho acadêmico. Foi verificada a disparidade do tempo dispendido para atividades de reprodução familiar, com as mulheres mães utilizando maiores períodos de tempo para a realização destes afazeres, resultando em tensionamentos com o trabalho acadêmico. Do mesmo modo, interrupções e reconsiderações na carreira acadêmica em função de questões familiares ocorreram de modo mais constante e intenso quando comparadas aos homens.

CAPÍTULO 3 – GÊNERO E ESPAÇO ACADÊMICO: UM DESAFIO PARA A JUSTIÇA SOCIAL NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

O capítulo precedente enfocou os sujeitos produtores da ciência geográfica a partir da diferença de gênero, trazendo o contexto de trabalho em torno dos Programas de Pós-graduação em Geografia nas IES do Paraná. Ficou evidente que os homens possuem maior produtividade em termos de quantidade de artigos científicos, bem como conseguem veicular sua produção em periódicos considerados de melhor qualidade, conforme critérios estabelecidos pelo Sistema Qualis-CAPEs. Produtos científicos são produzidos por pessoas que gastam energia e horas de trabalho e para tanto foi analisado o perfil do gasto de tempo para produção acadêmica, envolvendo os papéis de gênero. O aspecto fundamental da diferença de gênero está fundado na instituição do casamento e na maternidade. Mulheres sem filhos e sem companheiros tendem a ter maior dedicação ao trabalho acadêmico. Homens, independentemente de sua condição marital ou parental, conseguem manter mais horas de dedicação. Portanto, o gênero é um componente importante na compreensão de desempenho e sucesso na carreira científica. Contudo, ações não se referem apenas ao gasto de tempo, mas ao tempo gasto em atividades que são desempenhadas espacialmente e é desse aspecto que tratará o capítulo final dessa dissertação.

O terceiro capítulo dedica-se a aprofundar a compreensão do gênero em todas as suas variações de performances cotidianas e enquanto um elemento da produção acadêmica na composição do espaço acadêmico. Na primeira seção desse capítulo são explorados os sentidos e as articulações entre gênero e trabalho científico a partir das falas de homens e mulheres pesquisadores. A segunda seção do capítulo problematiza a relação entre as diferenças de gênero e como o espaço acadêmico se constitui a partir da complexidade de tais relações.

3.1 GÊNERO, SUJEITOS PRODUTORES DA CIÊNCIA E A COMPLEXIDADE DA INSTITUIÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO ACADÊMICO

A produção científica é realizada por sujeitos corporificados que estão localizadas nas estruturas sociais em que é estabelecida. O gênero, compreendido aqui como performático, enquanto práticas repetitivas que instituem o discurso de verdade, faz parte da vida dos sujeitos corporificados, visto que diferentes

performances são exigidas socialmente de sujeitos que apresentam determinadas formas anatômicas. Assim, visando dar continuidade ao entendimento das condições dos sujeitos na produção científica, esta seção se dedica a evidenciar a análise resultante de duas questões abertas realizadas aos 20 docentes (10 homens e 10 mulheres) que foram entrevistados, provenientes de IES do Paraná. A primeira questão a ser narrada foi *'Achas que teu gênero interfere na tua produção científica?'* e a segunda *'Considerando as implicações da esfera familiar, o que ela representa para o desempenho da sua profissão?'*. O material de fala foi gravado, transcrito e sistematizado através de uma série de operações por meio de softwares livres propostos por Silva e Silva (2016).

Primeiramente, a partir do material resultante das transcrições das entrevistas estabelecemos categorias semânticas, conjuntos de trechos de falas com significado relativamente homogêneo entre si. Este procedimento ocorreu por meio do software RQDA, cujo ordenamento e vinculação das categorias resultantes dos questionamentos das entrevistas estão ilustrados na Figura 2:

Figura 2 - Ordenamento das categorias de análise



Fonte: 20 entrevistas realizadas.
Organização própria.

Na sequência, via softwares *LibreOffice* e *Open Refine*, cada trecho categorial foi alocado em uma planilha e os fragmentos textuais foram refinados, padronizados e separados, excluindo-se os sinais gráfico e os termos sem significação própria ou pertinência ao contexto, conhecidas como *stop-words*. Com a inserção das colunas *Source* (fonte), *Target* (rótulo) e *Type* (tipo), o arquivo está adequado para ser convertido em rede na próxima etapa.

Uma rede é uma relação binária caracterizada, neste caso, pela conexão entre uma ou mais palavras (nós) através de segmentos de reta (arestas) (SILVA; SILVA, 2016). A representação gráfica destas conexões é designada *grafo*²³. Através do software *Gephi*, foi estabelecida uma vinculação entre categorias e palavras do tipo não-direcionada (*'undirected'*, conforme consta na Figura 3), o que significa uma conexão recíproca entre os termos.

Figura 3 - Processo metodológico inicial



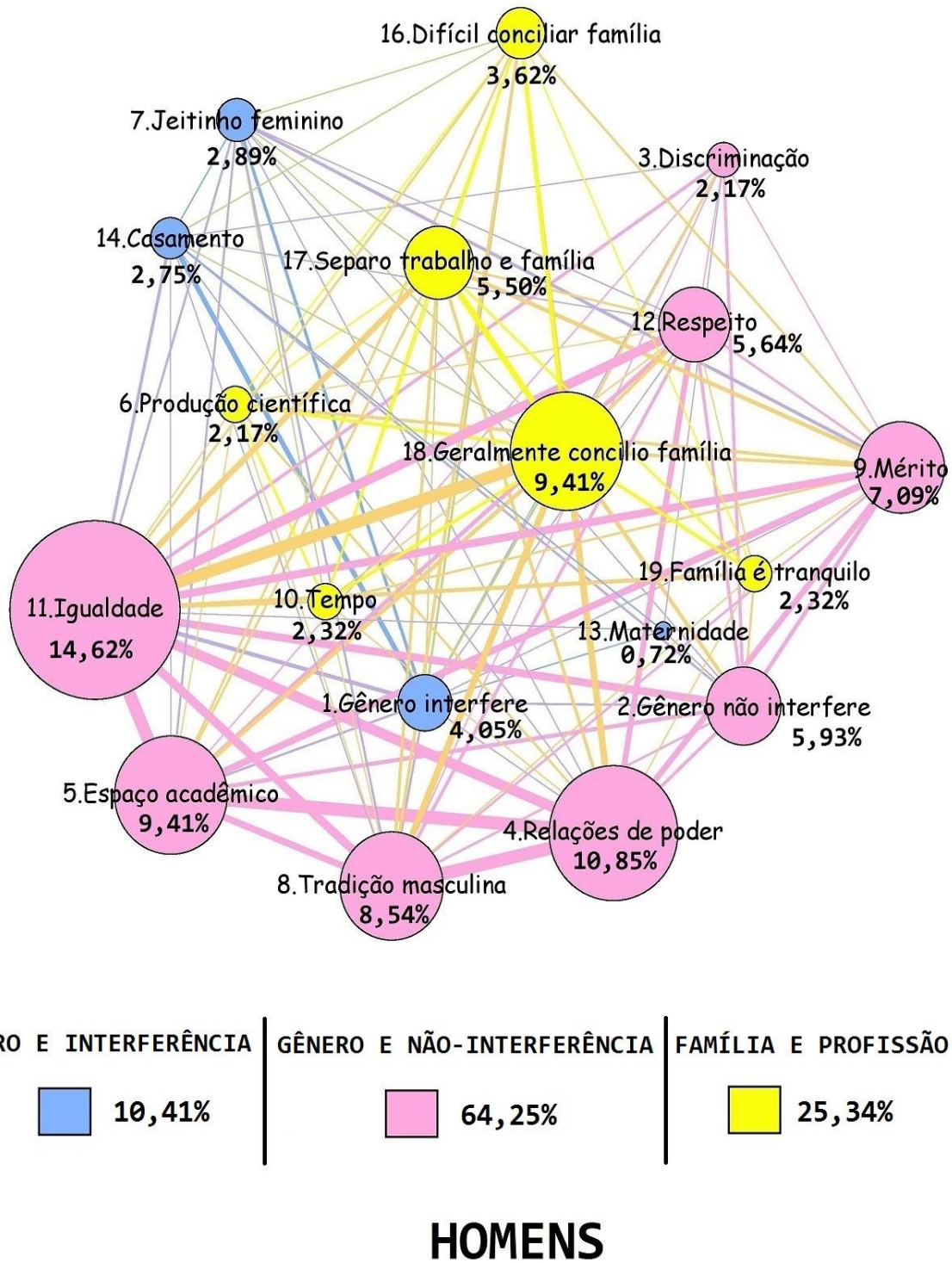
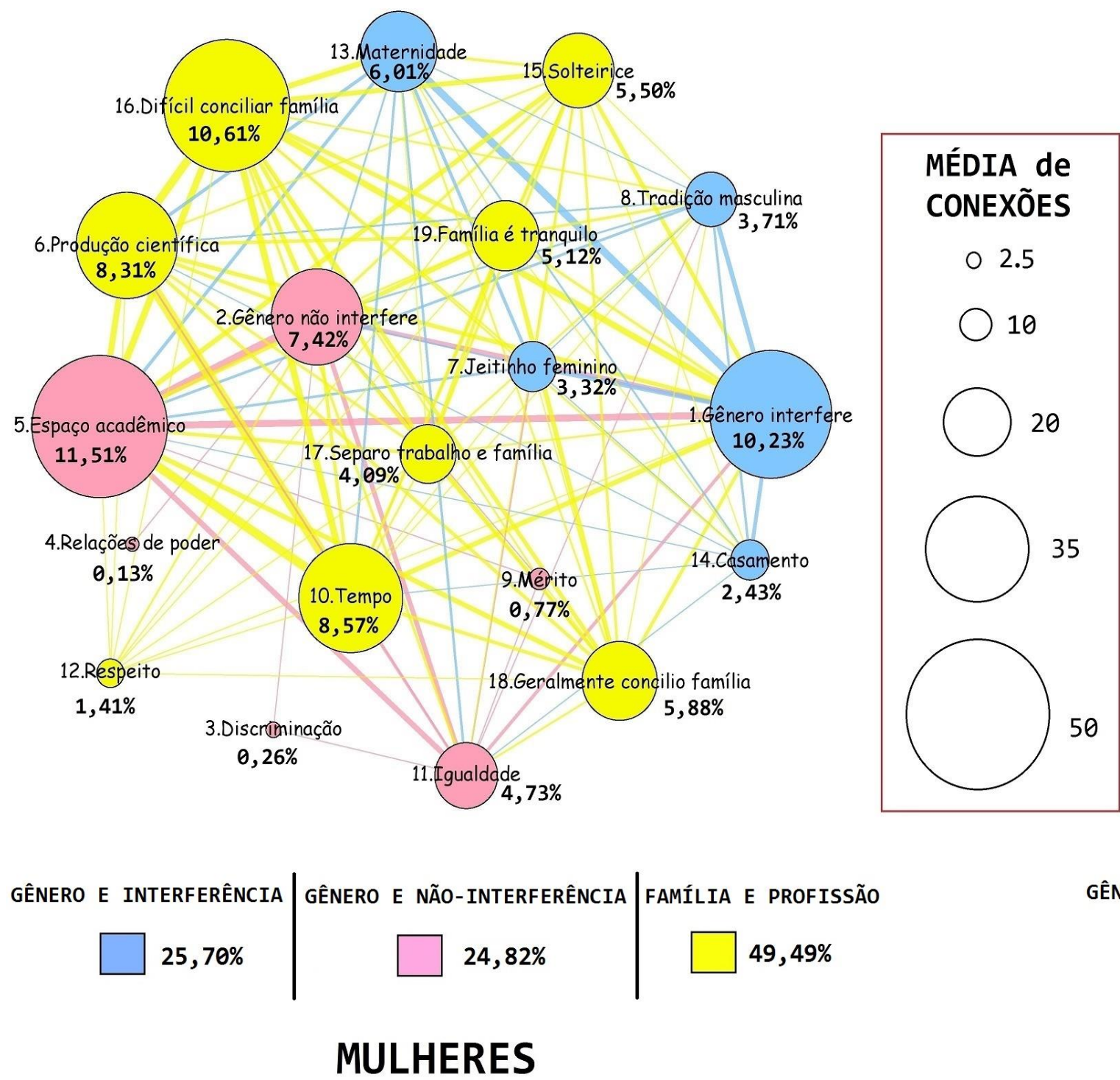
Fonte: 20 entrevistas realizadas.
Organização própria.

No Grafo 2, o tipo de conexão realizada buscou representar as categorias discursivas, na qual foram utilizadas duas estatísticas em sua construção: o grau médio ponderado e a modularidade. A primeira é baseada na quantidade de conexões realizadas entre as palavras nas categorias (nós), oriunda da média resultante do número de ligações que um nó recebe de outros (grau de entrada) e

²³ O estudo dos grafos, ou a Teoria dos Grafos, é utilizado em diversos campos do conhecimento científico. Um interessante e introdutório detalhamento teórico a respeito, é apresentado por Feofiloff et al (2011), disponível em: <https://www.ime.usp.br/~pf/teoriadosgrafos/texto/TeoriaDosGrafos.pdf>. Acesso em 29/03/2017.

do número de ligações que um nó envia para outros nós (grau de saída). O grau, ou tamanho, das categorias na rede, então, é proporcional ao total de conexões estabelecidas pelas palavras que a compõem com as demais, sendo este volume de conexões expresso na espessura das arestas. Neste sentido, uma palavra utilizada com maior frequência nos discursos tende a ter mais conexões e importância na topologia da rede, implicando nas categorias. A modularidade, por sua vez, define *clusters*, conjuntos de nós fortemente conectados, a partir do acréscimo, ou não, de conexões consideradas pertinentes para o grupo de nós em questão. Cada módulo de conexões é representado com coloração específica (MEDEIROS *et al*, 2016).

Grafo 2 - Módulos semânticos e conexões entre as categorias dos discursos dos(as) docentes



Fonte: 20 entrevistas realizadas.
Organização própria.

É evidente a diferença no percentual que cada nó e que cada módulo semântico corresponde na topologia das redes formadas pelos discursos dos(as) docentes entrevistados(as). No caso das mulheres, o módulo 'Família e profissão' é o principal em conexões, abarcando praticamente 50% do grafo, no qual se concentram as categorias relacionadas diretamente à questão *"considerando as implicações da esfera familiar, o que ela representa dentro da tua profissão?"* Sendo que 'Difícil conciliar família' (10,61%), 'Tempo' (8,57%) e 'Produção científica' (8,31%) são as categorias com mais conexões neste conjunto. No módulo 'Gênero e interferência', com pouco mais de 25% das conexões da rede, a categoria 'Gênero interfere' (10,23%) se destaca, vinculando categorias semânticas coerentes em relação à interferência do gênero na pesquisa: 'Maternidade' (6,01%), 'Tradição masculina' (3,71%), 'Jeitinho feminino' (3,32%) e 'Casamento' (2,43%). Enquanto que no módulo 'Gênero e não-interferência', com percentual um pouco inferior (24,82%), o indicativo é relacionado com a não implicação do gênero no meio acadêmico, expresso a partir das conexões da maior categoria do grafo das mulheres, 'Espaço acadêmico' (11,51%), com 'Gênero não interfere' (7,42%), 'Igualdade' (4,73%), dentre outras.

Com relação ao grafo com as categorias dos discursos dos homens, o módulo 'Gênero e não-interferência' é preponderante, correspondendo a 64,25% das conexões na rede. Apesar da categoria 'Gênero não Interfere' neste módulo ter um percentual menor (5,93%) do que em relação ao das falas das mulheres (7,42%), ela se insere num conjunto em que a negação da interferência do gênero na pesquisa é mais forte, conforme se visualiza nas categorias semânticas expressivas: 'Igualdade' (14,62%), 'Relações de poder' (10,85%), 'Espaço Acadêmico' (9,41%), 'Tradição masculina' (8,54%) e 'Mérito' (7,09%). Com pouco mais de 25% da topologia da rede no módulo 'Família e Profissão', as questões relativas à vida particular são menos significativas nos discursos dos homens do que no contexto feminino, bem como a tendência discursiva é dissonante, com a principal categoria no conjunto masculino sendo 'Geralmente concilio família' (9,41%) e 'Difícil conciliar família' (10,61%) no caso das falas das mulheres. É igualmente reduzida a participação das categorias referentes à interferência do gênero no módulo semântico 'Gênero e Interferência': 'Gênero interfere' (4,05%), 'Jeitinho feminino' (2,89%), 'Casamento' (2,75%) e 'Maternidade' (0,72%).

Outros aspectos referentes aos grafos são: a categoria Tradição masculina integra na rede das falas das mulheres o módulo ‘Gênero e interferência’, enquanto que, esta mesma categoria compõe o módulo ‘Gênero e não-interferência’ no grafo dos discursos masculinos, evidenciando concepções distintas sobre a mesma situação; a categoria ‘Produção científica’ aparece em ambos os grafos no módulo ‘Família e Profissão’, mesmo com a clara menção do termo na pergunta que congrega os outros dois conjuntos semânticos (*Achas que teu gênero interfere na tua produção científica?*), explicitando, assim, a implicação familiar neste âmbito, a qual é mais significativa no discurso das mulheres em comparação ao dos homens – 8,31% e 2,17%, respectivamente.

3.1.1 O discurso feminino sobre o gênero na produção científica e os conflitos na percepção da dicotomia entre espaço acadêmico e doméstico

As mulheres entrevistadas, conforme evidenciado no capítulo 2, constituem um grupo com diferenças internas no que diz respeito à condição marital e de maternidade. Das 10 entrevistadas 6 delas não possuem filhos e das 4 que possuem filhos, apenas 1 delas tem filho com idade abaixo de 10 anos, considerado ainda uma criança. A maioria delas possuem filhos acima dos 20 anos de idade e vários já não convivem na mesma casa com elas²⁴.

A heterogeneidade do grupo em termos de condição familiar trouxe algumas dificuldades de análise no conjunto das respostas em um primeiro momento, mas por outro lado, ajudou a evidenciar que não é o corpo feminino, mas a performance de gênero exigida das mulheres que constitui grande parte de suas dificuldades no desempenho de produção científica.

As conexões de categorias do discurso feminino em relação à percepção de seu gênero, produção científica e o espaço acadêmico apresentam sentidos complexos e contraditórios, como pode ser visualizado no quadro a seguir²⁵.

24 Todas relataram relações heterossexuais.

25 O quadro apresenta as conexões mais densas, com grau igual ou maior a 10, entre as categorias semânticas na rede discursiva das docentes mulheres.

Quadro 3 - Principais conexões – discurso das mulheres

RELAÇÃO CATEGORIAL – MULHERES	CONEXÕES
Produção científica ↔ Tempo	14
Espaço acadêmico ↔ Tempo	12
Gênero não interfere ↔ Espaço acadêmico	11
Produção científica ↔ Difícil conciliar família	11
Gênero interfere ↔ Maternidade	10

Fonte: 20 entrevistas realizadas.
Organização própria.

O tempo constitui a maior concentração de conexões e está relacionado com a produção científica e o espaço acadêmico. A execução das tarefas cotidianas que a elas são demandadas tem um impacto direto no tempo ou na sensação de falta dele. As mulheres relatam maior número de demandas de naturezas diferentes. Elas relatam tanto as demandas de caráter burocrático da universidade que lhes retira o tempo de produzir artigos científicos, como demandas familiares.

Apesar de tempo ser uma categoria analítica central, a maioria das conexões aponta que a forma como usam seu tempo não está relacionada com o seu papel de gênero no espaço acadêmico. Contraditoriamente, falam de dificuldades para conciliar as demandas profissionais e familiares, notadamente as maternas. Relatam os sacrifícios da vida privada para privilegiar a profissão e a naturalização do papel materno. Os relatos espaciais apresentam angústias quando a demanda profissional adentra o tempo do espaço doméstico. Entretanto, quando falam do espaço acadêmico, referindo-se à universidade não fazem referências ao gênero, como se a universidade fosse um espaço não generificado, neutro e igualitário em sua visão. Os conflitos apontados estão relacionados ao espaço privado em que sua feminilidade é demandada e a profissão invade o tempo das atividades familiares.

Permanece no discurso das mulheres a profunda visão dicotômica do espaço, onde seu gênero é demandado apenas no espaço doméstico, enquanto sua feminilidade é escamoteada no espaço acadêmico, como pode ser exemplificado pelos trechos de fala que seguem, quando as pesquisadoras eram questionadas sobre o gênero e a interferência em sua atuação profissional:

No âmbito aqui do programa, não, [...] isso efetivamente não traz nenhuma maior situação. Junto aos alunos não vejo também que traga uma interferência (Congorya, Paraná, 1 de março de 2016).

Não, nunca tive qualquer problema em relação à questão de gênero na minha atividade profissional seja na academia, seja na atividade externa de pesquisa (Ceolven, Paraná, 10 de março de 2016).

Não... Não, acho que não, assim. Porque o meio acadêmico é bem, assim, acessível, eu pelo menos pessoalmente nunca tive, que eu me lembre não (Monitora, Paraná, 9 de março de 2016).

Nunca bateu na minha porta nenhum tipo deste problema [...] não tem nenhum tipo de problema de inserção no mundo acadêmico (Garka, Paraná, 9 de março de 2016).

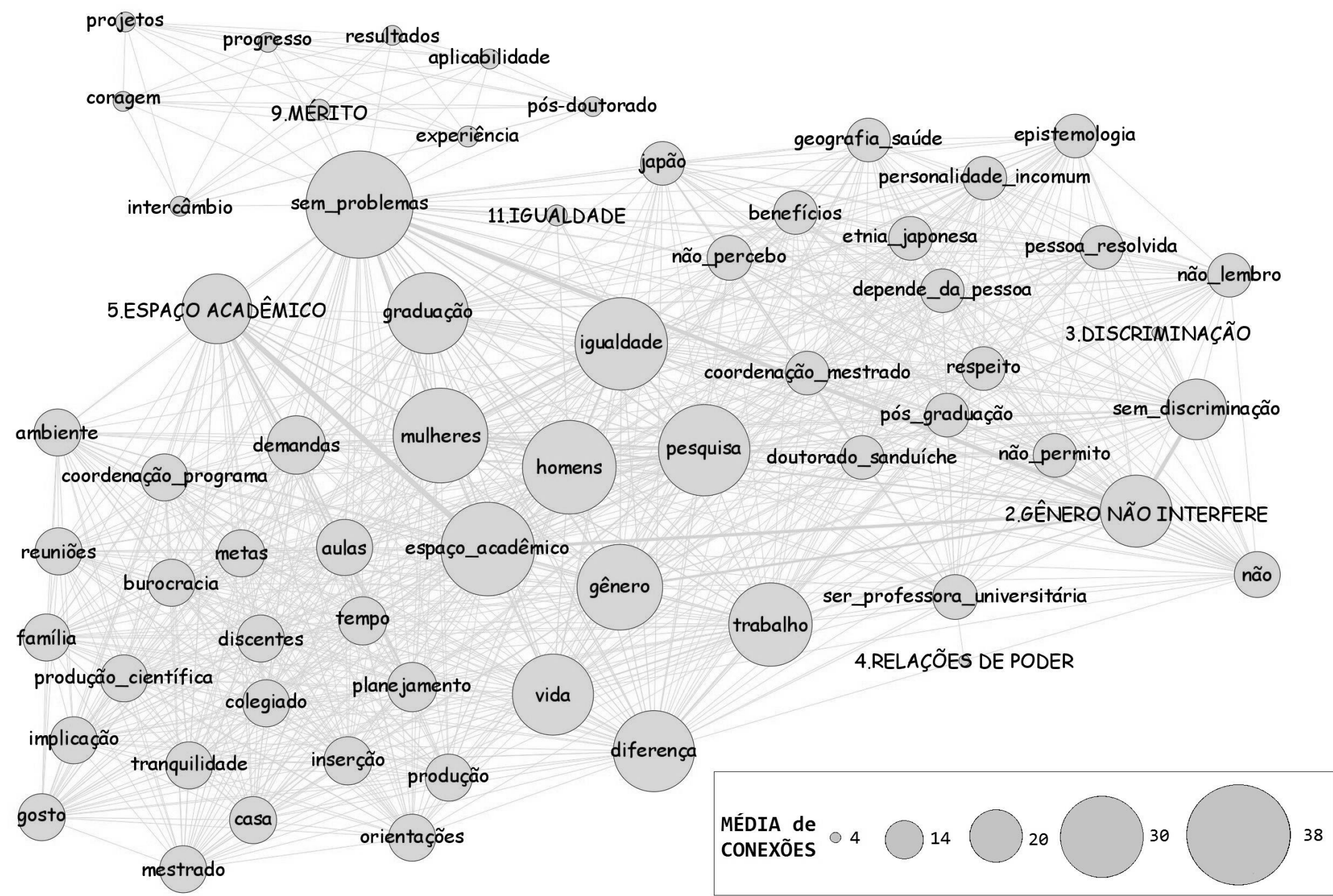
O espaço acadêmico é lido pelas mulheres como um espaço neutro no que diz respeito ao gênero. Ao pensar em seu gênero no espaço acadêmico, imediatamente reportam à ausência de situações de discriminação relacionadas à sua corporalidade. Assim, o entendimento do gênero pelas mulheres pesquisadoras está diretamente relacionado à corporalidade, não havendo de sua parte questionamentos sobre a estrutura científica e as condições de produção ou ainda de hierarquia e legitimação de teorias masculinas. As naturalidades da neutralidade de gênero do espaço acadêmico alegada por elas se sustentam em algumas interessantes constatações como a alegada por Garka:

O gênero, a meu ver, em absoluto, não tenho nenhum problema de gênero, nenhum preconceito, nada disso porque eu sou uma pessoa muito resolvida [...] Mas eu acho que tem a ver também com a minha personalidade, que também não é uma personalidade, talvez, não muito comum entre as mulheres (Garka, Paraná, 9 de março de 2016).

Assim como Garka, as mulheres que relatam não perceber a interferência do gênero no espaço acadêmico e sua produção científica, ao mesmo tempo afirmam que o motivo para não sofrer com situações de discriminação seja o fato de 'não ter um padrão feminino usual'. Outra forma de justificar a não interferência do gênero no espaço acadêmico é afirmar que de antemão 'fizeram sacrifícios da vida privada pela carreira'. Essas evocações aparecem em seus discursos como uma opção individual e autônoma, não vinculadas a uma estrutura de organização social generificada e hierarquizada. Personalidades consideradas mais fortes ou o privilégio da profissão na hierarquia de interesses da vida aparecem como elementos masculinos que, se adotados pelas mulheres, criam as condições necessárias para que não haja conflitos entre o gênero e o espaço acadêmico.

O Grafo 3 representa a estrutura semântica do discurso feminino a respeito da não interferência do gênero no espaço acadêmico e na produção científica:

Grafo 3 - Estrutura semântica do discurso feminino sobre a não interferência do gênero no espaço acadêmico



Fonte: 20 entrevistas realizadas.
Organização própria.

O Grafo 3 apresenta um percentual de conexões na topologia da rede discursiva geral com cerca de 25%. Curiosamente, esta estrutura discursiva está sustentada pela fala de mulheres sem filhos, ou quando a fala está vinculada a um período da vida feminina em que os filhos já estão independentes dos cuidados maternos.

Na estrutura da rede destacam-se densas conexões em torno do 'Espaço acadêmico' e 'Igualdade', aspectos vinculados ao 'mérito', à 'personalidade', às 'relações de poder' e 'discriminação (no sentido da negação)' e 'burocracia'. O espaço acadêmico aparece como neutro do ponto de vista de gênero e estruturado pela burocracia, mérito e igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, trazendo a personalidade individual como capacidade de se orientar na produção científica. A produtividade é um problema de arranjo de tempo, mérito próprio e de organização, não havendo estruturas e distribuição de papéis que organizem o espaço universitário. Os trechos de depoimentos que seguem são ilustrativos dessa rede semântica:

Não, não influencia porque eu não permito. Na verdade a questão, pessoalmente, isso acho que muda de pessoa pra pessoa. Mas particularmente o que interfere mais nesta questão de produtividade é gerar o artigo. Porque você pode desenvolver a pesquisa, ter vários dados e não conseguir tempo pra conseguir escrever. Isso é mais pela questão burocrática da universidade do que pela questão pessoal (Morma, Paraná, 3 de março de 2016).

Não, não percebo. Se aconteceu [referindo-se à interferência do gênero no espaço acadêmico] não percebi. Quatro anos na frente da coordenação do mestrado e nunca senti que tenha tido algum tratamento diferenciado pela questão de eu ser do sexo feminino. Só também que eu seja meio desavisada (Congorya, Paraná, 1 de março de 2016).

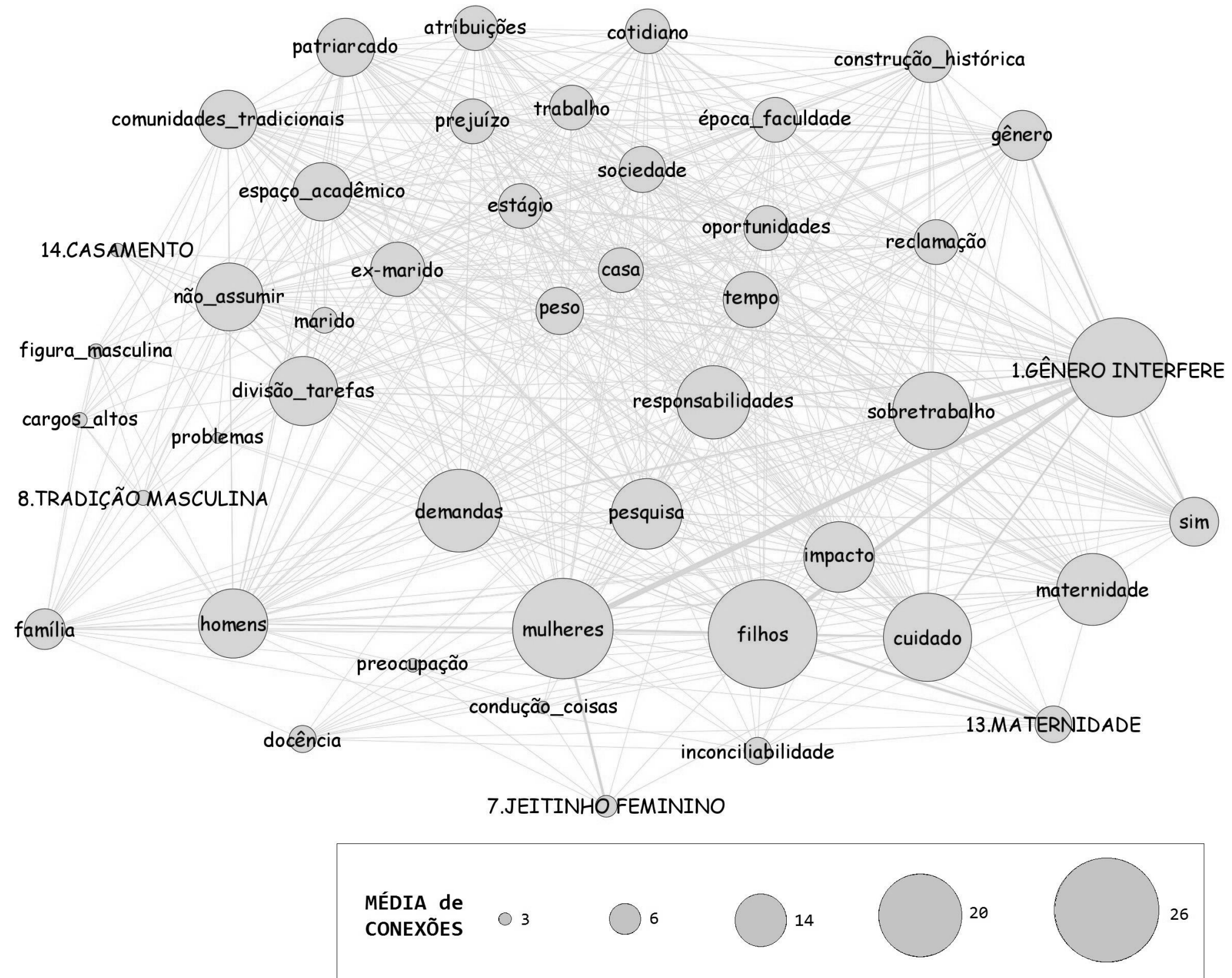
Hoje em dia, eu acho que já é um pouco menos, pela questão de ser professora universitária, de tá na universidade. Eu não sinto tanto essa discriminação (Drytforth, Paraná, 9 de março de 2016).

Então eu acho que em termos profissionais eu não tive problema algum.[...] Era de igual pra igual. Então, não teve discriminação nenhuma, muito pelo contrário, a gente teve que enfrentar tudo o que os outros passavam por lá, eu também passei (Anne-Loc, Paraná, 10 de março de 2016).

Outras conexões importantes do discurso feminino são aquelas que trazem os conflitos em conciliar a produção científica com as atividades maternas e de cuidados com a família. Contudo, no discurso feminino, os conflitos se dão no âmbito do espaço privado, quando as atividades acadêmicas adentram ao espaço doméstico em que elas são demandadas a exercer determinadas performances de gênero feminino. As mulheres que sustentam o discurso dessa rede semântica são,

majoritariamente, aquelas que possuem filhos. A maternidade aparece como um elemento natural do gênero feminino e a principal fonte de conflitos com a produção científica. O Grafo 4 representa a rede semântica do discurso feminino com os elementos relacionados à interferência no gênero no processo da produção científica.

Grafo 4 - Estrutura semântica do discurso feminino sobre a interferência do gênero no espaço acadêmico



Fonte: 20 entrevistas realizadas.
Organização própria.

Enquanto o espaço acadêmico não é visto pelas mulheres como generificado e os papéis que estas desempenham, mesmo que com corpos categorizados como de mulheres, não são vistos como desempenhos femininos, é no espaço privado que elas percebem a demanda pela performance de gênero que é socialmente exigida e por ela repetida inúmeras vezes até que seja naturalizada. A mãe, mulher não interfere no espaço acadêmico, mas a cientista interfere nas demandas do espaço doméstico. A percepção feminina de seu gênero na produção acadêmica ocorre quando o trabalho é levado para casa, estabelecendo conflitos em torno do tempo dedicado às atividades que são vivenciadas como separadas e em espaços dicotomizados.

As densas conexões entre as categorias 'Produção científica', 'Tempo' e 'Espaço acadêmico', de um lado, e entre 'Produção científica' / 'Difícil conciliar família' e 'Gênero interfere' / 'Maternidade', por outro, evidenciam a mesma conjuntura, que ilustramos com os seguintes trechos discursivos:

E acaba que sendo professora universitária é um pouco disso também, né? Por mais que você tenha um tempinho maior durante a semana, pra organizar a tua vida e os artigos, mas entra no fim de semana e nos feriados. Então muitas vezes eu viajo com eles [marido e filhos], mas levo o computador e aí tem que ter: “mas mãe, porque você tá trabalhando?”. “Mas é que eu tenho que terminar, é rapidinho”. Mas esse rapidinho não é rapidinho, porque às vezes você abre a caixa de e-mail e tem outra atividade. O que você ia fazer em duas horas, você faz em seis horas. Então muitas vezes dá um nó, você fala: “ai, vale a pena tudo isso?” (Drytforth, Paraná, 9 de março de 2016).

No meu ponto de vista, é preciso sacrificar algumas coisas que, no meu caso, obviamente quem tá perdendo é o meu lado privado. Não tem, quase não tem espaço na vida que eu levo[.] Criar filho. Cuidar do filho, perceber o filho. Isso é da dimensão das mulheres. Só as mulheres que fazem isso. Então a gente acaba assumindo em nome da maternidade, da relação indissociável que a gente tem pelo bem-estar do filho. Então são coisas que vão pesar sobremaneira nessa jornada das mulheres (Garka, Paraná, 9 de março de 2016).

Tem certas questões do cotidiano que são assumidas socialmente pelas mulheres, não que seja responsabilidade só delas, mas enfim. Impactou, sobretudo quando meus filhos eram pequenos, né. Embora [referindo-se ao pai dos filhos] fosse superatual, né, mas assim, tinham coisas que... É... Meus filhos me demandavam. Invés de demandar ao pai demandavam a mim. Se demandavam a mim eu tinha que dar respostas, né. Então, isso acontece até hoje ainda. Há uma demanda, eu diria muito mais intensa de questões do cotidiano deles em relação à mim (Thyni, Paraná, 14 de março de 2016).

O discurso feminino também elenca outros elementos na rede semântica que estrutura a relação de interferência do gênero na produção científica como o sobretrabalho e o casamento, o qual pode ser visto no trecho do depoimento de

Garka que evidencia a interiorização de uma forma de feminilidade que é exigida socialmente:

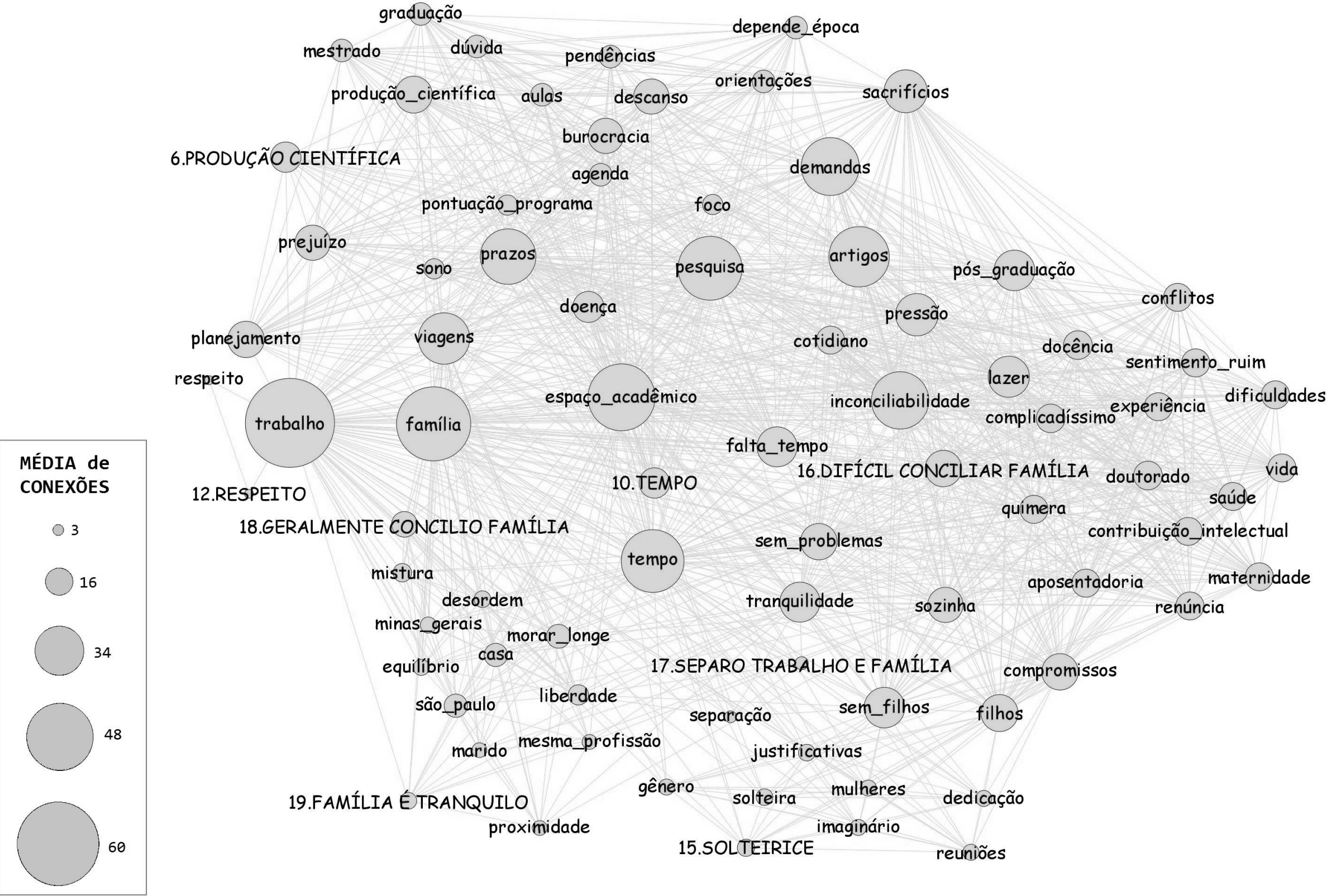
Existe uma coisa do gênero que compõe este caldo que, a meu ver, penaliza fundamentalmente as mulheres. Porque nós temos sobretrabalho [...] Porque existem na nossa sociedade atribuições que são das mulheres, né [...] Os homens, pelo menos na minha família, embora o meu marido seja um bom parceiro, tem coisas que ele não assume. E que, obrigatoriamente, eu acabo assumindo. Então, o peso do gênero tá na divisão dos papéis na sociedade que a gente própria aceita (Garka, Paraná, 9 de março de 2016).

O sobretrabalho feminino é reconhecido na estrutura do casamento e da maternidade, mas atenuado pela naturalização do papel materno que as mulheres possuem e o 'jeitinho feminino' que consiste em fazer várias coisas ao mesmo tempo no cotidiano para conciliar as demandas profissionais e familiares, é visto como uma qualidade, como argumenta Congorya: *“eu acho que nós mulheres sabemos mais levar várias coisas ao mesmo tempo na condução, do que os homens, né” (Congorya, Paraná, 1 de março de 2016).*

Há também o reconhecimento por parte das mulheres que há uma 'tradição masculina' nos espaços acadêmicos, associados à ocupação de cargos de mando pelos homens em sua grande maioria. Contudo, não há associação dos cargos de mando masculinos com possibilidades de criação de políticas públicas que considerassem as relações de produção científica de modo generificado. O fato é constatado, mas não discutido, ou, ainda, criticado pelo discurso das mulheres cientistas entrevistadas.

Apesar de não haver uma clara percepção de um espaço acadêmico generificado por parte das mulheres e suas implicações no cotidiano científico, a rede semântica evidencia que as mulheres relatam sofrimento e dificuldades para corresponder às demandas profissionais e domésticas, como pode ser visto no Grafo 5.

Grafo 5 - Estrutura semântica do discurso feminino sobre a representação da família no desempenho da profissão



Fonte: 20 entrevistas realizadas.
Organização própria.

O tempo é uma angústia relatada tanto pelos homens como pelas mulheres em todas as situações maritais e parentais. Portanto, está claro que há uma queixa generalizada da carga da produção científica de profissionais que atuam nos Programas de Pós-Graduação em Geografia, como pode ser visto nos relatos que se seguem:

Porque a gente tem um planejamento na universidade, mas também tem todas as questões que... As demandas que veem são pra ontem, normalmente, e que são demandas que não estavam dentro do planejamento e você tem que parar pra participar de reunião, de colegiado de graduação, de colegiado de mestrado, de pró-reitoria disto, daquilo. Então você tem a todo o momento chegando demandas e são demandas que estão além do planejamento, isso pra mim interfere na questão de eu cumprir as minhas metas (Morma, Paraná, 3 de março de 2016).

Olha, a gente meio que é engolido por um turbilhão. Nós temos que fazer todas as coisas ao mesmo tempo. Então, temos que publicar. Professor que tá na pós-graduação tem que ter uma publicação regular. A gente também não tem tempo pra isso. Vai colocando lá no meio, vai tocando, mas dizer assim que na minha agenda: 'eu vou escrever um artigo agora em abril', nunca vou ter tempo pra escrever um artigo em abril, porque mil urgências vão aparecer. Mas uma hora esse artigo vai sair, porque, afinal de contas, temos que ter a regularidade da produção científica. Mas tudo isso é em prejuízo do descanso, do sono, lazer, né (Garka, Paraná, 9 de março de 2016).

Mas, como evidenciado anteriormente, o grupo de mulheres investigado possui diferenças internas marcantes que trazem maior complexidade à sua estrutura discursiva. O grupo de mulheres com filhos apresenta maior carga de conflitos entre o espaço doméstico e o acadêmico. Cabe ressaltar aqui que permanece a ideia de espaço acadêmico enquanto igualitário em termos de oportunidades e sem discriminação de gênero. Contudo, os conflitos são relatados quando o trabalho acadêmico adentra ao espaço doméstico, local onde é exigida uma performance feminina específica. Os relatos dos conflitos que seguem nos trechos a seguir são evidências da tendência discursiva do grupo:

Ah lógico. Certamente. Bom, é... Imagino que a vida dos homens seja um pouco distinta que a das mulheres na universidade. Mas uma tentativa de conciliação da docência e da pesquisa e da maternidade, da família... Ela inexistente (Garka, Paraná, 9 de março de 2016).

Ai, nossa... É complicadíssimo. É complicadíssimo. Porque muitas vezes você tem que terminar um artigo e você né, é um dia que seu filho tá esperando pra você: "Mas mãe, hoje a gente não tinha combinado de ir no cinema?". Então muitas vezes a gente fala não. É horrível, eu me sinto muito mal. Porque você fala não, eu queria, é tempo, é sábado, o período que eu tinha que tá com as crianças. Mas e o artigo? Tem que entregar segunda de manhã por exemplo. Ah, é muito difícil, eu falo assim, que desde a época do doutorado, a gente vai sofrendo isso, porque o doutorado é uma grande pressão na vida da gente, né, rs. Então você faz doutorado, mas assim: a sua família fica esperando: "Ai, quando você vai terminar isso, rs?" Porque ninguém aguenta (Drytforth, Paraná, 9 de março de 2016).

Algumas mulheres deixam claro que possuem a consciência das dificuldades da maternidade para ascensão de sua vida profissional, como argumenta Hes: *‘Pelo fato de ter muito envolvimento com atividades da universidade optei por não ter família e nem filhos, dado que me restringiriam nas mesmas’* (Hes, Paraná, 21 de abril de 2016). Os relatos de facilidade para conciliar família e trabalho, são de mulheres solteiras, sem filhos, ou ainda aquelas que possuem filhos adultos que já saíram de casa. Mesmo assim, esse último grupo relata que no passado, quando os filhos eram menores a situação era outra:

Ah, isso depende da época. Hoje a minha filha não mora aqui, meu filho mora comigo, mas tava passando o fim de semana fora. Então isso me permitiu ficar mais tempo trabalhando também (Thyni, Paraná, 14 de março de 2016).

A estrutura discursiva das mulheres entrevistadas apresenta tendências claras sobre a forma dicotômica que pensam o espaço. Elas conseguem ver as relações de gênero marcadas no espaço doméstico, notadamente quando a performance de gênero fica mais evidente. No espaço acadêmico, apesar de haver reconhecimento da existência de homens que dominam os cargos de mando na estrutura burocrática, não há, por parte delas a percepção de que este seja generificado. Muito menos que a sua condição no espaço doméstico é um contínuo do espaço universitário e vice-versa. Apesar da percepção dicotômica do espaço, elas delatam os conflitos, expõe as angústias que aparecem mais relacionadas ao espaço doméstico. A falta de tempo para cumprir demandas aparece em ambas as espacialidades, mas o conflito da condição generificada é mais perceptível no espaço doméstico.

3.1.2 O discurso masculino sobre o gênero na produção científica e a harmonia na percepção da dicotomia entre espaço acadêmico e doméstico

No Capítulo 2, Quadro 2, ficou evidenciado que o perfil de homens entrevistados apresenta características maritais e parentais bastante homogêneas internamente²⁶. Dos 10 homens, todos possuem filhos e 9 vivem com suas companheiras. A idade dos filhos difere do grupo feminino entrevistado. No grupo de homens apenas 3 deles não possuem filhos em idade infantil, dependente ainda de

26 Todos(as) relataram relações heterossexuais.

cuidados parentais e a grande maioria dos filhos, portanto, convive na mesma casa com o pai.

Mesmo que o grupo de homens tenha sob sua convivência crianças e as demandas enquanto pesquisador sejam as mesmas em que as mulheres pesquisadoras estão submetidas, as conexões categoriais apresentam um quadro de harmonia e menor conflito do que a rede apresentada pelas mulheres, como pode ser verificado no Quadro 4.

Quadro 4 - Principais conexões – discurso dos homens

RELAÇÃO CATEGORIAL – HOMENS	CONEXÕES
Espaço acadêmico ↔ Igualdade	14
Relações de poder ↔ Espaço acadêmico	14
Relações de poder ↔ Tradição masculina	14
Igualdade ↔ Geralmente concílio família	13
Relações de poder ↔ Igualdade	11
Igualdade ↔ Respeito	10

Fonte: 20 entrevistas realizadas.
Organização própria.

As conexões mais intensas organizam sentidos que se cruzam o espaço acadêmico constituído pela igualdade entre os gêneros, facilidade para conciliar a profissão com a família e respeito. O reconhecimento da existência das ‘relações de poder’, não estão ligadas às hierarquias de gênero, mas aos aspectos considerados normais da vida acadêmica como disputas de vaidades, financeiras e de prestígio intelectual. A ‘tradição masculina’ é evocada como algo que é inerente à história da constituição do mundo acadêmico, mas que, todavia, tem sido transformado nos dias atuais. O relato a seguir é ilustrativo dessa tendência discursiva masculina sobre gênero, produção científica e espaço acadêmico:

Eu acho que a universidade é um dos lugares onde mulheres e homens, na minha percepção, tem um dos melhores relacionamentos no que diz às possibilidades. Ambos produzindo, fazendo a sua parte chegam ao mesmo nível de ter uma carreira igual. Fora daqui as coisas não são desse jeito. Até mesmo da onde eu vim, aqui da Geologia, que tradicionalmente tem muito homem, a Geografia é mais diversificada, tem homens e mulheres, a gente vê lá que o respeito ocorre também. É claro que tem colegas que não têm essa visão, que são meio machistas mesmo. Mas eu acho que é cada vez menos e cada vez fica mais fora da realidade da universidade. Porque tem hoje um número de alunas e professoras muito bom. Assim, as possibilidades pra quem tá na carreira são bastante semelhantes (Aldwald, Paraná, 14 de março de 2016).

Outra conexão de categorias que aparece como intensa é entre ‘Igualdade’ e ‘Geralmente concílio família’, na qual acontece a retomada do discurso igualitário e respeitoso:

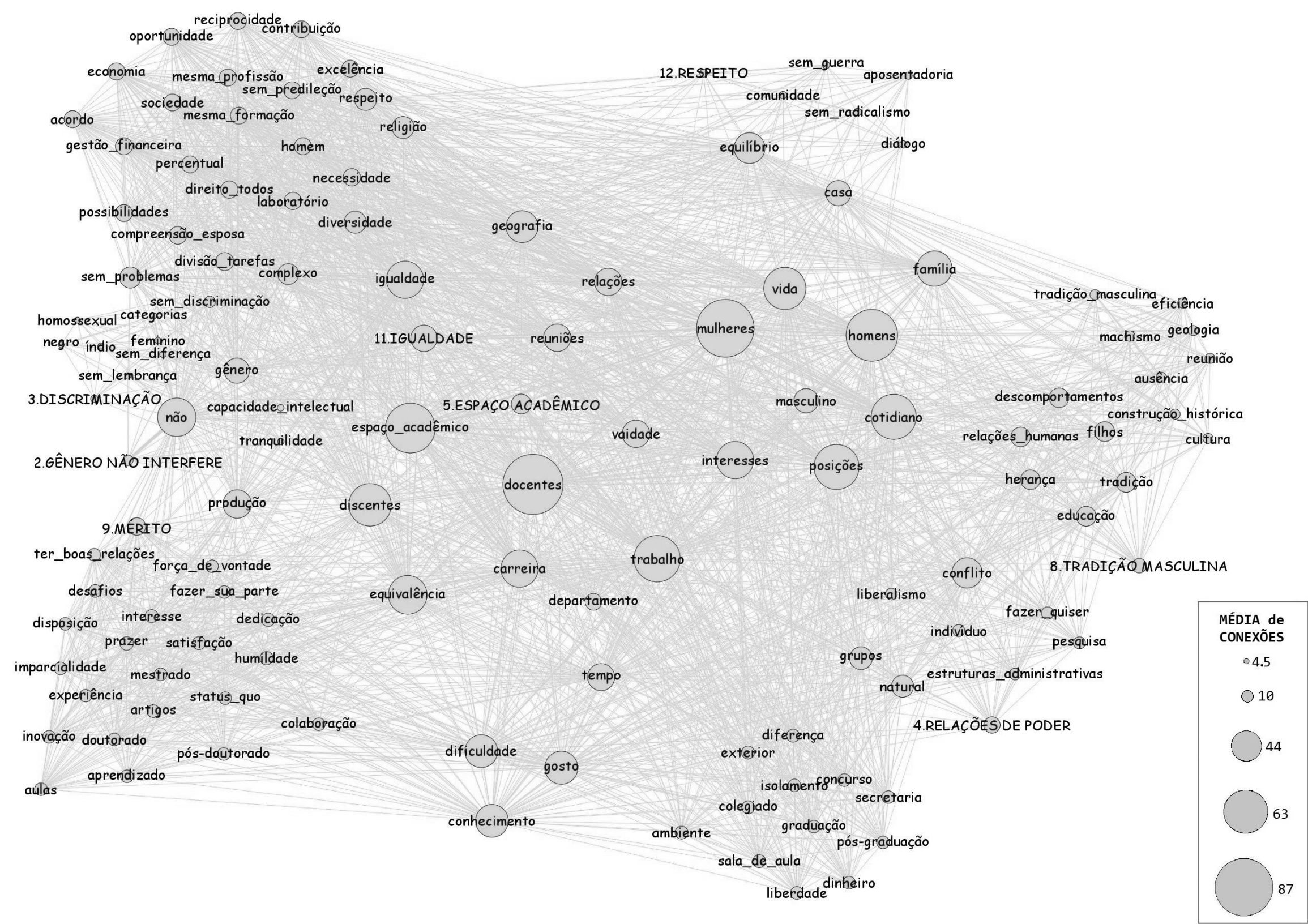
Então nesse caso, do ponto de vista da minha relação familiar, acho que tem uma compreensão da minha família, em relação à isso. Eles sempre entendem. Meus filhos são pequenos ainda, talvez não tenham essa leitura. Minha esposa, como também é da área acadêmica, ela também entende isso. Então não tem muito conflito, assim, com a família, mas eu tenho tentado cada vez mais entender, estabelecer horários, embora não seja uma equação fácil de resolver (Termond, Paraná, 15 de março de 2016).

Olha, eu não tenho conflito com isso [família e profissão]. Lá em casa nós dois somos professores. Os dois são doutores. Não há um contraste muito grande, por exemplo, se fosse uma situação que só eu trabalhasse e a mulher não tivesse formação e não trabalhasse, haveria um descompasso. E tem gente que prefere esse tipo de coisa. Eu não. Eu acho que nós dois contribuímos. A gente fez um acordo, inclusive, sobre a gestão financeira da família (Tolfer, Paraná, 14 de março de 2016).

Minha companheira também é uma pessoa bastante envolvida e ativa no trabalho dela né. Tem uma certa militância política [...] então nós temos vidas bastante ativas. E quando estamos em casa temos uma vida carinhosa, emocional, muito bonita. Temos um grau de afinidades muito grande (Egarfred, Paraná, 21 de abril, de 2016).

O Grafo 6 apresenta a estrutura semântica que sustenta o discurso sobre a não interferência do gênero na produção científica e no espaço acadêmico.

Grafo 6 - Estrutura semântica do discurso masculino sobre a não interferência do gênero no espaço acadêmico



Fonte: 20 entrevistas realizadas.
Organização própria.

O discurso masculino é marcado pela negação da existência da interferência do gênero na produção científica e no espaço acadêmico. As relações generificadas são imediatamente relacionadas à discriminação, como pode ser visto nos relatos que seguem:

Não. Tanto comigo como com as pessoas próximas a mim este tipo de discriminação, se é que podemos chamar assim, nunca existiu. Não sei se é por conta de um certo liberalismo, por parte dos nossos cursos, dos professores que normalmente atuam na Geografia. Eu particularmente nunca vi isso, não posso te afirmar que não tenha existido. Eu nunca notei, as pessoas mais próximas à mim, tanto do meu departamento como da universidade de forma geral, raramente tem essa discriminação, principalmente quando se trata do gênero na essência, ou seja, masculino e feminino. Se você falar de outras categorias aí como índio, negro, homossexual aí já é um pouco mais complexo, nem saberia te dar uma opinião. Mas masculino e feminino nunca percebi nada não (Joric, Paraná, 1 de março de 2016).

Não, não. Tranquilo. O fato de estar dentro desta temática [referindo-se à relação entre gênero e produção científica]. Eu não senti (Beorn, Paraná, 9 de março de 2016).

Não, não. Nunca senti nenhuma discriminação associada ao gênero não (Termond, Paraná, 15 de março de 2016).

Não. Não, não. Que eu lembre não (Nanton, Paraná, 27 de abril de 2016).

No discurso masculino, não é comum acontecerem reflexões em torno da masculinidade e de suas performances diárias na produção científica. O termo gênero foi imediatamente remetido à ideia de mulher e de discriminação. Os homens cientistas se consideram sujeitos neutros do ponto de vista de gênero, constituindo a noção desta marca apenas para as mulheres. Nas falas masculinas, a ausência de discriminação contra as mulheres é considerada igualdade de oportunidades na constituição de um espaço que está livre das performances de gênero.

Não teve interferência nenhuma [referindo-se a relação entre gênero e produção científica]. Eu sempre tive bom relacionamento com os colegas. Assim, vamos dizer, sempre tentei julgar de forma franca com os colegas e trabalhar de forma conjunta, colaborando com todos na medida do possível. Sempre fui requisitado, procurei dar uma resposta. [...], eu acho que independentemente de gênero, né, o que interessa é a questão de a pessoa ter disposição, dedicação. É... interesse. Né? E prazer. E satisfação, trocando a palavra prazer por satisfação. Estar satisfeito com o que você faz e sempre buscando melhorar, ninguém nunca vai ficar pronto. A gente vai morrer e não vai estar pronto. Humildade também é uma qualidade das grandes cabeças pensantes. Ser humilde. A humildade é uma característica dos grandes mestres, né. Dos grandes cientistas. Einstein e outras grandes pessoas eram pessoas humildes. No Brasil a gente tem também alguns exemplos. A humildade é uma característica. Depende de cada um trabalhar essa característica, como se mostrar pro outro. Basicamente é isso (Bardcas, Paraná, 15 de março de 2016).

A reflexão em torno das relações generificadas e do exercício de masculinidades foi relatado por apenas dois entrevistados, que procuraram pensar sobre sua realidade cotidiana e como o gênero afeta suas vidas. Um deles aborda sua posição como professor e homem na sociedade patriarcal cotidiana e suas tentativas de policiamento interno. O outro traz a ideia de gênero bi polarizado entre o masculino e o feminino como algo insuficiente para classificar as pessoas e seu comportamento. Importante fazer menção a esses trechos de fala pela exceção da tendência discursiva verificada:

Agora, claro, nas relações humanas. Agora pensando mais como professor, existem certos comportamentos que às vezes nem são conscientes ou pelo menos, são herdados de masculinidades que a gente atua no dia-a-dia. E essas masculinidades nem veem só dos homens, das mulheres também, de como elas educam seus filhos também [...] É questão da maneira como as coisas se dão. Então eu me esforço muito pra que essas coisas sejam equilibradas. Agora, claro, eu venho de uma cultura machista. Então volta e meia a gente se pega fazendo coisas que não são certas né (Tolfer, Paraná, 14 de março de 2016).

Eu acho gênero uma questão um tanto complicada [...] As emoções humanas, sentimentos, desejos não se reduzem a essa dupla sexual entre sexo masculino e sexo feminino, que tá no centro da discussão de gênero. Os papéis sociais do sexo, do desejo são mais complexos. Hoje, sobretudo, sempre foi, sempre existiu o prazer, que é algo da essência, não se restringe à aparência e à forma (Egarfred, Paraná, 21 de abril, de 2016).

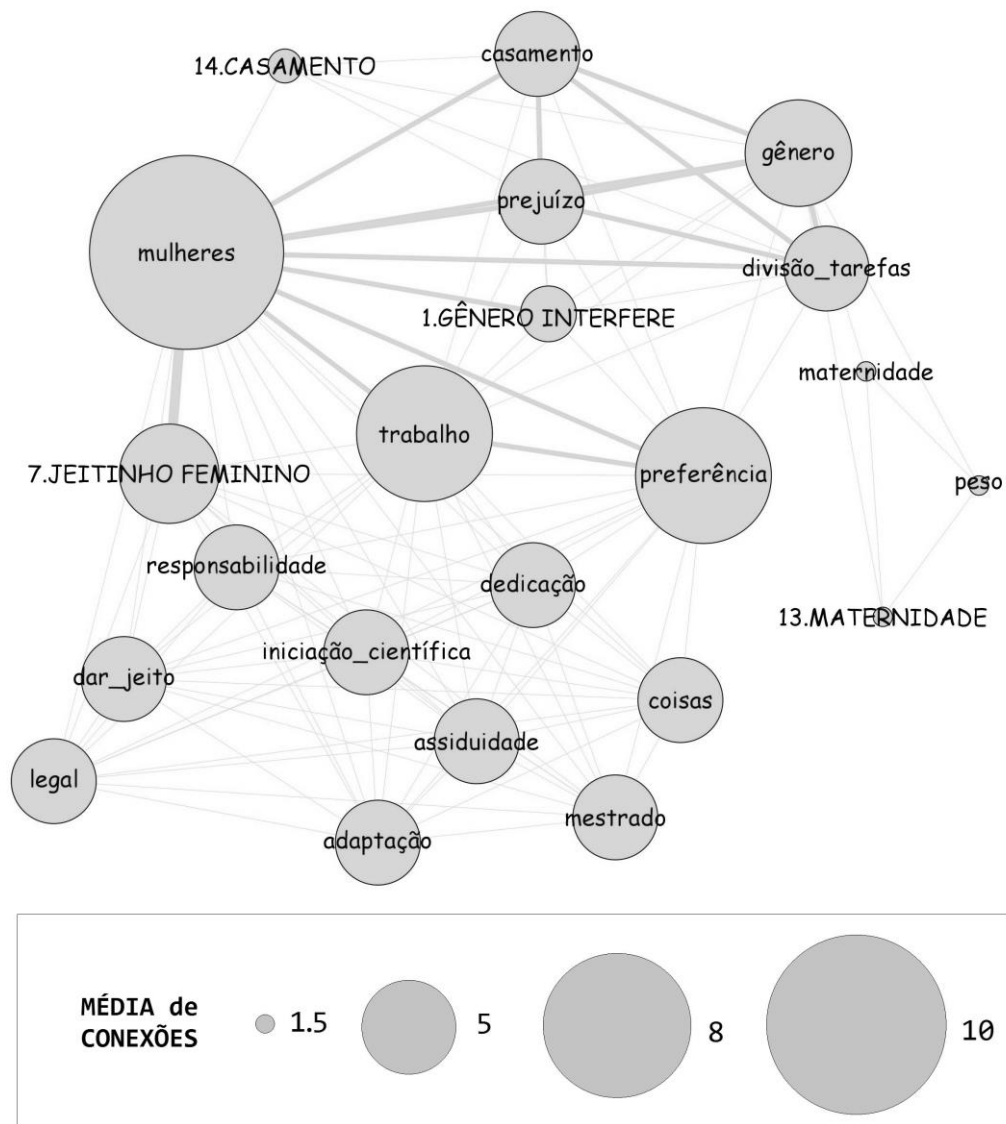
As ‘relações de poder’ e a ‘tradição masculina’ a que se refere o discurso dos homens, mais uma vez evidencia a ausência de reflexão em torno de sua masculinidade e suas ações cotidianas. A observação dos cargos de mando nas universidades serem ocupados por homens é considerada como um acaso, ou ainda como sendo um resquício da época em que a universidade era apenas um espaço masculinizado, o que, na compreensão deles, já não é mais assim. O trecho que segue é ilustrativo da tendência do discurso masculino em relação ao poder no espaço acadêmico que não tem uma perspectiva generificada:

A gente sabe que o meio nosso, acadêmico, que a gente vive é um meio um pouco difícil, porque as pessoas são extremamente, digamos assim, conhecedoras, são estudadas, são emancipadas e obviamente é sempre natural nesses casos haver um conflito de interesses e também de posições, né. E o fato de existir isso no mundo acadêmico, que de certa forma é um pouco natural, acaba gerando situações que não são tão agradáveis quanto a gente espera na vida da gente, mas infelizmente faz parte da rotina (Beorn, Paraná, 9 de março de 2016).

O Grafo 7 apresenta a estrutura semântica que sustenta a estrutura discursiva sobre a interferência do gênero na produção científica e no espaço acadêmico. Os discursos dos homens evidenciaram praticamente as mesmas categorias discursivas

do discurso feminino (comparar com o Grafo 4). Contudo, de forma surpreendente para essa investigação, os homens novamente falam do contexto das mulheres e não de suas performances de masculinidade. Ou seja, o foco de gênero é sempre feminino na concepção masculina, a realidade generificada não diz respeito às suas masculinidades.

Grafo 7 - Estrutura semântica do discurso masculino sobre a interferência do gênero no espaço acadêmico



Fonte: 20 entrevistas realizadas.
Organização própria.

Apesar da presença de categorias semelhantes às utilizadas nas falas das docentes mulheres, o significado masculino traz particularidades no 'Jeitinho feminino' e o 'Casamento'. Mais uma vez, o discurso masculino sobre o gênero interferir na produção científica e na instituição do espaço acadêmico traz a condição

feminina, como se o sujeito cientista homem não fosse também generificado. As falas masculinas que trazem argumentos sobre o gênero são menos frequentes do que as que falam que o gênero não tem interferência. São remetidas aos sujeitos femininos e apontam as qualidades sendo próprias da feminilidade no trabalho como a responsabilidade, assiduidade, dedicação, notadamente em situações de hierarquias, envolvendo bolsistas de iniciação científica e mestrado. Os trechos a seguir são relevantes para ilustrar essa tendência:

Aliás, até prefiro trabalhar muitas vezes com mulheres porque elas têm uma maneira muitas vezes até que eu me adapto melhor, são mais legais de trabalhar em alguns sentidos, entendeu? (Aldwald, Paraná, 14 de março de 2016).

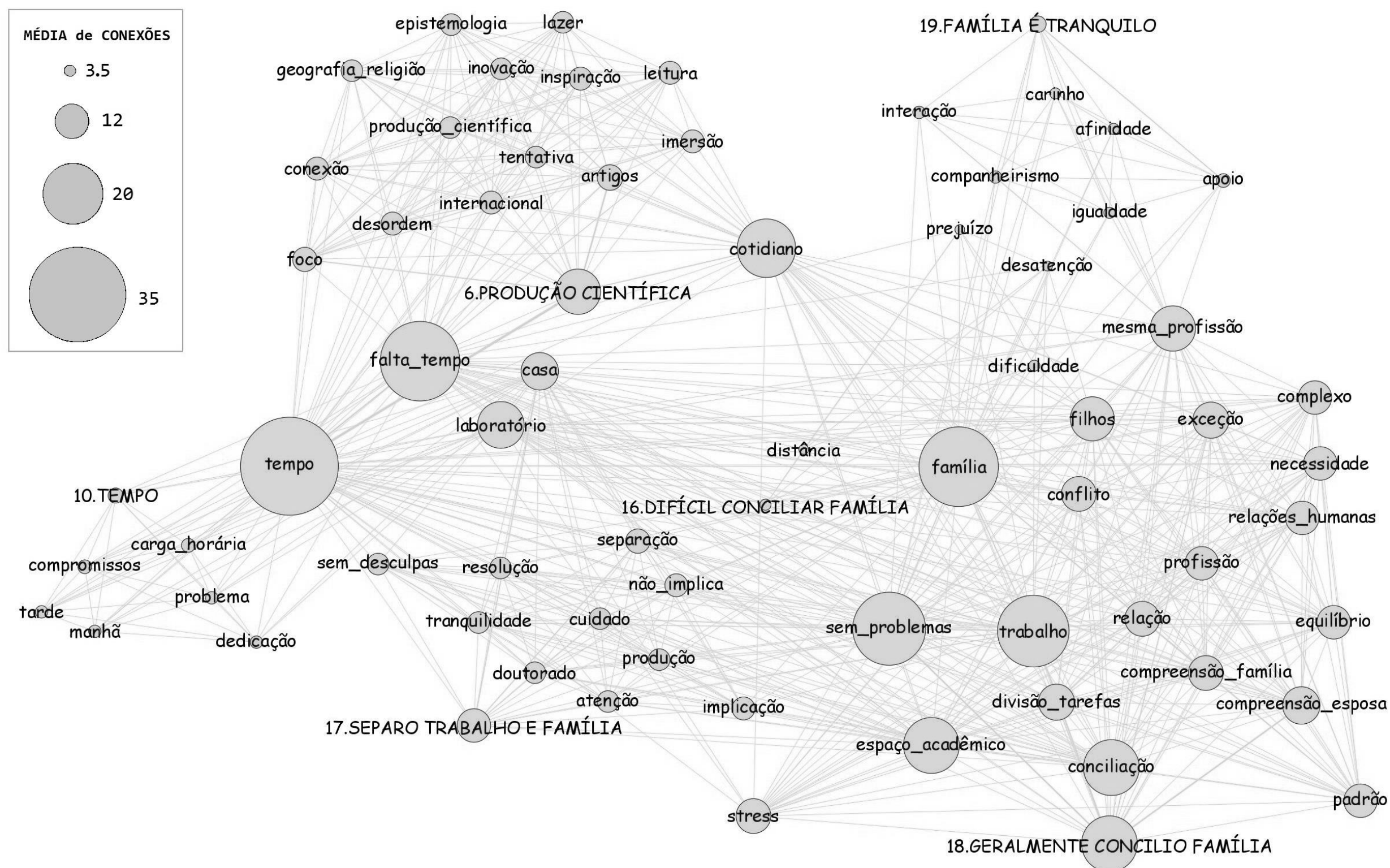
Acho que numa implicação direta prefiro trabalhar com as mulheres. Pelo menos as candidatas que chegam, principalmente pra Iniciação Científica e Mestrado, elas são mais responsáveis, assíduas e dedicadas também que os homens. Tenho abandonado trabalhar com os homens, tenho um contingente menor de orientandos (Chetneth, Paraná, 3 de março de 2016).

As falas apontam para a qualidade feminina do cuidado e ainda da capacidade de realizar muitas tarefas ao mesmo tempo. O sobretrabalho aparece nas falas, mas associando aos casos hipotéticos de situações de divisão de tarefas no cotidiano da conjugalidade. Os homens não trazem suas experiências pessoais nos discursos, ou de exercício de reflexão de suas masculinidades:

Porque tem coisas assim que parece que só mulher que consegue dar jeito [...] Agora sei lá, depende também quando a pessoa é casada e tal; depende também como que é esse relacionamento e aí acho que pode ser que gênero venha a prejudicar um pouco mais a mulher, isso aí a gente não sabe como que funciona a divisão de tarefas (Shato, Paraná, 1 de março de 2016).

A estrutura semântica sobre a questão de como a família era representada para os homens em relação ao seu desempenho profissional pode ser vista no Grafo 8:

Grafo 8 - Estrutura semântica do discurso masculino sobre a representação da família no desempenho da profissão



Fonte: 20 entrevistas realizadas.
Organização própria.

Tanto quanto no grupo de mulheres, o tempo aparece como algo importante no desempenho da profissão, notadamente para elaboração de artigos científicos. Entretanto, se comparado o Grafo 5 (Estrutura Semântica do discurso feminino sobre a representação da família no desempenho da profissão) com o Grafo 8 do discurso masculino, o tempo está mais próximo do espaço acadêmico, tendo poucas referências de falta de tempo para desempenho de atividades que sejam demandadas no espaço doméstico. Os homens relatam menos conflitos e maior harmonia no exercício de demandas em ambas as espacialidades.

O tempo é uma queixa dos homens sobre o aumento do trabalho nas universidades. A escrita de artigos científicos, também utilizado na esfera do espaço doméstico, não aparece com o mesmo peso e angústia como para as mulheres, notadamente aquelas que possuem filhos. Planejamento de fluxo de produção, ambição internacional, inspiração, imersão, exclusividade, são palavras do discurso masculino que não são verificadas no discurso feminino com relação à produção científica. Os trechos de falas dos homens com relação ao tempo e a produção científica ilustram a tendência discursiva encontrada:

Hoje infelizmente tá tudo meio embolado, mas a gente já tem um material pra produção aí e tá soltando. Tem já, pelo menos dois submetidos e tamos pra soltar mais dois, de maneira que a gente tá ampliando uma rotina. Porque nós estávamos com uma rotina de um artigo em revista internacional ou de nível internacional por ano. E agora nós pretendemos passar pra dois artigos por ano de nível internacional. Então é essa ideia que nós estamos tentando realizar (Beorn, Paraná, 9 de março de 2016).

Então, eu acho assim que a produção de artigos vai muito de inspiração. Então quando eu vou preparar um artigo, assim, eu vou lendo algumas coisas um pouco pontuais, vou preparando, vou fazendo um trabalho assim com gráficos, com figuras, eu vou me inteirando da ideia, da história que eu quero contar e aí eu gosto de usar imersão e aí eu pego um ou dois dias por semana, um dia todo assim, e me dedico exclusivamente àquilo; não gosto de escrever os trabalhos muito à prestação [...] E, quando tem feriados alguma coisa que eu não viajo eu aproveito pra acelerar essa escrita né e aí eu consigo me dedicar à outras coisas sem precisar desviar, de trabalho. Que eu vejo assim, que pra escrever você precisa tá totalmente focado naquilo porque você precisa tá fazendo (Shato, Paraná, 1 de março de 2016).

Não há um padrão. Conforme a inspiração não há dia, noite ou final de semana. Você vai dormir você não consegue se as ideias estão fluindo, então neste momento há uma concentração (Chetneth, Paraná, 3 de março de 2016).

O discurso masculino sobre a família e a relação com a profissão apresenta maior capacidade de separação de demandas e menos conflitos. Palavras como

esposa compreensiva, apoio, conciliação fácil, separação das esferas profissional e familiar são comuns, como pode ser visto nos relatos que seguem:

Ah, não tem muito a ver não. Conciliar você tem que conciliar, mas não tem nenhuma relação [...] Tranquilo, eu acho que não dificulta nada. Na verdade a atividade acadêmica. Ensino, pesquisa e extensão. É uma atividade que tem que ter a vontade, a dedicação, do profissional, do professor (Bardcas, Paraná, 15 de março de 2016).

De forma alguma, o fato de eu ter feito esta separação [entre profissão e família], na minha opinião me faz mais produtivo, isso fica bem claro pra mim, pras pessoas que trabalham comigo, quais os horários que eu efetivamente tô a fim de produzir. Da mesma forma que raramente eu arrumo desculpas pessoais pra faltar aos meus compromissos de segunda a sexta, eu também não aceito muito desculpas profissionais nos meus finais de semana. Volto a dizer, exceções sempre existem, mas este é o padrão que eu criei, pra mim e pra minha família (Joric, Paraná, 1 de março de 2016).

Mesmo os homens que relatam a realização de tarefas domésticas e dificuldades de conciliação das demandas de família e profissão, há expressões de minimização do conflito como ‘pouco complicado’ ou ‘compromete um pouco’, como pode ser visto:

Bom, é uma questão assim, um pouco complicada. Porque a gente vai fazendo quase que instintamente e não pensa sobre isso. Mas em casa como a minha esposa é professora também, apesar de ela não estar na universidade, ela tem esse entendimento dessa importância. Em casa a gente procura ter as atividades divididas. Então não tem papel masculino, feminino as atividades são divididas. Eu procuro ter uma base, assim, produtiva que não seja tão exagerada ao ponto de prejudicar outras atividades como levar a minha filha pra piscina, fazer almoço, curtir futebol, essas coisas. Então, é assim, bem mais tranquilo (Shato, Paraná, 1 de março de 2016).

Pelo trabalho conturbado acaba comprometendo um pouco a atenção com eles. Sobre tudo porque são filhos que não moram, alguns moram aqui, outros não. Reuni-los é difícil, mas sempre que dá a gente reúne. Nosso ritmo acaba comprometendo um pouco a vida familiar (Nanton, Paraná, 27 de abril de 2016).

O peso e a angústia encontrados no discurso feminino na representação da família no seu desempenho profissional como ‘complicadíssimo’, ‘ninguém aguenta’, ‘sofrimento’, ‘pressão’ não são comuns no discurso masculino que parece ver a família como acolhimento e apoio. As estruturas das redes semânticas e categoriais dos discursos femininos e masculinos de docentes universitários entrevistados apresentam semelhanças e também diferenças. Ambos relatam o espaço acadêmico como exaustivo no consumo de tempo e energia, cada vez mais exigente no cotidiano e com demandas variadas que dificultam o tempo de concentração na atividade de pesquisa, notadamente na escrita de artigos científicos.

Outro argumento comum é a ideia de que o espaço acadêmico é igualitário e que a ideia de gênero aparece apenas quando se refere à discriminação contra a mulher, assédio ou algum tipo de violência. Tanto homens como mulheres constituem a ideia de dicotomia entre o espaço doméstico e o espaço acadêmico, embora ambos relatem trazer demandas profissionais para o espaço doméstico. A visão de permeabilidade ocorre justamente nesse fluxo e não ao contrário. Ao sentir esse fluxo, as mulheres relatam conflitos, enquanto os homens conseguem manter maior harmonia.

Esta seção trouxe elementos que possibilitam afirmar haver uma imaginação geográfica de um espaço acadêmico neutro em termos de gênero, especificamente sob o ponto de vista de não há uma separação da realidade doméstica e acadêmica. A forma como concebemos a imaginação geográfica determina grande parte de como agimos e pensamos o mundo, as relações sociais e a política, como argumenta Massey (2008). Há necessidade de que o espaço acadêmico seja estudado pela ciência geográfica.

3.2 PERSPECTIVA GEOGRÁFICA E ESPAÇO ACADÊMICO

Consideremos necessária a ampliação de uma discussão tendo por enfoque o espaço acadêmico dada a complexidade da temática e a escassez de reflexões que a abordem na literatura própria do campo científico geográfico²⁷. Deste modo, após a fundamental contribuição dos aspectos empíricos para a compreensão do espaço acadêmico, anteriormente trabalhados através da análise da vivência cotidiana do grupo de cientistas, as reflexões desenvolvidas nesta seção visam uma definição teórico-conceitual através do prisma geográfico deste tipo específico de espaço da produção científica.

²⁷ Em levantamento realizado no banco de dados organizado pelo Grupo de Estudos Territoriais (GETE), a partir de periódicos *on-line* da área geográfica, foi verificado que tema transversal “Universidade” foi observado em apenas 7 (sete) destes - “Curso De Pós-Graduação Em Geografia: Produtividade e Perspectivas” – SPOSITO - UNESP; “A Pós-Graduação e a Avaliação” - SPOSITO, M. E. B. - UNESP; “Na encruzilhada da crise global: velhos caminhos e novas trilhas para a Geografia no Brasil ao início do século XXI” - MONTEIRO, C. A. de F. - USP; “A universidade e os professores: perspectivas para uma formação humana” - MOURA, J. D. P. - UNESP; “Orientação científica dos métodos de pesquisa geográfica” - RUELLAN, F. - UFRJ; “O trabalho de campo nas pesquisas originais de Geografia Regional” - RUELLAN, F. - UFRJ; “Dez anos de Ensino Superior de Geografia” - AZEVEDO, A. de. - USP. Os termos “espaço acadêmico” e “produtividade científica” não geraram nenhum resultado.

No primeiro capítulo deste trabalho nos balizamos, dentre outras referências, no conceito de campo desenvolvido por Bourdieu (2004) para o desenvolvimento de reflexões sobre o espaço acadêmico. A proposição do referido autor de que em dadas conjunturas, sejam elas científicas, políticas ou culturais, existem agentes concretos(as) que utilizam de estratégias, de negociações ou até mesmo de prestígio para a permanência e ascensão nestes contextos é uma interessante possibilidade compreensiva em relação às espacialidades instituintes da produção científica.

Tal perspectiva conceitual considera tanto o interesse e a possibilidade de ação dos(as) integrantes do campo, quanto a configuração estrutural decorrente dos princípios acordados, do papel das entidades e das posições destes(as) mesmos(as) integrantes. Deste modo, o viés determinista e causal da relação texto-contexto é ampliado para uma concepção relacional complexa que comporta distintas variáveis e possibilidades de entendimento de um fenômeno. O campo científico, nosso principal enfoque, é entendido como

um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças [...] o que comanda os pontos de vista, o que comanda as intervenções científicas, os lugares de publicação, os temas que escolhemos, os objetos pelos quais nos interessamos etc. é a estrutura das relações objetivas entre os diferentes agentes que são [...] os princípios do campo [...] É a estrutura das relações objetivas entre os agentes que determina o que eles podem ou não podem fazer. Ou, mais precisamente, é a posição que eles ocupam nessa estrutura que determina ou orienta, pelo menos negativamente, suas tomadas de posição (BOURDIEU, 2004, p. 22-24).

Assim, a compreensão do que diz ou faz, ou, especificamente do que pesquisa e publica, um(a) agente engajado no meio acadêmico se relaciona fundamentalmente com sua posição ocupada neste campo, com o aspecto relativo a saber 'de onde ele[a] fala' (BOURDIEU, 2004, p. 24). Por exemplo, Foucault (2001) ao realizar reflexões sobre o que é, de fato, um autor, salienta que antes mesmo da institucionalização do conhecimento científico moderno, na Idade Média, os escritos relacionados a assuntos como cosmologia, ciências naturais, medicina ou geografia somente eram aceitos, tidos enquanto tendo valor de verdade, se fossem marcados pelo nome do seu autor: "‘Hipócrates disse’. ‘Tlinto conta’ não eram precisamente as fórmulas de um argumento de autoridade; eram os índices com que estavam

marcados os discursos destinados a serem aceitos como provados” (FOUCAULT, 2001, p. 275).

Apesar de, na atualidade, a questão da autoria ser mais valorizada no campo literário, o reconhecimento da autoria no meio científico além de repousar em aspectos de coerência dos enunciados, ainda se vincula ao prestígio e a tradição de quem escreve. Em outras palavras, diz respeito ao capital científico do(a) pesquisador(a), definido por Bourdieu (2004) como sendo: “uma espécie particular do capital simbólico (o qual, sabe-se, é sempre fundado sobre atos de conhecimento e reconhecimento) que consiste no reconhecimento (ou no crédito) atribuído pelo conjunto de pares-concorrentes no interior do campo científico” (p. 26). O autor especifica dois tipos de capital científico, um de caráter mais político, com poder de tomadas de decisão em cargos; e outro de um capital científico ‘puro’, de notoriedade intelectual. A partir de Hay (2007) elencamos algumas situações destas especificidades:

- Capital de poder universitário-político: instituições em que atua e/ou atuou; carreira estabelecida na universidade; ocupação de postos em chefias, coordenações, direções, pró-reitorias, reitoria; membro de comissões administrativas e de comissões científicas; cargos na CAPES, no Ministério da Educação ou CNPq;
- Capital de poder científico-intelectual: participação em grupos de pesquisa; assessoria a CAPES e fundações de pesquisa estaduais; consultoria ao CNPq; prêmios de mérito científico; consultor científico no exterior; professor no exterior; conselho de revistas científicas;

A inserção em diferentes instituições seja para a formação intelectual ou para a atuação profissional, bem como os ambientes de produção ou circulação de pesquisas, serão, assim, constituintes das disposições e dos princípios de percepção e apreciação das atividades acadêmicos dos(as) agentes no campo, pois, ainda segundo Hay (2007):

As preferências acadêmicas são formadas socialmente ao longo da trajetória de formação acadêmica e profissional, bem como no envolvimento com diversos ambientes sociais que constituem a vida acadêmica [...] Tais preferências se materializam no produto da atividade acadêmica – obras, *papers*, formação de grupos de pesquisa, participação em associações de pesquisa, etc. (HAY, 2007, p. 102).

Igualmente, mudanças no sistema de ensino e fomento para a pesquisa implicam diretamente nestas diferentes disposições no espaço acadêmico, devido a forte influência do campo político neste contexto em função, sobretudo, do custo econômico da atividade científica (BOURDIEU, 2004). Segundo Castro (2010), em instituições, como o meio governamental-administrativo, por exemplo, são definidos espaços políticos que incluem diferentes acepções: “o ‘*espaço normado*’, aquele definido por regras e normas baseadas em princípios jurídicos, com campo de ação delimitado pelo direito; o “*espaço funcional*” da burocracia e dos despachos administrativos” (p. 127-128). Estas características engendram ações de força, persuasão, resistência e também aliança, possibilitando a ocorrência de mudanças em dadas organizações por pressões governamentais pela via jurídica, por exemplo. Situação esta, que é comum em entidades que atuam no mesmo campo e que estabelecem relações de dependência assimétrica, como ocorre nas universidades públicas no Paraná (TATTO, 2005).

No âmbito científico brasileiro foi significativa a Reforma Universitária de 1968, que modificou a estrutura acadêmica, pautada anteriormente num viés de uma formação mais geral e no regime de cátedras, ao estabelecer a criação de departamentos universitários e incentivar os cursos de pós-graduação com vistas à especialização e profissionalização no sistema formativo. Desta feita, as disposições para a investigação foram alteradas com a centralidade do perfil do(a) cientista profissional em contraponto ao do *métier* intelectual, de caráter mais artesanal (HAY, 2007).

Enquanto um âmbito institucionalizado, o espaço acadêmico é legitimado pela intervenção ou chancela de dados sistemas de poder ligados ao Estado. Outros aspectos referentes à institucionalização são ainda: a) delimitação de objetos fundantes para a instituição, podendo ser expressos de modo simbólico através do comportamento dos(as) atores(as); b) definição de termos e posições de intercâmbio entre os diferentes indivíduos ou grupos participantes, cuja regulação é dada por costumes, estatutos ou contratos; c) instauração de esquemas de organização interna que visem garantir a manutenção de normas (TATTO, 2005). Em termos específicos, a meta institucional da ciência é considerada, de longa data, como a de ampliar os conhecimentos certificados, sendo embasada por um conjunto de quatro prescrições tanto morais quanto técnicas, conforme define Merton (1979):

Universalismo: as pretensões à verdade devem ser submetidas a critérios impessoais preestabelecidos; [...] *Comunismo*: as descobertas substantivas da ciência são produto da colaboração social e estão destinados à comunidade; [...] *Desinteresse*: ao cientista tem sido atribuída a paixão de saber [...] um interesse altruísta em benefício da humanidade [contudo] [...] é antes um padrão típico de controle institucional de uma ampla margem de motivações o que caracteriza o comportamento dos cientistas; [...] *Ceticismo organizado*: suspensão do julgamento, até que 'os fatos estejam à mão' [...] a ciência, que coloca questões de fato, incluídas as potencialidades, concernentes a todos os aspectos da natureza e da sociedade, pode entrar em conflito com outras atitudes em relação a esses mesmos dados que foram cristalizados e, amiúde, ritualizados por outras instituições (MERTON, 1979, p. 41-51, grifo nosso).

Entretanto, estes imperativos institucionais são de difícil aplicação, pois, o exercício de pesquisa não ocorre jamais de modo totalmente isolado e autônomo em relação a outras organizações. Bourdieu (2004) ressalta que o âmbito de pesquisa é caracterizado por tensionamentos de diferentes princípios, com especificidades espaciais e temporais, resultando em uma ambiguidade estrutural na qual os conflitos intelectuais o são, também, sob algum aspecto, conflitos de poder. Por conseguinte, “toda estratégia de um erudito comporta, ao mesmo tempo, uma dimensão política (específica) e uma dimensão científica, e a explicação deve sempre levar em conta, simultaneamente, esses dois aspectos” (BOURDIEU, 2004, p. 40).

Esta ambiguidade no meio científico também ocorre em relação ao aspecto que efetivamente transforma um dado corpo organizado em uma instituição: o valor. Processo este que significa uma organização deixar de representar apenas um tipo de instrumento e passar a ser identificada enquanto fonte de referência de gratificação pessoal e de integridade de um determinado grupo social (TATTO, 2005). Neste caso, a comunidade científica não pode ser definida unicamente como um grupo capacitado para manejar certo tipo de conhecimento, visto que, justamente, por ter este acesso privilegiado ao saber será solicitada pela sociedade a dar pareceres e resoluções. Assim, este estatuto específico de uma comunidade científica é formado por reconhecimentos de autoridade tanto internos (técnica) quanto externos (social) (FOUREZ, 1995). A autoridade, neste sentido, é inerente ao exercício de poder em espaços institucionais, uma vez que “repousa no consentimento, na adesão de vontades pelo reconhecimento de uma superioridade de ordem moral, intelectual, de competência, de coragem, da experiência, ou seja,

de valores ou de funções que aqueles que detêm a autoridade representam” (CASTRO, 2010, p. 103).

Contudo, o poder, neste caso, não é algo substantivo ou que seja propriedade de um indivíduo, tal como ressaltou Arendt (1970). Ele pertence temporariamente a um grupo que permaneça unido e desde que o seja investido por determinado número de pessoas para atuar em nome destas. O poder é, na realidade, relacional e incorpora a capacidade de agir, direta ou indiretamente, sobre a esfera da ação humana, seja por sanções ou concessões em relação às pessoas, objetos ou vontades. Por estar circunscrito ao campo das vontades e também incluso no universo dos valores sociais, de tudo o que é socialmente aceito e valorizado, não é possível pensar o poder de modo externo em relação aos marcos estabelecido pelos contextos temporais e espaciais da sociedade (ARENDT, 1970; FOUCAULT, 1995; CASTRO, 2010).

Por serem fundamentalmente relações sociais, as relações de poder só seriam distinguíveis do espaço geográfico se o mesmo fosse redutível à materialidade. Caracterizado enquanto uma relação social diretamente espacializada por Souza (2015), o território é comparado com a mesma expressão utilizada por Bourdieu (2004) para descrever o campo científico: um ‘campo de força’.

A comparação de um território com um ‘campo de força’ aparece, então, como uma analogia bastante razoável: ao mesmo tempo que o território corresponde a uma faceta do espaço social [...] ele é, em *si mesmo*, intangível, assim como o próprio poder o é, por ser uma relação social (ou melhor, uma das dimensões das relações sociais). Se o poder é uma das dimensões das relações sociais, o território é a expressão espacial disso: *uma relação social tornada espaço* (SOUZA, 2015, p. 97-98, grifo do autor).

Neste seguimento, compreende-se que o espaço da produção científica é instituído a partir um forte componente territorial. Apesar da importância das normas e dos aparelhos que regulam este âmbito institucionalizado, Foucault (1995) os considera elementos meramente reprodutores e uma simples expressão do poder pelo poder. O autor entende que se deve analisar as instituições a partir das relações de poder, e não o contrário, a partir de alguns pontos: a) os sistemas de diferenciações que possibilitam agir sobre a ação de outros jurídica, econômica ou profissionalmente; b) os tipos de objetivos perseguidos - o exercício de uma função, privilégios; c) as modalidades instrumentais - efeitos do discurso, sistemas de vigilância; d) as formas de institucionalização - seja por estruturas tradicionais e

jurídicas, ou mesmo por fenômenos de hábito ou de moda; e) os graus de racionalização, pois, “o exercício do poder não é um fato bruto, um dado institucional, nem uma estrutura que se mantém ou se quebra: ele se elabora, se transforma, se organiza, se dota de procedimentos mais ou menos ajustados” (FOUCAULT, 1995, p. 247).

Tal perspectiva de análise é consonante com a proposição de Claval (2014) do que seria a importância recente dos estudos geográficos:

A geografia não pretende mais ter a missão de dar conta de uma realidade objetiva, a do mundo: tem primeiramente por objetivos desvendar as motivações escondidas da investigação, revelar as verdadeiras finalidades e mostrar quem ela beneficia e quem ela prejudica [...] O geógrafo não se satisfaz mais em descrever o mundo: apreende o jogo dos poderes que se depreendem, e maneira como se desenham seus contornos (CLAVAl, 2014, p. 308-309).

Latour e Wolgaar (1997) ao mencionarem a importância das relações estabelecidas a partir dos laboratórios de pesquisa na construção dos enunciados científicos, também nos colocam a pertinência dos atributos espaciais na composição da produção científica. Do qual discutiremos mais alguns pontos a partir do conceito de *heterotopia*, problematizado por Foucault (2001) para tratar de espaços que tenham características outras, simultaneamente míticas e reais, em relação ao espaço que julgamos viver.

A primeira destas características heterotópicas que instituem o espaço acadêmico é a capacidade de justapor em um só lugar vários espaços e posicionamentos, mesmo que virtuais e efêmeros. Em tempos de vivência em um meio cada vez mais técnico-científico-informacional (SANTOS, 2006) são frequentes videoconferências, trocas de e-mail e inúmeras outras transações de ideias entre pesquisadores através da *Web*, conectando espacialidades distintas e distantes por meio de janelas digitais. Há que se considerar também que estas articulações humanas são estabelecidas a partir da coexistência-simultaneidade espacial de múltiplos interesses e trajetórias pessoais (MASSEY, 2008).

Outro elemento heterotópico refere-se às frequentes ligações com recortes temporais específicos presentes no âmbito de pesquisa. Seja o prazo estabelecido para a entrega de um artigo, relatório, parecer, monografia e afins; ou no tocante ao próprio diálogo estabelecido para a confecção destes trabalhos que necessariamente depende do acesso a outras obras, as quais contêm em si,

intrinsecamente, o acúmulo de tempo dispendido nesta tarefa por intelectuais de outras épocas. Tal como as acomodações físicas de pesquisa conservam elementos construídos em outras temporalidades, intenções e possibilidades técnicas, resultando também em um acúmulo temporal sob forma de rugosidades espaciais (SANTOS, 2006).

As espacialidades heterotópicas também criariam uma espécie de ilusão que coloca como tão ou mais ilusório e supersticioso qualquer outro espaço real; ou acabam por criar um outro espaço, aparentemente perfeito, organizado e expresso sob normativas, modelos explicativos. Neste sentido, para Bourdieu (2004) esta pretensa ilusão permearia significativamente o contexto acadêmico, pois nele se “[...] produz essa forma particular de *illusio* que é o interesse científico, ou seja, um interesse que com relação às formas de interesse correntes na existência cotidiana aparece como desinteressada, gratuita” (BOURDIEU, 2004, p. 31). De um modo mais sutil, haveria um interesse pelo desinteresse, algo conveniente em todas as economias de bens simbólicos e economias antieconômicas, no qual é o desinteresse que ‘compensa’. Contudo, esta visão hagiográfica da ciência é falsa diante de situações como plágios, querelas de prioridades e roubos de ideias e demais práticas tão antigas quanto o próprio conhecimento científico (BOURDIEU, 2004).

Por fim, as heterotopias também são caracterizadas pela suposição de um duplo sistema de abertura e fechamento, o qual simultaneamente gera isolamento e interação. Apesar do amplo alcance e renome global de instituições de pesquisa de alta tecnologia como Massachusetts Institute of Technology (MIT) e California Institute of Technology (Caltech), paradoxalmente estes são lugares de produção do conhecimento que prezam por certo isolamento e segregação social, conforme argumenta Massey (2008):

É a recapitulação de uma velha estória da história ocidental: a reclusão espacial do deserto para os primeiros pensadores cristãos, o surgimento de mosteiros como lugares de elite da produção do conhecimento, as universidades medievais. Todos eles lugares que cristalizaram, através da espacialização, uma separação entre mente e corpo. Uma noção de ciência como afastamento do mundo [...] A ‘masculinidade’ dos tecnopolos do mundo hoje, não é nem um produto e nem pode ser medido pelo fato da esmagadora dominância, nele, de empregados homens. É um resultado de uma história mais longa e mais profunda da construção do gênero que, ela própria, foi/é incluída espacialmente na construção de ‘lugares do conhecimento’ defensivos, especializados (MASSEY, 2008, p. 207-208).

Enquanto expressão territorial das relações de gênero, este segregacionismo no espaço acadêmico evidencia as implicações existentes entre esta dimensão da sociedade e os atributos geográficos. O gênero, enquanto uma categoria analítica, relacional e produzida nas e pelas relações de poder (SCOTT, 1995, LOURO, 1997) institui distintas espacialidades se considerarmos que estas últimas são entendidas como “os modos em que as móveis constelações de poder/saber e posições de sujeitos são constituídos através da produção e performance do espaço como um ‘ordenar’ ao invés de uma ‘ordem fixa’ e fechada” (THRIFT, 2007, p. 55 *apud*. GREGORY *et al*, 2009, p. 717).

Esta motilidade da ação humana resulta no fato do poder não ser exercido de modo contínuo nem uniforme sobre o espaço, tampouco seguir um modelo binário do tipo tem/não tem, manda/não manda, conforme ressalta Castro (2010) a partir de Agnew (1999). Assim, para a autora, a espacialidade é um aspecto fundamental para a compreensão dos efeitos que o poder pode ter, no qual o jogo de mudanças entre as diversas escalas deve sempre ser considerado. No espaço acadêmico este jogo escalar é intenso, do qual discutiremos na sequência algumas destas dimensões através da reflexão estabelecida por Smith (2000):

- *Casa*: lugar da reprodução pessoal e familiar e no qual são praticados atos rotineiros básicos: alimentação, sexo, cuidado de filhos e afazeres domésticos. Características essas que fazem com que o lar seja considerado *locus* de atividade feminina em muitas culturas, dada à divisão sexual de trabalho que determinava às mulheres o labor caseiro e aos homens o emprego no âmbito público necessário para o sustento da família. Mesmo com mudanças recentes neste quadro, inclusive com as mulheres ocupando vagas em setores outrora masculinizados, significativa parcela dos afazeres na casa ainda lhes cabe, conforme discutimos anteriormente nesta dissertação. Em atividades como a docência e a pesquisa não é raro que se realizem tarefas adicionais às feitas no ambiente institucionalizado de trabalho. Nestes casos, o lar também se torna um espaço de atividades produtivas, como a redação de textos científicos. Deste modo, por esta sobreposição laboral, as pessoas participantes desta conjuntura se encontram sujeitas a tensionamentos e conflitos de diferentes necessidades e interesses;

- *Comunidade*: tido como ambiente de reprodução social, incorpora diversas instituições sociais, culturais, educacionais, religiosas e recreativas. Diz respeito à vivência próxima e cotidiana que acontece no bairro ou mesmo na própria casa, e que também corresponde ao contexto profissional, pois é caracterizada por intenções e disposições comuns entre os sujeitos. O gerenciamento do uso do tempo em todas estas situações pelos sujeitos produtores do saber científico, os litígios e alianças em uma comunidade científica são, neste sentido, aspectos importantes na instituição do espaço acadêmico;
- *Espaço urbano*: representa a esfera diária do mercado de trabalho e a circulação de pessoas, bens e serviços pela cidade. A localização das instalações físicas das universidades, dos laboratórios e outros espaços de pesquisa reflete a disponibilidade e a negociação de diferentes agentes sobre o solo urbano, bem como também impacta o uso do tempo referente ao deslocamento cíclico dos(as) que trabalham nestes ambientes;
- *Região/Nação*: Smith (2000) delimitou diferentemente a dimensão escalar da região e da nação, por entender que a primeira é caracterizada por aspectos majoritariamente econômicos e a segunda entendida por um viés de construção da política. A opção de elencá-las juntas se dá em função do recorte analítico desta pesquisa, compreender instituições de pesquisa cuja abrangência e estruturação jurídico-financeira ocorrem, em sua maioria, em termos regionais, mas que também são espaços subordinados a decisões políticas de entidades nacionais.

Verifica-se que nas primeiras escalas a experiência corriqueira dos sujeitos conforma situações importantes para o entendimento do espaço acadêmico. Apesar da tradicional associação do tempo à experiência, Massey (2008) entende que esta não é apenas “uma sucessão internalizada de sensações (pura temporalidade), mas uma multiplicidade de coisas e relações, então sua *espacialidade* é tão significativa quanto sua dimensão temporal” (p. 93). Desta forma, a ação dos sujeitos é sempre pautada por este movimento duplo entre tempo e espaço, que para a autora, possibilita a multiplicidade e a abertura da realidade para a necessidade de se considerar o *aqui-e-agora*. Tal perspectiva concorre, consequentemente, para o âmbito jurídico e político, mais expressivo na última escala, a regional/nacional.

Fourez (1995) ressalta que o conhecimento engendra o poder e a possibilidade de decisão pautada pela política e/ou pela ética. Nestes termos, quando se fala em política científica estão presentes dois sentidos: “a) política *para* as ciências (ponto de vista dos cientistas e subsídios); b) política *pelas* ciências (ponto de vista dos políticos e tecnocracia)” (FOUREZ, 1995, p. 223). Torna mais complexa tal conjuntura acadêmica as demandas das diferentes grades de interesse e de leitura da sociedade, como o são, por exemplo, a econômica, a feminista e a ecologista, pois distintas diretrizes morais e jurídicas são adotadas por cada uma.

De um modo geral, as ideologias de justiça variam na medida em que distribuem o primado da liberdade e o da igualdade. A justiça procedural visa à igualdade de procedimentos para toda a camada social, entretanto, por desconsiderar as especificidades de cada segmento tende a favorecer os que dispõem de mais recursos. Ao passo que a justiça designada substancial é baseada em promover uma ‘ordem de mundo’, na qual seria ‘bom viver’ em decorrência do equilíbrio de possibilidades entre os(as) diferentes agentes. Opondo-se muitas vezes à justiça procedural por buscar a igualdade também nos resultados, a justiça distributiva objetiva eliminar as desigualdades no seio da sociedade (FOUREZ, 1995).

Outra perspectiva jurídica que congrega alguns dos princípios da justiça distributiva é a da justiça social. Miller (1998) propõe quatro assunções necessárias para uma teoria sobre esta diretriz: uma comunidade/categoria suficientemente vasta de pessoas com interesses a serem atendidos por ela; uma estrutura institucional com efeitos cognoscíveis sobre a distribuição social; um organismo capaz de alterar tal estrutura nos sentidos pretendidos; e a real possibilidade de se chegar a um consenso político sobre os requisitos da justiça. Contudo, o autor expõe o caráter controverso de tais proposições no âmbito social:

Encontramos, por exemplo, uma concordância generalizada entre ricos e pobres, homens e mulheres, acerca do princípio de que os empregos e os cargos deviam ser atribuídos na base do mérito, mas uma discordância significativa sobre até que ponto os empregos e os cargos são efetivamente atribuídos segundo critérios meritocráticos, sendo que os grupos dos menos favorecidos estão mais inclinados a achar que a sua sociedade funciona de maneira injusta (MILLER, 1998, p. 336).

Pelo protagonismo conferido ao Estado em questões de justiça social (MILLER, 1998), as instituições de pesquisa não estão isentas desta problemática,

em função de seu duplo vínculo de estruturação com a esfera estatal e da necessária apreciação da produção científica pela sociedade. Neste sentido, o espaço acadêmico deve ser entendido enquanto relacional, sempre em transformação e instituído por relações de poder específicas envolvendo disputas entre sujeitos na conquista de objetos materiais (infraestrutura institucional, tecnológica e financeira) e simbólicos (reconhecimento, legitimação de teorias e tradição epistemológica). Estas relações acontecem a partir de um jogo escalar intenso e de negociações que são inerentemente políticas, nunca acabadas e que levam em conta o *aqui-e-agora* (MASSEY, 2008). Contudo, embora o espaço acadêmico seja articulado com relações sociais variadas e entre sujeitos de condições e vantagens distintas, este é conformado através de regras específicas e próprias de uma cultura acadêmica (BOURDIEU, 2004; FOUREZ, 1995).

Desta feita, tendo em conta os elementos anteriormente discutidos a partir das vivências dos(as) docentes em programas de pós-graduação em Geografia no estado do Paraná, diversos fatores ressaltam estas relações. Como se verificou nas disparidades nos 'lugares' que cada aspecto da produção científica e das relações familiares ocupa entre sujeitos que se encontram submetidos às mesmas exigências intelectuais e parâmetros de estruturação jurídico-econômica. O gênero é um elemento invisibilizado para alguns, mesmo pelas mulheres que sentem angústias, sobretrabalho e sofrimento. Inexistente para outros, como é o caso dos homens. O espaço acadêmico continua a ser percebido como fora da sociedade da qual faz parte, como espaço em que há conhecimento e que isso torna as pessoas com iguais oportunidades, sendo extremamente difícil o incremento de discussões sobre igualdade e justiça social neste âmbito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como fio condutor a compreensão do gênero enquanto componente da produção científica geográfica entre docentes nos espaços acadêmicos de IES públicas paranaenses. O processo de pesquisa evidenciou como as diferentes implicações decorrentes do conceito de gênero se encontram amplamente correlacionadas com o âmbito da produção intelectual e da vivência cotidiana acadêmica.

Considerada desde seus primórdios, a ciência moderna revela características explicitamente androcêntricas, a tomar como exemplo o sistemático e intenso afastamento das mulheres das ações mais valorizadas deste saber e instituição de sujeitos cognoscíveis universais a partir do cânone clássico pautado no homem branco, europeu e abastado. A herança decorrente desta tradição ainda é expressiva nos âmbitos universitários contemporâneos, onde mesmo com o recente e significativo aumento do acesso das mulheres em tais espaços, são comuns tensionamentos e restrições em função de relações generificadas.

Nesta pesquisa o enfoque ocorreu em relação ao gênero no espaço acadêmico, onde primeiramente se buscou estabelecer o perfil de produção científica entre homens e mulheres no campo da Geografia no Paraná. Com o estabelecimento de um panorama da produção científica paranaense, e nacional, foi evidenciada a discrepância de representatividade entre os universos masculino e feminino nestes ambientes, com as mulheres correspondendo à apenas 41,23% da autoria nos 1483 artigos analisados. O predomínio masculino é ainda mais acentuado se considerados os estratos melhores qualificados com uma diferença de representatividade de 69,50% no A1 e 27,94% no A2. Este fenômeno se vincula fundamentalmente à menor participação das mulheres nos cargos de docência nos programas de pós-graduação (39,84%), dificultosas condições de acesso às redes de decisão científica (45,40% de participação nos 10 conselhos editoriais no estado), bem como às resistências epistemológicas de longa data na veiculação desta ciência (apenas 6% de autoria nas obras de referência no ensino nos sete cursos da pós-graduação em Geografia no Paraná).

Na sequência, com o intento de compreender como o exercício dos papéis masculinos e femininos implicava na organização temporal na produção científica, a análise dos dados revelou disparidades no gerenciamento e na utilização do tempo

entre homens e mulheres no transcurso de uma semana hipotética, com as docentes mães tendo dificuldades na conciliação das atividades acadêmicas e familiares em decorrência do peso de funções de reprodução familiar em suas rotinas: são 3,75 vezes mais horas utilizadas durante os dias letivos e 42,8% adicionais nos fins de semana em comparação ao mesmo labor desempenhado pelos homens. Do mesmo modo foi verificado que o tempo médio gasto pelo universo feminino com atividades produtivas docentes em dias letivos e fins de semana foi, respectivamente, 7% e 60%, maior que o gasto pelos homens nas mesmas atividades.

Por fim, visando o entendimento de como as espacialidades implicam e articulam as relações entre gênero e o processo de produção científica, a topologia das redes semânticas oriundas dos relatos dos cientistas homens evidenciou que estes, em sua maioria, compreendem o espaço da produção científica enquanto um ambiente equânime para mulheres e homens em termos de oportunidades e de realização de pesquisas. Apesar de reconhecerem a existência de relações de poder e de certo ranço androcêntrico nestas instituições, as discriminações e possíveis implicações do gênero na produção científica foram descritas como escassas e associadas com problemas no casamento e características tidas como essencialmente femininas, a citar a maior assiduidade e responsabilidade.

No tocante ao gerenciamento da profissão e das demandas familiares, mesmo com a maioria dos docentes homens com perfis pessoais parecidos, pais casados, estes registraram situações bem diversas: entre a difícil conciliação temporal-espacial, a separação entre estas esferas e a compreensão e o apoio da esposa e dos filhos. Ao passo que os grafos relativos aos discursos das docentes mulheres explicitaram tensionamentos entre as espacialidades da pesquisa e das relações familiares. O sobretrabalho em casa e a conseguinte falta de tempo para as constantes atividades acadêmicas foram fatores determinantes para a dificuldade e os conflitos em conciliar tais afazeres na vivência cotidiana espacial, sobretudo para as casadas e com filhos.

Contudo, de modo paradoxal, foi negada pelas mulheres entrevistadas a interferência do gênero no espaço acadêmico. Este foi descrito numa tendência discursiva de igualdade de acesso e de respeito para elas, mesmo com a consideração da presença masculina na hierarquia universitária e da ocorrência de

discriminações que, em função de traços de personalidade incomuns, não a atingiriam. Assim, o gênero no contexto da produção científica é invisibilizado. Mesmo com as evidências da instituição do espaço acadêmico a partir de relações de poder generificadas em um jogo de escalas com regras específicas, a compreensão dicotômica do espaço acadêmico o coloca enquanto isolado e ‘não tendo nada a ver’ com o espaço doméstico.

Urge, portanto, a necessidade de desconstruir esta visão dicotômica entre o espaço acadêmico (público) e o espaço doméstico (particular) através de novas concepções teórico-metodológicas no campo geográfico que promovam a visibilidade das relações de gênero hierarquizadas nesta conjuntura. O não reconhecimento de tais relações por parte de homens e mulheres, mesmo com estas últimas sentindo as implicações mais críticas, fortalece sobremaneira a manutenção desta perspectiva que considera a universidade sobreposta à sociedade, pois, conforme salienta Bourdieu (2002) o poder é mais forte e contundente quando ele não é reconhecido como poder. A controversa naturalização das práticas acadêmicas enquanto neutras do ponto de vista do gênero e das atividades domésticas e de cuidado como essencialmente femininas consiste em um forte entrave para a implementação de ações que valorizem as mulheres na ciência e suscitem a multiplicidade epistemológica. A imaginação geográfica convencional não basta para o enfrentamento dos desafios contemporâneos do espaço.

Certa vez, uma notável mulher e geógrafa propôs criativa e engajadamente: “O que aconteceria se tentássemos nos desvencilhar de tais compreensões, entretanto quase intuitivas?” (MASSEY, 2008, p. 28).

REFERÊNCIAS

- ABOIM, Sofia. Do público e do privado: uma perspectiva de gênero sobre uma dicotomia moderna. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 95-117, 2012.
- ANDRÉ, Isabel Margarida. O gênero em Geografia. Introdução de um novo tema. **Finisterra**, Lisboa, n. 25, p. 331-348, 1990.
- ARENDT, Hanna. **Da violência**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- _____. **A condição humana**. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- ARENSBERGEN, Pleun van; WEIJDEN, Inge van der; BESSELAAR, Peter van den. Gender differences in scientific productivity: a persisting phenomenon? **Scientometrics**, Amsterdam, v. 93, n. 3, p. 857-868, 2012.
- AQUINO, Estela Maria Mota Lima de. Gênero e Ciência no Brasil: contribuições para pensar a ação política na busca da equidade. In: BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Pensando gênero e ciência: Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisas**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006.
- BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- BASTOS, Virgílio. **Classificação de Periódicos no Qualis/Capes**. Disponível em: <http://www.biblioteca.ics.ufpa.br/arquivos/QUALIS-rev_26_11.pdf>. Acesso em 03/09/2014.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- _____. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.
- BUTLER, Judith. **El género en disputa: el feminismo y la subversión de la identidad**. Barcelona: Paidós, 2007.
- CARRASCO, Cristina. La sostenibilidad de la vida humana: ¿un asunto de mujeres? **Mientras Tanto**, Barcelona nº 82, 2001.
- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. O que é gênero? O que é educação? O que é ciência? In: MACHADO, Charliton José dos Santos. **Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares**. Campina Grande: EDUEPB, 2010.
- CASTRO, Iná Elias de. O Problema da Escala. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 117-140.

_____. O poder e o poder político como problemas. In: CASTRO, Iná Elias de. **Geografia e Política: territórios, escalas de ação e instituições**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, p. 95-137.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. In: LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 169-186.

CAVALCANTI, Lara Gama de Albuquerque; PAULO, Maira Andrade; HANY, Fatmato Ezzahrá Schabib. 2010. A Pesquisa Piloto de Uso do Tempo do IBGE 2009/2010. In: **Fazendo Gênero** 9, UFSC, 2010. Disponível em <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278295122_ARQUIVO_artigo_IBGEAPesquisaPilodeUsodoTempodoIBGE2009-2010.pdf>. Acesso em 05/09/2014.

CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira. **Gênero, poder e produção científica geográfica no Brasil de 1974 a 2013**. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2015, 138p.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. 2 ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

CLOKE, Paul; CRANG, Philip; GOODWIN, Mark (orgs). **Introducing Human Geographies**. Nova York: Routledge, 2014.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Portaria nº 13, de 01 de abril de 2002**. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Portaria_CAPES_013_2002.pdf>. Acesso em: 29/11/2016.

_____. **Portaria nº 10, de 16 de abril de 2003**. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Portaria_CAPES_010_2003.pdf>. Acesso em: 29/11/2016.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 2003.

_____. Espaço, Um Conceito-Chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 15 – 47.

COSTA, Maria Conceição da. Ainda somos poucas: Exclusão e invisibilidade na ciência. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.27, p. 445-459, 2006.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza. Se a CAPES somos nós, quem somos nós? A pós - graduação brasileira em busca de uma identidade. **Grupo de Geografia Urbana Crítica Radical (USP)**, São Paulo, s/n, p. 1-13, 2012.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Critérios adotados pela Comissão da área de Geografia na classificação dos periódicos (2013-2014)**, 2015. Disponível em:

<http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs_de_area/qualis/geografia.pdf>. Acesso em 14/07/2016.

_____. **Orientações para APCN**, 2016. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/documentos/Criterios_apcn_2016/Criterios_APCN_Geografia.pdf>. Acesso em 14/07/2016.

DAVIES, Karen. Responsibility and daily life: reflections over timespace. In: MAY, Jon; THRIFT, Nigel (Orgs.). **TimeSpace: geographies of temporality**. Nova York: Routledge, 2003.

DEDECCA, Claudio Salvadori. **Tempo, trabalho e gênero**. São Paulo, 2004.

DEMO, Pedro. **Ciências sociais e qualidade**. São Paulo: ALMED, 1985.

ESCOLAR, Marcelo. Problemas de legitimação científica na produção geográfica da realidade social. In: ESCOLAR, Marcelo. **Crítica do discurso geográfico**. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 09-47.

EUROPEAN COMMISSION. **Meta-analysis of gender and science research: synthesis report**. Luxemburg: Publications Office of the European Union, 2012.

FENSTER, Tovi. Identity Issues and Local Governance: Women's Everyday Life in the City. **Social Identities**, v. 11, n. 1, 2005, p. 21-36.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **Ditos e escritos**. Vol. III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

FOUREZ, Gérard. **A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado**. Disponível em: <<http://novo.fpabramo.org.br/sites/default/files/pesquisaintegra.pdf>> Acesso em: 12/08/2014.

GARCÍA, Marta González; SEDEÑO, Eulália Pérez. Ciencia, tecnología y género. **Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología, Sociedad y Innovación**, Madrid, n. 2, 2002.

GARCIA-RAMON, Maria Dolors. ¿Espacios asexuados o masculinidades y feminidades espaciales?: hacia una geografía del género. **SEMATA**, Santiago de Compostela, vol. 20, p. 25-51, 2008.

GARCIA-RAMON, Maria Dolors; ORTIZ, Anna e PUJOL, Herminia. Universidade e gênero na Espanha: trajetórias acadêmicas de docentes na geografia. In: SILVA,

Joseli Maria, ORNAT, Marcio Jose, CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. **Espaço, gênero e feminilidades ibero-americanas**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011. p. 43-63.

GOMES, Paulo César da Costa. **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GOULD, Stephen Jay. **A falsa medida do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GREGORY, Derek; JOHNSTON, Ron; PRATT, Geraldine; WATTS, Michael; WHATMORE, Sarah. **The dictionary of Human Geography**. Pondicherry: Wiley Blackwell, 5 ed. 2009.

HEY, Ana Paula. Bourdieu epistêmico-prático: o espaço de produção acadêmica em Educação Superior no Brasil. **Educação & Linguagem**, São Paulo, ano 10, nº 16, p. 86-105, 2007.

HIRATA, Helena; ZARIFIAN, Philippe. O Conceito de trabalho. In: MARLI, Emilio; TEIXEIRA, Marilane; NOBRE, Miriam; GODINHO, Tatau (Orgs.). **Trabalho de cidadania ativa para as mulheres**. Desafios para as Políticas Públicas. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003, p. 65-70.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE. **Pesquisa Piloto de Uso do Tempo 2009**: Primeiros Resultados. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/sipd/decimo_segundo_forum/uso_temp_o_2009.pdf>. Acesso em 13/03/2014.

ICHIKAWA, Elisa Yoshie; YAMAMOTO, Juliana Mônica; BONILHA, Maira Coelho. Ciência, Tecnologia e Gênero: desvelando o significado de ser mulher e cientista. In: **XXIII Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica**, 2004, Curitiba. Anais. São Paulo: Núcleo de Política e Gestão Tecnológica da Universidade de São Paulo (PGT/USP), 2004.

JACOB, Margaret. **The Cultural Meaning of the Scientific Revolution**. Philadelphia: Temple University Press, 1988.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: MARLI, Emilio; TEIXEIRA, Marilane; NOBRE, Miriam; GODINHO, Tatau. (Orgs.). **Trabalho de cidadania ativa para as mulheres**. Desafios para as Políticas Públicas. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003, p. 55-64.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório**: a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LUIZ, Ronir Raggio. Avaliação de produtividade acadêmica: Uma proposta de quantificação. **Revista Brasileira de Pós-Graduação - RBPG**, Brasília, n. 3, p. 300-312, 2006.

MACKENZIE Suzanne. Restructuring the Relations of Work and Life: Women as environmental actors, feminism as geographic analysis, **Gender, Place & Culture**, v. 6, n. 4, p. 417-430, 1999.

MANCIBO, Denise. Trabalho docente na educação superior brasileira: mercantilização das relações e heteronomia acadêmica. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 23, n. 2, 2010.

MARQUES, Fabrício. Os limites do índice-h: supervalorização do indicador que combina quantidade e qualidade da produção científica gera controvérsias. **Revista Pesquisa FAPESP**, São Paulo, nº 207, 2013.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política de espacialidade. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2008.

MEDEIROS, Jean Maicon Rickes; MARQUEZ, Allan Cancian; REIS, Nelson Aloysio; GONÇALVES, Bianca Bortolon. **Oficina Gephi**: Mapeando e analisando a vida das redes sociais. Disponível em: http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/1174182/mod_resource/content/1/Apostila%20Oficina%20Gephi.pdf. Acesso em 10/08/2016.

MERTON, Robert King. Os imperativos institucionais da Ciência. In: DEUS, Jorge Dias de (org.). **A crítica da Ciência**: Sociologia e ideologia da Ciência. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979, p. 37-52.

MIGNOLO, Walter Demétrio. Os esplendores e as misérias da ciência: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica. In: SANTOS, Boaventura de Souza (org). **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 667-710.

MILLER, David. Perspectivas de justiça social. **Análise Social**, Lisboa, v. 33, p. 323-339, 1998.

MONT'ALVÃO, Arnaldo; NEUBERT, Luiz Flávio; SOUZA, Marcio Ferreira. Espaço e tempo na teoria da estruturação. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, n. 35, p. 187-200, 2011.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 82 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Silvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, 2006.

OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 68-77, 2011.

ONU MULHERES. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br>>. Acesso em 05/08/2016.

ORNAT, Marcio Jose. Sobre espaço e gênero, sexualidade e geografia feminista. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2 p. 309-322, 2008.

PARA MULHERES NA CIÊNCIA. Disponível em: <<http://www.paramulheresnaciencia.com.br/>>. Acesso em 05/08/2016.

PIERRO, Bruno de. Territórios Femininos. **Revista Pesquisa FAPESP**, São Paulo, nº 212, 2013.

PINTO, Vagner André Moraes Pinto. **O gênero enquanto componente da produção científica no espaço acadêmico da UEPG**. Monografia – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2014, 62p.

PRZYBYSZ, Juliana. **Articulando os espaços público e privado**: transformações das espacialidades vividas por mulheres responsáveis pelo domicílio, após a dissolução conjugal na cidade de Ponta Grossa – Paraná. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2011, 184p.

PUJOL, Herminia; GARCIA-RAMON, Maria Dolors.; ORTIZ, A. El profesorado universitario de Geografía en España y sus trayectorias profesionales: una mirada de género. **Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles**, Madri, n. 59, p. 323-344, 2012.

REGO, Teresa Cristina. Produtivismo, pesquisa e comunicação científica: entre o veneno e o remédio. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 325-346, 2014.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio**: ou Da Educação. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SANT'ANNA NETO, João Lima. Balanço e perspectivas da pós-graduação em geografia no Brasil – considerações sobre a avaliação trienal de 2010/2012. **Revista da Anpege**, v. 10, n. 14, p. 7-25, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 46-71, 1988.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SAORIM, Roberto Natal Silva; GARCIA, Joana Coelho Ribeiro. O conhecimento na pós-graduação: desafio da avaliação. In: Renata Gonçalves Curty. (Org.). **Produção intelectual no ambiente acadêmico**. 1 ed. Londrina: UEL/CIN, 2010, v. 1, p. 46-67.

SCHIENBINGER, Londa. **O Feminismo Mudou a Ciência?** Bauru: EDUSC, 2001.

SCIELO EM PERSPECTIVA. **Estudo destaca os modelos de publicação em periódicos científicos do Brasil e Espanha.** Disponível em: <<http://blog.scielo.org/blog/2014/04/25/estudo-destaca-os-modelos-de-publicacao-em-periodicos-cientificos-do-brasil-e-espanha/#.VCtlEKZVLQo>>. Acesso em 12/09/2014.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA João Borzacchiello da; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. A Pós-Graduação Em Geografia No Brasil: Uma Contribuição À Política De Avaliação. **Revista da Anpege**, nº 2, p. 21-37, 2005.

SILVA, Edson Armando; SILVA, Joseli Maria Silva. Ofício, Engenho e Arte: Inspiração e Técnica na Análise de Dados Qualitativos. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 132 –154, 2016.

SILVA, Joseli Maria: **Geografias Subversivas**: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

SILVA, Joseli Maria.; CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira; PINTO, Vagner André Moraes. Gênero e Geografia brasileira: uma análise sobre o tensionamento de um campo de saber. **Revista da Anpege**, v. 11, n. 15, p. 185-200, 2015.

SILVA, Susana Maria Veleda da. Mulheres e trabalho: novos e velhos dilemas. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIM JÚNIOR, Alides Baptista. **Espaço, gênero e poder**: conectando fronteiras. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011, p. 149-170.

SMITH, Neil. Contornos de uma política espacializada: veículos dos sem-teto e produção de escala geográfica. In: ARANTES, Antonio (org). **O Espaço da Diferença**. Campinas: Papirus, 2000, p. 132-175.

SOKAL, Alan; BRICMONT, Jean. **Imposturas intelectuais**: o abuso da Ciência pelos filósofos pós-modernos. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SORJ, Bila; FONTES, Adriana; MACHADO, Danielle Carusi. Políticas e práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, 2007.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócioespacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

SUERTEGARAY. Dirce Maria Antunes. Rumos e Rumores da Pós-graduação e da Pesquisa em Geografia no Brasil. **Revista da Anpege**, v. 3, p. 17 - 31, 2007.

TARGINO, Maria das Graças. Produção Intelectual, Produção Científica, Produção Acadêmica: facetas de uma mesma moeda? In: CURTY, Renata Gonçalves. (Org.) **Produção Intelectual no Ambiente Acadêmico**. Londrina: UEL/CIN, 2010.

TATTO, Luiz. **Institucionalização, estrutura e comportamento das universidades públicas estaduais paranaenses**. 2005. 279f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. **Histórico do curso de pós-graduação em Geografia**. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/geografia/portal/pages/historico.php>>. Acesso em: 20/07/2016.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE. **Histórico**. Disponível em: <http://www2.unicentro.br/ppgg/historico/?doing_wp_cron=1470871021.0795319080352783203125>. Acesso em: 20/07/2016.

UNIVERSIDADE ESTADUAL OESTE DO PARANÁ. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/pos/geografia/>>. Acesso em: 20/07/2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Regimento Interno do Programa de Pós-Graduação em Geografia**. Disponível em: <http://www.geografia.ufpr.br/posgraduacao/documentos/REGIMENTO_versao_FINAL_colegiado_11_12_2012.pdf>. Acesso em 08/12/2016.

APÊNDICE A - Periódicos com dados coletados e seus percentuais de endogenia

	REVISTA (INSTITUIÇÃO)	QUALIS	ENDOGENIA
1	Revista Geográfica Acadêmica (UFRR)	B3	3,12
2	Geonorte (UFAM)	B4	4,84
3	Georaguaia (UFMT)	B4	5,86
4	Geograficidade (UFF)	B4	6,89
5	Revista Latino-americana de Geografia e Gênero (UEPG)	B2	7,55
6	Geoambiente (UFG)	B3	8,04
7	Geografia Econômica (UFSC)	B5	8,33
8	Caderno de Geografia (PUC-MG)	B2	9,3
9	Campo - Território - UFU	B1	9,58
10	Cidades (UNESP)	A2	9,92
11	Mercator (UFC)	A1	11,45
12	Ateliê Geográfico (UFG)	B1	11,74
13	EntreLugar (UFGD)	B4	12,5
14	Hygeia (UFU)	B1	13,88
15	Espaço e Cultura (UERJ)	B1	14,08
16	Acta Geográfica (UFRR)	B2	14,58
17	Sociedade & Natureza (UFU)	A2	15,2
18	Revista Nera (UNESP)	B1	15,23
19	Geosaberes (UFC)	B3	18,8
20	Revista de Geopolítica (UFRN)	B3	19,75
21	Revista Brasileira de Geografia Física (UFPE)	B2	19,77
22	Espaço Plural (UNIOESTE)	B3	20,63
23	Boletim Campineiro de Geografia (UNICAMP)	B3	21,61
24	Revista de Ensino de Geografia (UFU)	B3	22,36
25	Geografia (UNESP)	A2	23,81
26	Brazilian Geographical Journal (UFU)	B2	23,84
27	Geografia Ensino & Pesquisa (UFSM)	B2	24,51
28	Terrae Didactica (UNICAMP)	B3	25,59
29	Okara: Geografia em Debate (UFPB)	B3	25,91
30	Geotextos (UFBA)	B1	26,85
31	Caminhos de Geografia (UFU)	B1	26,96
32	Terr@ Plural – UEPG	B2	27,46
33	Estudos Geográficos (UNESP)	B2	28,57
34	Agrária (USP)	B2	29,5

35	Élisée (UEG)	B5	29,62
36	Geografares (UFES)	B2	30,6
37	ParaOnde!? (UFRGS)	B4	30,89
38	Espaço e Geografia (UnB)	B2	32,25
39	GEOSUL (UFSC)	A2	32,55
40	Boletim de Geografia (UEM)	B1	32,85
41	Abordagens Geográficas (PUC-RJ)	B3	33,33
42	GEO UERJ (UERJ)	B1	33,35
43	GEOgraphia (UFF)	A1	33,8
44	Geoiंगा (UEM)	B4	34,52
45	Geoamazônia (UFPA)	B5	34,84
46	Geografar (UFPR)	B2	36,04
47	GeoNordeste (UFS)	B3	36,6
48	Revista da Casa da Geografia de Sobral (UVA)	B3	36,66
49	Ra'e ga (UFPR)	A2	36,96
50	Geografia (UEL)	B2	37,33
51	Revista Tamoios (UERJ)	B3	37,41
52	Revista de Geografia (UFPE)	B2	38,17
53	Expressões Geográficas (UFSC)	B4	38,77
54	Climatologia e Estudos da Paisagem (UNESP)	B2	38,88
55	GEOUSP (USP)	A2	38,95
56	Boletim Goiano de Geografia (UFG)	A2	40,16
57	Observatorium (UFU)	B4	41,22
58	Perspectiva Geográfica (UNIOESTE)	B5	41,9
59	Faz Ciência (UNIOESTE)	B3	44,44
60	Revista Pegada UNESP	B2	46,15
61	Sociedade e Território (UFRN)	B3	46,51
62	Geografias (UFMG)	B2	49,61
63	Boletim Gaúcho de Geografia (UFRGS)	B1	52,34
64	Território (UFRJ)	B1	53,52
65	Revista Matogrossense (UFMT)	B4	55,55
66	Revista de Geografia (UFJF)	B4	56,69
67	Caderno Prudentino de Geografia (UNESP)	B1	58,56
68	Revista Eletrônica: Tempo - Técnica – Território (UnB)	B4	61,03
69	Revista do Departamento de Geografia (USP)	B1	61,8

70	Espaço em Revista (UFG)	B4	62,22
71	Geografia em Atos (UNESP)	B3	62,6
72	Geotemas (UERN)	B4	66,19
73	Revista Formação (UNESP)	B1	73,16
74	Cadernos do Logepa (UFPB)	B4	74,13
75	Geo-Paisagem (UFF)	B4	76,52
76	GEOPUC (PUC-RJ)	B4	79,68
77	Revista Brasileira de Geomorfologia	A1	--
78	Confins (Franco-Brasileira)	A2	--
79	Terra Livre (AGB – Campinas)	A2	--
80	Revista da ANPEGE	A2	--
81	Revista Brasileira de Climatologia	B1	--
82	Boletim Paulista de Geografia (AGB – São Paulo)	B1	--
83	Ciência Geográfica (AGB-Bauru)	B2	--
84	Geografia em Questão (AGB – Marechal Cândido Rondon)	B3	--
85	Revista Brasileira de Educação em Geografia	B3	--
86	GEOMAE (Fecilcam)	B4	--
87	Revista Eletrônica da AGB Três Lagoas	B4	--
88	Espaço@Ação (UNESP)	B5	--
89	Geografando (UFPEl)	B5	--
90	Geografia e Pesquisa (UNESP)	B5	--

**APÊNDICE B – Capturas de tela das consultas do índice-h dos(as)
pesquisadores(as) de Geografia em IES públicas paranaenses no período
1974-2013**

[Jornal da Cultura](#) | [10/05/2016](#) | [author:"Ideni Terezinha A..."](#) | [Nova guia](#)

[Web](#) [Imagens](#) [Mais...](#)

[vampmoraes@gmail.com](#)

[Google](#)

[Acadêmico](#)

21 resultados (0,03 s)

[Minhas citações](#)

Redo the above query as: [Quoted author name](#) [Word matching](#)

Co-authors clusters

[12] IT ANTONELLO
IT Antonello, ...

[3] IT ANTONELLO
AY ASARI, ...

[4] IT Antonello
JAF Diniz, ...

[2] IT Antonello
CH da Silva

▼ Hide the calculator

	Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
	none	35	3	5	3	1	6
	per co-authorship	24.7	2	4	3	1	3
	per age	3.3	0	0	0	0.2	0.2
	n3 ✕	0	0	0	0	1	1
	n4 ✕	0	0	0	0	1	1
	n5 ✕	0	0	0	0	1	1

New normalization

Impact indices (computed on displayed results only)

Data on video might not be enough for computing indices values.

[Disable the advanced interface](#)
[Reset selections](#)
[Set Preferences to have BibTeX data and 20 results by default](#)
[Help Page](#)
[Donate](#)

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento
Desde 2016
Desde 2015
Desde 2012
Período específico...
1974 — 2013

Pesquisar

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico..

1. ☒ Keep [+Invalid](#) [-Invalid](#) 0 [Invalid Citations](#) [+Auth](#) [-Auth](#) 1 [Authors](#) [Top](#)

citação) A metamorfose do trabalho ea mutação do campesinato
IT Antonello - 2001 - NPGeo-UFS
Citado por 13 Artigos relacionados Citar Salvar
Clean Citations

2. ☒ Keep [+Invalid](#) [-Invalid](#) 0 [Invalid Citations](#) [+Auth](#) [-Auth](#) 3 [Authors](#) [Top](#)

Google

author:"Rosely Sampaio Archela"

Acadêmico Aproximadamente 55 resultados (0,03 s)

Minhas citações

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [28] RS ARCHELA E ARCHELA, ...
- [3] RS Archela LHB Grato, ...

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2016

Desde 2015

Desde 2012

Período específico...

1974 — 2013

Pesquisar

Classificar por relevância

Hide the calculator

Impact indices (computed on displayed results only)

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	180	7	12	8	1	20
per co-authorship	114.4	6	9	6	0.7	10.7
per age	18.3	2	2	0	2.1	2.1
n3 ✕	0	0	0	0	1	1
n4 ✕	0	0	0	0	1	1
n5 ✕	0	0	0	0	1	1

New index

New normalization

Data on video might not be enough for computing indices values.
Want to add 20, 100 or all results?

Disable the advanced interface Reset selections Set Preferences to have Bibex data and 20 results by default Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

1. Keep Invalid Invalid 0 Invalid Citations +Auth -Auth 1 Authors Top [PDF] de uel.br

Imagem e representação gráfica
RS Archela - GEOGRAFIA (Londrina), 1999 - uel.br
Resumo O presente estudo procura enfocar a importância da imagem nas representações gráficas. Procura discutir a semiologia gráfica como um importante recurso para a

Google scholar search results for author: "Márcia Siqueira de Carvalho".

Acadêmico Aproximadamente 41 resultados (0,04 s)

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- LH Balan [18] AR dos Santos B..., ...
- [2] MS de Carvalho NAF Stipp
- [2] MS de Carvalho MS Ferreira
- [2] MS de Carvalho DB Martins

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2016

Desde 2015

Desde 2012

Período específico...

1974 — 2013

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	74	5	7	3	1	11
per co-authorship	50	4	5	2	1.5	8
per age	5.9	0	0	0	0.1	0.1
n3	0	0	0	0	1	1
n4	0	0	0	0	1	1
n5	0	0	0	0	1	1

Data on video might not be enough for computing indices values.

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico..

Perfis de usuário para author: "Márcia Siqueira de Carvalho"

Márcia Siqueira de Carvalho
Universidade Estadual de Londrina
E-mail confirmado em uel.br
Citado por 186

Google scholar search results for author: "João Edmilson Fabrini".

Acadêmico Aproximadamente 34 resultados (0,04 s)

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [13] A Bem JE FABRINI, ...
- [2] JE Fabrini ET Paulino
- [4] FRV Bscoli BJ Calixto, ...

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2016

Desde 2015

Desde 2012

Período específico...

1974 — 2013

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	254	9	15	11	4	15
per co-authorship	220	8	14	10	1.5	17.5
per age	24.8	2	3	1	0.1	3.5
n3	0	0	0	0	1	1
n4	0	0	0	0	1	1
n5	0	0	0	0	1	1

Data on video might not be enough for computing indices values.

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico..

1. Keep +Invalid -Invalid 0 Invalid Citations +Auth -Auth 1 Authors Top

[CITAÇÃO] A resistência camponesa nos assentamentos de sem-terra
JE Fabrini - 2003 - Edunioeste
Citado por 41 Artigos relacionados Citar Salvar

Jornal da Cultura | 10/5 X author:"Yoshiya Nakagawa" Nova guia

https://scholar.google.com.br/scholar?q=author%3A"Yoshiya+Nakagawara+Ferreira"&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&as_ylo=1974&as_yhi=2013

Web Imagens Mais... vampporais@gmail.com

Google author:"Yoshiya Nakagawara Ferreira"

Acadêmico Aproximadamente 25 resultados (0,03 s) Minhas citações

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- YN Ferreira
- [6] E Marandola Jr, ...
- [2] AY Asari
- YN Ferreira
- [3] FL Zanardi Coltro
- FLZ Coltro, ...
- [2] YN FERREIRA
- VF SOUZA
- [2] YN Ferreira
- EM Junior
- [3] PHM de Castro
- YN Ferreira, ...
- [2] YN Ferreira
- M Santana
- [2] DRF da Costa
- YN Ferreira
- [4] MJ de Almeida
- J Barreira, ...

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	46	3	6	5	1	4
per co-authorship	42	3	6	5	2.5	7.5
per age	2.5	1	1	0	2.1	2.1
n3	0	0	0	0	1	1
n4	0	0	0	0	1	1
n5	0	0	0	0	1	1

New normalization

Data on video might not be enough for computing indices values.

Disable the advanced interface Reset selections Set Preferences to have BibTeX data and 20 results by default Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico...

1. ☒ Keep ☐ Invalid ☐ Invalid 0 Invalid Citations ☐ +Auth ☐ -Auth 1 Authors [HTML] de scielo.br

[HTML] Metrópole sustentável?: não é uma questão urbana

YN Ferreira - São Paulo em Perspectiva, 2000 - SciELO Brasil

Resumo: As raízes culturais e o processo capitalista no mundo contemporâneo desenharam a atual configuração socioespacial. A degradação da qualidade ambiental exige novas posturas éticas, fundadas em uma ética do futuro. O atual quadro da ...

Pesquisar na Web e no Windows 21:31 10/05/2016

Jornal da Cultura | 10/5 X author:"Oscar Vicente Quinonez Fernandez" Nova guia

https://scholar.google.com.br/scholar?q=author%3A"Oscar+Vicente+Quinonez+Fernandez"&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&as_ylo=1974&as_yhi=2013

Web Imagens Mais... vampporais@gmail.com

Google author:"Oscar Vicente Quinonez Fernandez"

Acadêmico Aproximadamente 27 resultados (0,04 s) Minhas citações

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [21] MA Amtdt
- AL BINDA, ...
- [4] OVQ Fernandez
- VJ Fifaro, ...

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2016

Desde 2015

Desde 2012

Período específico...

1974 — 2013

Pesquisar

Classificar por relevância

Classificar por data

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	36	4	5	3	5	6
per co-authorship	27.3	3	4	3	2	3
per age	2.8	0	0	0	0.5	0.5
n3	0	0	0	0	1	1
n4	0	0	0	0	1	1
n5	0	0	0	0	1	1

New normalization

Data on video might not be enough for computing indices values.

Disable the advanced interface Reset selections Set Preferences to have BibTeX data and 20 results by default Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico...

Perfis de usuário para author:"Oscar Vicente Quinonez Fernandez"

Oscar Vicente Quinonez Fernandez

Professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná

E-mail confirmado em unioeste.br

Citado por 98

1. ☒ Keep ☐ Invalid ☐ Invalid 0 Invalid Citations ☐ +Auth ☐ -Auth 1 Authors

Pesquisar na Web e no Windows 21:20 10/05/2016

Google scholar search results for author: "Sergio Fajardo".

Acadêmico Aproximadamente 117 resultados (0,03 s) Minhas citações

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [23] TL Bastos AR Cisneros, ...
- [2] S Fajardo HJ Keisler
- [4] J Muzerolle WT Reach, ...
- CA Beichman
- [2] SB FajardoAcosta
- [3] DR Ardila SD Van Dyk, ...
- [4] DK Lynch S Mazuk, ...
- [3] D Leisawitz WM Liu, ...
- [2] JR Houck TL Roellig
- [2] S FajardoAcosta R Knacke

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	76	5	6	3	4	1
per co-authorship	69.5	4	6	4	1	2
per age	6.8	1	1	1	1.5	1.5
n3	0	0	0	0	1	1
n4	0	0	0	0	1	1
n5	0	0	0	0	1	1

New normalization

Data on video might not be enough for computing indices values. Want to add 20, 100 or all results?

Disable the advanced interface Reset selections Set Preferences to have BibTex data and 20 results by default Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Perfis de usuário para author: "Sergio Fajardo"

Sergio Fajardo
Universidade Estadual do Centro-Oeste
E-mail confirmado em unicentro.br
Citado por 61

Google scholar search results for author: "Edivaldo Lopes Thomaz".

Acadêmico Aproximadamente 55 resultados (0,04 s) Minhas citações

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [26] V Antoneli J Calux, ...

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2016

Desde 2015

Desde 2012

Período específico...

1974 — 2013

Pesquisar

Classificar por relevância

Classificar por data

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	171	6	11	7	1	15
per co-authorship	124.5	5	9	6	0.5	13
per age	22	2	2	1	1	0.4
n3	0	0	0	0	1	1
n4	0	0	0	0	1	1
n5	0	0	0	0	1	1

New normalization

Data on video might not be enough for computing indices values. Want to add 20, 100 or all results?

Disable the advanced interface Reset selections Set Preferences to have BibTex data and 20 results by default Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

Perfis de usuário para author: "Edivaldo Lopes Thomaz"

Edivaldo Lopes Thomaz
Professor de Geografia, Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, UNICENTRO
E-mail confirmado em unicentro.br
Citado por 297

Journal da Cultura | 10/05/2016 | author: "Joseli Maria Silva" | Nova guia

https://scholar.google.com.br/scholar?q=author%3A"Joseli+Maria+Silva"&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&as_ylo=1974&as_yhi=2013

Web Imagens Mais... vamppmorais@gmail.com

Google author:"Joseli Maria Silva"

Acadêmico Aproximadamente 77 resultados (0,04 s) Minhas citações

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

SAB de Moraes [26] B... V CABRAL, ...

LB [3] MONASTIRSKY JM SILVA, ...

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2016

Desde 2015

Desde 2012

Período específico...

1974 — 2013

Pesquisar

Classificar por

Hide the calculator

Impact indices (computed on displayed results only)

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	295	10	15	9	1	10
per co-authorship	260.2	9	15	10	1	24.5
per age	37.5	3	3	1	2.2	1.6
n3	0	0	0	0	1	1
n4	0	0	0	0	1	1
n5	0	0	0	0	1	1

New index

New normalization

Data on video might not be enough for computing indices values.

Want to add 20, 100 or all results?

Disable the advanced interface Reset selections Set Preferences to have BibTeX data and 20 results by default Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico..

1. ☒ Keep +Invalid -Invalid 0 Invalid Citations +Auth -Auth 1 Authors Top

[CITAÇÃO] Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades

JM Silva - 2009

Citado por 34 Artigos relacionados Citar Salvar

Clean Citations

Pesquisar na Web e no Windows

21:28 10/05/2016

Journal da Cultura | 10/05/2016 | author: "Elpidio Serra" | Google Tradutor

https://scholar.google.com.br/scholar?q=author%3A"Elpidio+Serra"&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&as_ylo=1974&as_yhi=2013

Web Imagens Mais... vamppmorais@gmail.com

Google author:"Elpidio Serra"

Acadêmico Aproximadamente 47 resultados (0,02 s) Minhas citações

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

ACS Almeida [21] FFA do Amaral, ...

MF Rodrigues [4] Couto MFR Couto, ...

JF DE [2] CARVALHO E SERRA

[4] P Alvo I Dalloca, ...

[2] E Serra AP Sobrinho

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2016

Desde 2015

Desde 2012

Período específico...

1974 — 2013

Pesquisar

Classificar por

Hide the calculator

Impact indices (computed on displayed results only)

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	151	7	10	7	2	3
per co-authorship	143.8	7	10	7	3	5
per age	14.2	2	2	1	3.1	2.1
n3	0	0	0	0	1	1
n4	0	0	0	0	1	1
n5	0	0	0	0	1	1

New index

New normalization

Data on video might not be enough for computing indices values.

Disable the advanced interface Reset selections Set Preferences to have BibTeX data and 20 results by default Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico..

1. ☒ Keep +Invalid -Invalid 0 Invalid Citations +Auth -Auth 1 Authors Top

[CITAÇÃO] Processos de ocupação e a luta pela terra agrícola no Paraná

E Serra - Rio Claro, 1991

Citado por 24 Artigos relacionados Citar Salvar

Clean Citations

Pesquisar na Web e no Windows

21:16 10/05/2016

Google scholar search results for "Edson Belo Clemente de Souza".

Acadêmico Aproximadamente 41 resultados (0,04 s)

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- LR Alves
- [22] ST de Azevedo, ...
- [3] BP da Costa
- SR Pereira, ...
- [3] P Alves
- AA Batista, ...

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2016

Desde 2015

Desde 2012

Período específico...

1974 — 2013

Pesquisar

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	46	4	5	3	2	3
per co-authorship	37	4	5	2	3	7
per age	5.2	1	1	0	2.1	2.1
n3	0	0	0	0	1	1
n4	0	0	0	0	1	1
n5	0	0	0	0	1	1

Data on video might not be enough for computing indices values.

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico...

1. ☒ Keep ☐ Invalid ☐ Invalid Citations ☐ +Auth ☐ -Auth 1 Authors [PDF] de unioeste.br

Contextualização política da construção da barragem de Itaipu

EBC de Souza - 2005 - e-revista unioeste.br

Resumo As circunstâncias históricas da construção da barragem de Itaipu estão inseridas no contexto político do capitalismo brasileiro. As estratégias da política econômica dos governos militares estabeleceram prioridades de desenvolvimento, através de planos ...

Google scholar search results for "Marcos Aurélio Saquet".

Acadêmico Aproximadamente 37 resultados (0,02 s)

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- AF ALVES
- [20] JA ANTONELLO, ...
- [3] GJ Marafon
- MA Saquet, ...
- [3] RB Ferreira
- DS Pereira, ...
- [2] CR Felipin
- OPDMA Saquet
- CA Casali
- [3] GG da Populao, ...

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2016

Desde 2015

Pesquisar

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	742	7	27	25	4	43
per co-authorship	448.3	6	21	18	2	41.5
per age	74.7	2	8	7	1.8	13.3
n3	0	0	0	0	1	1
n4	0	0	0	0	1	1
n5	0	0	0	0	1	1

Data on video might not be enough for computing indices values.

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico...

1. ☒ Keep ☐ Invalid ☐ Invalid Citations ☐ +Auth ☐ -Auth 1 Authors

[citação] O território: diferentes interpretações na literatura italiana

MA SAQUET - RIBAS, AD; SPOSITO, ES; SAQUET, MA Território e ..., 2004

Citado por 88 Artigos relacionados Citar Salvar

Google scholar search results for author: "Julio Cesar Paisani".

Acadêmico Aproximadamente 30 resultados (0,03 s)

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [23] J Andres A Binda, ...
- [3] AGM Araujo JK Feathers, ...

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2016

Desde 2015

Desde 2012

Período específico...

1974 — 2013

Pesquisar

Classificar por relevância

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	86	6	7	4	3	2
per co-authorship	43.6	3	5	3	1	8.2
per age	12.3	1	2	1	0.2	3.7
n3	0	0	0	0	1	1
n4	0	0	0	0	1	1
n5	0	0	0	0	1	1

Data on video might not be enough for computing indices values.

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico..

1. ☒ Keep ☐ +Invalid ☐ -Invalid 0 Invalid Citations ☐ +Auth ☐ -Auth 3 Authors [HTML] de usp.br

[HTML] Superfícies aplainadas em zona morfoclimática subtropical úmida no Planalto Basáltico da Bacia do Paraná (SW Paraná/NW Santa Catarina): primeira ...
 JC Paisani, ME Pontelli, J Andres - Geociências (São Paulo), 2008 - ppegeo.igc.usp.br
 RESUMO Este artigo apresenta superfícies aplainadas identificadas em zona morfoclimática subtropical úmida no Planalto Basáltico da Bacia do Paraná-SW do Paraná

Google scholar search results for author: "Olga Lúcia Castreghini de Freitas Firkowski".

Acadêmico 18 resultados (0,03 s)

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- OLCF FIRKOWSKI OLCDEF FIRKOWSKI, ...
- OLC de FREITAS
- [2] ... R MOURA
- [1] AG Ferreira

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2016

Desde 2015

Desde 2012

Período específico...

1974 — 2013

Pesquisar

Hide the calculator

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	121	5	11	9	5	23
per co-authorship	110.5	5	10	8	5	10.5
per age	9	2	2	1	1.8	1.4
n3	0	0	0	0	1	1
n4	0	0	0	0	1	1
n5	0	0	0	0	1	1

Data on video might not be enough for computing indices values.

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico..

1. ☒ Keep ☐ +Invalid ☐ -Invalid 0 Invalid Citations ☐ +Auth ☐ -Auth 1 Authors [PDF] de uel.br

[PDF] A nova territorialidade da indústria e o aglomerado metropolitano de Curitiba
 OLCDEF FIRKOWSKI - 2001 - geo.uel.br
 APA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL APRAZ ASSOCIAÇÃO PARANAENSE DE SUPERMERCADOS ASSESPRO ASSOCIAÇÃO DAS EMPRESAS BRASILEIRAS DE SOFTWARE BADEP BANCO DE DESENVOLVIMENTO DO PARANÁ BNH BANCO ...

author:"Eliane Tomiasi Paulino"

Acadêmico Aproximadamente 44 resultados (0,03 s) Minhas citações

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- [15] RA ALMEIDA AQ Agrria, ...
- [2] AD de Geocnias ET Paulino
- [2] ET Paulino RA Santos

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2016

Desde 2015

Desde 2012

Período específico...

1974 — 2013

Pesquisar

Hide the calculator

Impact indices (computed on displayed results only)

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	272	7	15	12	1	2
per co-authorship	220.8	7	14	10	1	22.5
per age	28.3	3	4	2	2.2	4.5
n3	0	0	0	0	1	1
n4	0	0	0	0	1	1
n5	0	0	0	0	1	1

Data on video might not be enough for computing indices values.

Disable the advanced interface Reset selections Set Preferences to have BibTex data and 20 results by default Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico..

1. ☒ Keep +Invalid -Invalid 0 Invalid Citations +Auth -Auth 1 Authors Top

[livro] Por uma geografia dos camponeses
ET Paulino - 2006 - books.google.com
Este livro é produto de uma intensa e forte pesquisa com os camponeses do norte do Paraná. Inicialmente, a autora apresenta um estudo do termo Camponeses, para posteriormente desenvolver os temas da questão agrária, em suas generalidades e ...

author:"Francisco Mendonça"

Seguro | https://scholar.google.com.br/scholar?start=20&q=author:"Francisco+Mendonça"&hl=en&as_sdt=1,5&as_ylo=1974&as_yhi=2013

Web Images More... vampporais@gmail.com

Scholar Page 3 of about 213 results (0.02 sec; Showing 10 matches) My Citations

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

- LP Agostini
- [11] M de Freitas Co., ...
- [7] T Aquino RSA De Arajo, ...
- [2] F MENDONA F Mendona
- [3] TCM Arajo FJB Mendona, ...
- [3] AAC Almeida AC Fortes, ...

Articles

Case law

My library

Any time

Since 2017

Hide the calculator

Impact indices (computed on displayed results only)

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	196	>10	>10	-	-	-
per co-authorship	132.9	4	>10	9	0.3	-
per age	22.1	2	3	1	0.4	4
n3	0	0	0	0	1	1
n4	0	0	0	0	1	1
n5	0	0	0	0	1	1

Data on video might not be enough for computing indices values.

Enable the advanced interface Reset selections Set Preferences to have BibTex data and 20 results by default Help Page Donate

1. ☒ Keep +Invalid -Invalid 0 Invalid Citations +Auth -Auth 3 Authors Top

[PDF] researchgate.i

The expression of chemokines CCL19, CCL21 and their receptor CCR7 in oral squamous cell carcinoma and its relevance to cervical lymph node metastasis
HH OliveiraNeto, PPC de Souza, MRB Da Silva - Tumor Biology, 2013 - Springer
Abstract The purpose of this study is to determine the expression of CCL19, CCL21, and CCR7 in samples of oral squamous cell carcinoma (OSCC) and their relationship with clinical and microscopic parameters. A comparative analysis was made of the mRNA

[Jornal da Cultura](#) | [10/01/2016](#) | [Nova guia](#) | [Vagner](#) | [vampmoraes@gmail.com](#)

[Web](#) [Imagens](#) [Mais...](#)

[Google](#)

Acadêmico
 Aproximadamente 30 resultados (0,03 s)

Redo the above query as: ☒ Quoted author name ☐ Word matching

Co-authors clusters

[12] F Alfaya
RS Archela, ...

Artigos
 Minha biblioteca

A qualquer momento
 Desde 2016
 Desde 2015
 Desde 2012
 Período específico...
 —

▼ Hide the calculator

Impact indices (computed on displayed results only)

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	99	6	8	5	4	7
per co-authorship	95	6	8	5	5	9
per age	11.5	1	1	1	0.6	0.3
n3 ✕	0	0	0	0	1	1
n4 ✕	0	0	0	0	1	1
n5 ✕	0	0	0	0	1	1

Data on video might not be enough for computing indices values.

Dica: Pesquisa para resultados somente em **português (Brasil)**. Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico..

1. ☒ Keep 0 1
[PDF] de ufc.br

Centros locais e pequenas cidades: diferenças necessárias
TM Fresca - Mercator, 2010 - periodicos.ufc.br
 Resumo O trabalho procura contribuir para estabelecer diferenças conceituais entre centros locais e pequenas cidades. Ambos os termos tem sido utilizados em diversas bibliografias como se fossem sinônimos, não levando em conta as necessárias diferenças entre ambos...

Journal da Cultura | 10/... X author: "Ângela Massumi" X Olga Lúcia C. de Freitas Fir... X

https://scholar.google.com.br/scholar?q=author%3A%22Ângela+Massumi+Katuta%22&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&as_ylo=1974&as_yhi=2013

Web Imagens Mais...

Google

author: "Ângela Massumi Katuta"

Acadêmico 18 resultados (0,02 s)

Minhas citações

Redo the above query as: Quoted author name Word matching

Co-authors clusters

[2] M KATUTA
2 Katuta

[2] M Katuta
JG SOUZA

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2016

Desde 2015

Desde 2012

Período específico...

1974 — 2013

Pesquisar

Classificar por relevância

Hide the calculator

Impact indices (computed on displayed results only)						
Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	106	5	9	7	3	2
per co-authorship	90	5	8	6	3	1
per age	9.5	2	2	0	3.7	3.7
n3	0	0	0	0	1	1
n4	0	0	0	0	1	1
n5	0	0	0	0	1	1

New normalization

Data on video might not be enough for computing indices values.

Disable the advanced interface Reset selections Set Preferences to have BibTeX data and 20 results by default Help Page Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico.

1. ☒ Keep 0 Invalid Citations 2 Authors

[citação] Geografia e conhecimentos cartográficos
JG SOUZA, M Katuta - Geografia e conhecimentos cartográficos. São Paulo: ..., 2001
Citado por 32 Artigos relacionados Citar Salvar

Clean Citations

Jornal da Cultura | 10/05/2016 | author:"Sylvio Fausto Gil Filho" | Nova guia | Vagner | vamppmoraes@gmail.com

https://scholar.google.com.br/scholar?q=author%3A"Sylvio+Fausto+Gil+Filho"&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&as_ylo=1974&as_yhi=2013

Web | Imagens | Mais... | Google | author:"Sylvio Fausto Gil Filho" | Minhas citações

Acadêmico | Aproximadamente 40 resultados (0,03 s)

Redo the above query as: Quoted author name | Word matching

Co-authors clusters

[15] DR CARLOTO SFGIL FILHO, ...

Artigos

Minha biblioteca

A qualquer momento

Desde 2016

Desde 2015

Desde 2012

Período específico...

1974 — 2013

Pesquisar

Classificar por relevância

Classificar por data

Pesquisar na Web

Hide the calculator

Impact indices (computed on displayed results only)

Normalization	Citations	h-index	g-index	e-index	delta-h	delta-g
none	262	9	15	11	3	3
per co-authorship	240	8	15	11	1	22.5
per age	29	3	4	2	2.1	4.6
n3	0	0	0	0	1	1
n4	0	0	0	0	1	1
n5	0	0	0	0	1	1

Data on video might not be enough for computing indices values.

Disable the advanced interface | Reset selections | Set Preferences to have BibTeX data and 20 results by default | Help Page | Donate

Dica: Pesquisa para resultados somente em português (Brasil). Você pode especificar seu idioma para pesquisa em Configurações do Acadêmico..

Perfis de usuário para author:"Sylvio Fausto Gil Filho"

Sylvio Fausto Gil Filho
Professor Associado Departamento de Geografia UFPR
E-mail confirmado em ufpr.br
Citado por 301

1. Keep +Invalid -Invalid 0 Invalid Citations +Auth -Auth 1 Authors Top

Pesquisar na Web e no Windows | 21:32 10/05/2016